

X CONGRESSO
INTERNACIONAL
DA SOCIEDADE
DE FILOSOFIA
DA EDUCAÇÃO
DE LÍNGUA
PORTUGUESA
A EDUCAÇÃO
ENTRE INCLUSÕES
E EXCLUSÕES

LIVRO DE RESUMOS

COMISSÃO ORGANIZADORA

LUÍS MANUEL A. V. BERNARDO (FCSH/UNL, IFILNOVA) – SOFELP
ANTÔNIO JOAQUIM SEVERINO (UNINOVE) – SOFELP
JOSÉ PEDRO FERNANDES (ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO BEJA/PT, CIEQV) – SOFELP
MARIA DULCINEA DA SILVA LOUREIRO (URCA) – SOFELP
MARIA TERESA SANTOS (UEVORA, CIDEHUS) – SOFELP
RAQUEL PEREIRA HENRIQUES (FCSH/UNL, IHC)
SUSANA BATISTA (FCSH/UNL, EDUNOVA.ISPA)
ANTÓNIO MOREIRA TEIXEIRA (UNIVERSIDADE ABERTA, LE@D)
JOÃO PAZ (UNIVERSIDADE ABERTA, LE@D)
CECÍLIA TOMÁS (LE@D)

COMISSÃO CIENTÍFICA

ALÍPIO DIAS CASALI (PUC SÃO PAULO)
ALESSANDRO MARIANI (UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI FIRENZE)
ANNALISA CAPUTO (UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI BARI ALDO MORO)
ANTÓNIO CIPRIANO GONÇALVES (UNIVERSIDADE SÃO TOMÁS DE MOÇAMBIQUE)
ANTÓNIO GOMES FERREIRA (UNIVERSIDADE DE COIMBRA)
CAMILLE ROELENS (UNIVERSITÉ CLAUDE BERNARD LYON 1)
CARLA VILHENA (UNIVERSIDADE DO ALGARVE)
CLEIDE RITA SILVERIO DE ALMEIDA (UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO)
DANIEL BART (UNIVERSITÉ DE TOULOUSE JEAN JAURÈS)
DANIEL DOMÍNGUEZ FIGAREDO (UNED)
DULCINEA LOUREIRO (URCA)
ELAINE TEREZINHA DAL MAS DIAS (UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO)
ELVIS REZENDE MESSIAS (INSTITUTO FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO)
FILIPA SEABRA (UNIVERSIDADE ABERTA)
GONÇALO MARCELO (UNIVERSIDADE DE COIMBRA)
ISABEL BAPTISTA (UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA)
JOÃO PAZ (UNIVERSIDADE ABERTA)
JOSÉ FRANCISCO ÁLVAREZ (UNED)
JOSÉ PEDRO FERNANDES (IPBEJA)
LEONOR LIMA TORRES (UNIVERSIDADE DO MINHO)
LUÍS MANUEL BERNARDO (UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA)
LUÍS MIGUEL DE CARVALHO (UNIVERSIDADE DE LISBOA)
MARCOS ANTONIO LORIERI (UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO)
MARIA GARCÍA AMILBURU (UNED)
MARIA JOÃO COUTO (UNIVERSIDADE DO PORTO)
NADJA HERMANN (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA)
PAULA CRISTINA PEREIRA (UNIVERSIDADE DO PORTO)
TERESA LOPO (UNIVERSIDADE LUSÓFONA)

APRESENTAÇÃO

A SOFELP

A Sociedade de Filosofia da Educação de Língua Portuguesa – SOFELP foi criada em 2008 tendo como propósitos: a) O desenvolvimento de ações no domínio da sua vocação científica; b) A promoção e o desenvolvimento da investigação nas áreas de intervenção científica; c) A consultoria e outras prestações de serviços qualificados a entidades públicas e privadas; d) A realização de congressos, colóquios, seminários e outras atividades congéneres; e) A divulgação de textos, seminários e outros trabalhos de investigação; f) A colaboração com entidades públicas e privadas, nacionais e estrangeiras na realização de estudos, trabalhos e ações, bem como na promoção de centros de investigação.

Dentro da tradição filosófica, nas suas margens ou na interseção de outros saberes, os congressos e colóquios da SOFELP têm acompanhado temas emergentes criando momentos privilegiados de debate sobre a educação. Com uma aposta em contributos teórico-práticos inovadores e conceções diversificadas, decorrentes dos vários saberes que procuram compreender os fenómenos educativos, valoriza o português como língua científica e académica, a par de todas as outras trazidas pelos seus participantes, bem como os investigadores de qualquer latitude e longitude da lusofonia. Assim, esta amplitude de perspetivas e de geografias, instigada pela natureza crítica e inquiridora da Filosofia que pensa a existência, as condições, a vida, os limites da Educação, tem vindo a revelar-se o traço distintivo da SOFELP, no contexto das sociedades internacionais de Filosofia da Educação.

A SOFELP já organizou 9 Congressos e 5 Colóquios internacionais em diferentes países da comunidade lusófona. Em 2026, associa-se ao IFILNOVA, Instituto de Filosofia da Universidade NOVA de Lisboa, e ao Laboratório de Educação a Distância e E-learning da Universidade Aberta – LE@D, para realizar em Lisboa o seu X Congresso Internacional, dedicado ao tema *A Educação entre Inclusões e Exclusões*. Com tal colaboração, pretende promover uma reflexão alargada, de cariz pluridisciplinar, sobre um dos eixos que estrutura a realidade educacional em geral e constitui um desafio complexo para os sistemas educativos atuais.

O CONGRESSO

RATIONALE

Processos diversificados de inclusão e exclusão marcam em todas as épocas e sociedades o que cabe entender por educação. Iniciação à idade adulta; privilégio do cidadão, do senhor, do governante; condição da elite cultural; meio de aceder ao sucesso laboral ou económico; seleção dos mais aptos; garantia de ócio; possibilidade de formação de uma personalidade; cuidado de si e dos outros; modalidade por excelência de promover a integração social, a aculturação, a figura do humano idealizada. As múltiplas e diversas finalidades que se lhe têm assacado resultam em enunciados que traduzem essa dialética entre o que é incluído, por direito, necessidade ou convicção, e o que, em consequência, se deve excluir, pela mesma ordem de razões.

Uma zona completa do discurso educacional orienta-se, consequentemente, para a produção de justificativas e validações dessas correlações entre as duas diretrizes, enquanto as práticas se alinham por tais propósitos, a maior parte delas para materializá-los, outras, em menor número, para superá-los. Tal significa que essa dinâmica não se oferece estática, na sincronia ou na diacronia, antes supõe uma gama de matizes e variantes, que importa identificar e compreender, relativamente à dominante, mais excludora ou mais inclusiva, que caracteriza cada conceção educacional e cada sistema educativo. Do mesmo modo, os discursos que visam determinar os sentidos de tal movimento provêm de diferentes áreas epistémicas, confluindo para a consolidação de uma perspetiva consensualizada sobre o que cabe incluir ou excluir, valorizar ou segregar, reconhecer ou recusar, acolher ou renegar, o que sugere a importância do diálogo entre a filosofia da educação e os outros domínios disciplinares que assumem igualmente a educação como objeto de estudo.

O predomínio dos fatores de exclusão também se verifica quando se consideram as práticas. Perante uma realidade multifacetada e assimétrica, no que respeita às condições sociais, políticas, económicas e culturais, em geral, e aos sistemas educativos, em particular, apesar de todos os esforços contrários, constata-se que as formas de exclusão teimam em reproduzir-se. É verdade que, na nossa época, tem-se vindo a projetar um futuro de maior igualdade, no respeito das diversidades; de maior democraticidade, não obstante a pluralidade de circunstâncias e de entendimentos do que é a democracia; de maior solidariedade, independentemente da magnitude e do da relevância das soluções encontradas. Revela-se nessa perspetiva uma eventual diferença histórica, refletida na intenção de inverter o sentido da polaridade, conferindo uma predominância decisiva ao fator inclusivo sobre as formas de exclusão. A educação para todos, modelo iluminista e humanista que melhor se alinha com os ideais democráticos, deveria tornar-se, em tal visão de um futuro já inscrito na vontade presente, numa educação inclusiva para todos.

Não obstante a disseminação cada vez mais consolidada dessa orientação discursiva, é patente que novas formas de exclusão, ou reconfigurações de formas vigentes, têm sido produzidas, seja a partir de

condições definidas por essa mesma discursividade, seja por efeitos que esta não consegue prever. Uma das mais focadas hoje é a que se relaciona com o recurso a tecnologias digitais, mormente às aplicações do foro da Inteligência Artificial Generativa. Se a utilização responsável destas, regulada com transparência e equidade, promove a inclusão, ao facilitar serviços, personalizar a aprendizagem e ampliar a participação cívica, a sua aplicação desregulada pode ampliar exclusões, por desigualdades de acesso, literacia e enviesamentos nos dados. Mas essas inquietações não podem deixar de se inserir num quadro mais vasto, no qual toda a problemática da circulação de pessoas, do multiculturalismo, da integração local e individual constitui outro campo de inclusões e exclusões que afeta diretamente o pensamento e a prática educacionais.

É assim um regime de profundas tensões em torno dessa polaridade que emerge e se inscreve no pensamento e na ação atuais, suscitando a necessidade de uma discussão aprofundada do que cabe no conceito de educação e nas práticas educativas, de modo a dar corpo pleno a essa nova determinação normativa, orientada para o alinhamento entre a universalidade do direito à educação e a inclusão diferenciada universal. Nessa conversação alargada, trata-se porventura de questionar como é possível transitar da visão meritocrática, norteadas por princípios e finalidades gerais, de carácter sistémico, para um paradigma de justiça educativa, centrado nas pessoas, nos seus projetos e nas suas expectativas, mais crítico, ecológico, humanizado, participado e generoso.

O X Congresso Internacional da SOFELP assume precisamente a importância desse debate sobre o quadro nocional que valida o projeto de uma matriz educacional inclusiva, as condições da sua concretização, os limites que se lhe opõem, as alternativas de dissenso que se apresentam, os modos como se entrosam com as figuras da exclusão. Alinha, assim, os seus objetivos com a sugestão da UNESCO de que, um novo contrato social para a Educação estando em curso, uma reflexão global sobre essa transformação se torna essencial. Assume, igualmente, que o problema diz respeito à Filosofia da Educação, instigando uma reflexão complexa sobre o fenómeno educativo, a partir desses dois valores, que deverá contribuir para um esclarecimento mais efetivo do que está em causa. Assume, por fim, que uma tal dialética só pode expressar-se pelo reconhecimento prévio da pluralidade de manifestações do mesmo par e por meio do diálogo pluridisciplinar, nomeadamente entre os saberes que tomam a educação como objeto epistemológico.

EIXOS TEMÁTICOS PRINCIPAIS

FILOSOFIAS DA EDUCAÇÃO
INCLUSIVAS E EXCLUSIVAS

UNIVERSALIDADES, LOCALIDADES
E INSTITUCIONALIDADES EDUCATIVAS:
CONCEITOS E PRÁTICAS

O TRABALHO DAS NOÇÕES
E A ORDEM DOS DISCURSOS

OS EFEITOS DO DESENVOLVIMENTO
DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

COSMOPOLITISMOS E NACIONALISMOS

IDENTIDADES PLURAIS:
HUMANISMOS E PÓS-HUMANISMO

ORGANIZAÇÃO DO EVENTO

O PROGRAMA CONSISTE EM

- Cinco conferências plenárias, unidas pela temática do Congresso, mas diversas nos âmbitos que privilegiam e nas perspectivas teóricas que adotam.
- Três mesas-redondas, visando promover o diálogo entre a Filosofia da Educação e outras disciplinas dos Estudos de Educação (Sociologia da Educação, História da Educação, Psicologia da Educação, Economia da Educação, Política da Educação, Educação Artística), em torno da pergunta: como é que a educação contemporânea tem vindo a promover a inclusão ou a provocar a exclusão?
- Comunicações e apresentações de projetos de investigação no domínio da Filosofia da Educação, a área de intervenção da SOFELP, ou noutros campos de investigação que com ela dialoguem, tendo em consideração diferentes contextos e temporalidades, em particular sobre os eixos temáticos.

PROGRAMA

9 SETEMBRO 2026

SESSÃO DE ABERTURA

10H-10H30

AUDITÓRIO B3

ALEXANDRA CURVELO (DIRETORA DA NOVA FCSSH)
SANDRA CAEIRO (VICE-REITORA PARA A INVESTIGAÇÃO E CIÊNCIA ABERTA DA UAB)
SUSANA CADILHA (COORDENADORA DO EPLAB, IFILNOVA)
ANTÓNIO MOREIRA TEIXEIRA (COORDENADOR DO LE@D)
LUÍS MANUEL A. V. BERNARDO (PRESIDENTE DA SOFELP)
MARIA LUÍSA OLIVEIRA (SECRETÁRIA DE ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR)

COFFEE BREAK

10H30-11H00

JUNTO AO AUDITÓRIO B3

APRESENTAÇÃO DO CONGRESSO

11H-12H

AUDITÓRIO B3

LUÍS MANUEL A. V. BERNARDO

COMUNICAÇÕES PARALELAS I

12H-13H30

SALA B304

SALA B307

SALA B309

CURRÍCULO, DIDÁTICA
E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

DEMOCRACIA, CIDADANIA
E EDUCAÇÃO

INCLUSÃO, DIFERENÇA
E INTERCULTURALIDADE

MODERAÇÃO
MARIA DULCINEA DA SILVA LOUREIRO

MODERAÇÃO
RAQUEL PEREIRA HENRIQUES

MODERAÇÃO
JOSÉ EUSTÁQUIO ROMÃO

REFORMAS CURRICULARES E O LIVRO
DIDÁTICO DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM CENA

CAROLINE CARREIRO DO CARMO
ISABEL MELERO

UNINOVE
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO – UNIFESP

MATERIAL DIDÁTICO E LINGUAGEM
DIALÓGICA COMO INDICADORES
DE QUALIDADE NA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA
EM ESPAÇOS LABORAIS
(À DISTÂNCIA)

JOSÉ MARCOS ALVES
ADRIANA APARECIDA DE LIMA TERÇARIOL

UNINOVE

ENTRE INCLUSÕES E EXCLUSÕES NO ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
PARA A FORMAÇÃO HUMANA SOB UMA
PERSPECTIVA FILOSÓFICO-EDUCACIONAL EM
UMA ETEC NO ESTADO DE SÃO PAULO, BRASIL
(À DISTÂNCIA)

ANA PAOLA MATIASO CRUZ
ANTÔNIO JOAQUIM SEVERINO

UNINOVE

A SALA DE AULA INVERTIDA: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA ELAINE CRISTINA DO PRADO NOBREGA UNINOVE	COMUNALIDADES E EDUCAÇÃO: VALORES COMUNS EM DIÁLOGOS (À DISTÂNCIA) CLEIDE RITA SILVÉRIO DE ALMEIDA LAIS FERNANDA DA SILVA SÍLVIA HELENA CARDOSO DOS SANTOS RODRIGUES UNINOVE	A PEDAGOGIA NA PERSPECTIVA DA INTERCULTURALIDADE CRÍTICA: FUNDAMENTOS, TENSÕES E POSSIBILIDADES FLÁVIO BRITO ANTÔNIO JOAQUIM SEVERINO UNINOVE
A FUNÇÃO PEDAGÓGICA DAS IMAGENS NOS ITENS DE BIOLOGIA DO EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO (2009–2025): UMA ANÁLISE À LUZ DA APRENDIZAGEM MULTIMÍDIA, DA CARGA COGNITIVA E DAS IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL EVANILSON OLIVEIRA ELAINE PAVINI CINTRA INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO	AS CONFERÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E O PLANO NACIONAL DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA – UMA LEITURA CRÍTICA CASEMIRO DE MEDEIROS CAMPOS JOSEFA GLEICE DO NASCIMENTO JULIANA MARINA DE FAÇANHA E CAMPOS FACULDADE DO BAIXO PARNAÍBA – FAP UNINOVE	O PROJETO BRINCADAS E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ACESSÍVEIS (À DISTÂNCIA) MARIA DA CRUZ SOUSA SANTOS LEANDRO SANTOS PEREIRA UNINOVE
PRÁTICAS FILOSÓFICAS NO ENSINO TÉCNICO EM MARKETING: ÉTICA E FORMAÇÃO DE VALORES EM AMBIENTES TECNOLÓGICOS DENIS HENRIQUE MAIA ANTÔNIO JOAQUIM SEVERINO UNINOVE	PAULO FREIRE E A DOCÊNCIA EM EJA JOSEFA GLEICE DO NASCIMENTO UNINOVE	TERRITÓRIO NEGRO E AS ESCOLAS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A CONCEPÇÃO, PRÁTICAS, REALIZAÇÕES E PERSPECTIVAS DO PROJETO TENEGRES BRASILÂNDIA LUIZ FERNANDO ZUCATELLE DUARTE JASON FERREIRA MAFRA UNINOVE INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO (IFSP)
ALMOÇO		
PLENÁRIA I	14H30–15H30	AUDITÓRIO B3
PENSAR (EM LÍNGUA PORTUGUESA) A EDUCAÇÃO PARA ENFRENTAR UM MUNDO FRATURADO: INCLUSÕES E EXCLUSÕES		
SÍLVIO GALLO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS		
<u>MODERAÇÃO</u> JOSÉ PEDRO MATOS FERNANDES		
COFFEE BREAK	15H30–16H00	JUNTO AO AUDITÓRIO B3
COMUNICAÇÕES PARALELAS II		16H–17H30
SALA B304	SALA B307	SALA B309
DIVERSIDADE, TERRITÓRIO E COMUNIDADE	ENSINO DE FILOSOFIA I CURRÍCULO E POLÍTICAS	ENSINO DE FILOSOFIA II METODOLOGIAS E ESCRITA FILOSÓFICA
<u>MODERAÇÃO</u> SÍLVIA DE ALMEIDA	<u>MODERAÇÃO</u> ANTÔNIO JOAQUIM SEVERINO	<u>MODERAÇÃO</u> JANILCE SILVA PRASERES
8		

ENTRE A UNIVERSALIDADE E A DIFERENÇA: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS EM CONTEXTOS ESPECIALIZADOS (À DISTÂNCIA) MANUELA FRANCISCO CECÍLIA TOMÁS SOFIA MALHEIRO DA SILVA LE@d, UNIVERSIDADE ABERTA	FILOSOFIAS DO CUIDADO NO TREINO DESPORTIVO: PERSPETIVAS RELACIONAIS PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA (À DISTÂNCIA) PAULO ANTUNES PRAXIS UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR	IDENTIDADE PEDAGÓGICA MULTIRREFERENCIAL ENQUANTO PRÁTICA INCLUSIVA BERNARDO DOS SANTOS MARTINS NOVA FCSH
ALFABETIZAÇÃO COMO PROJETO DE EMANCIPAÇÃO? UMA ANÁLISE DAS CAMPANHAS DE ALFABETIZAÇÃO DA COMISSÃO PRÓ-UNEP E DO MOVIMENTO ALFA EM PORTUGAL (1974-1976) (À DISTÂNCIA) TERESA TEIXEIRA LOPO DANIEL BART UNIVERSIDADE LUSÓFONA UNIVERSITÉ DE TOULOUSE	A IDEOLOGIA NO LIVRO DIDÁTICO DE FILOSOFIA (À DISTÂNCIA) ANTONIO FRANCISCO LOPES DIAS UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ	JOGOS DE FILOSOFIA NO SECUNDÁRIO E INCLUSÃO - UM TESTEMUNHO DE APRENDIZAGEM DO MESTRADO EM ENSINO SOFIA RUIVO DE FREITAS NOVA FCSH
RECONHECER OU SILENCIAR? DIVERSIDADE LINGUÍSTICA E EXCLUSÃO EM ESCOLAS COM ALUNOS DE ORIGEM IMIGRANTE SUSETTE ALBINO SÍLVIA DE ALMEIDA NOVA FCSH, CHAM, EDUNOVA.ISPA	RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA NO ÂMBITO DO PIBID: A LUZ DO PENSAMENTO DE SÍLVIO GALLO, DA TEORIA À PRÁTICA (À DISTÂNCIA) ANTONIA DAVIDÁ VASCONCELOS SAMUEL ASSIS DONATO PEIXOTO ERMÍNIO DE SOUSA NASCIMENTO UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ	O ENSINO DE FILOSOFIA E A ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: AUTOFORMAR-SE A PARTIR DA EXPERIÊNCIA VIDA (À DISTÂNCIA) DARCÍSIO NATAL MURARO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
A CRISE DOS TURNOS E O ESPAÇO-TEMPO EDUCATIVO: UM ESTUDO COMPARADO ENTRE O MODELO ITALIANO E SÃO CAETANO DO SUL MAGNUS GUERREIRO THOMAZINI CELSO DO PRADO FERRAZ DE CARVALHO UNINOVE	ENSINO DE FILOSOFIA E RECOMPOSIÇÃO DA APRENDIZAGEM (À DISTÂNCIA) FRANCISCO JOSÉ ASSUNÇÃO DA SILVA MARIA THAIS DA SILVA DA CRUZ UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS	O TEXTO FILOSÓFICO COMO BASE PARA A ESCRITA DO ENSAIO FILOSÓFICO (À DISTÂNCIA) JANILCE SILVA PRASERES PRAXIS UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
MESA - REDONDA	17H45–19H	AUDITÓRIO B3
UNIVERSALIDADE E DIFERENÇA: INCLUSÕES E EXCLUSÕES NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA		
JOSÉ EUSTÁQUIO ROMÃO (UNINOVE) LEONOR LIMA TORRES (UNIVERSIDADE DO MINHO) DAVID JUSTINO (UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA) ISABEL BAPTISTA (UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA)		
<u>MODERAÇÃO</u> SUSANA BATISTA		
9		

10 SETEMBRO 2026		
PLENÁRIA II	10H30–11H30	AUDITÓRIO B3
DIFFERENCE AND EDUCATION		
ANDREA ENGLISH UNIVERSITY OF EDINBURGH		
MODERAÇÃO ANTÔNIO MOREIRA TEIXEIRA		
COFFEE BREAK	11H30–12H00	JUNTO AO AUDITÓRIO B3
COMUNICAÇÕES PARALELAS III		12H–13H30
SALA B304	SALA B307	SALA B309
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO	HUMANISMOS, PÓS-HUMANISMOS E FORMAÇÃO HUMANA	FILOSOFIA DA TECNOLOGIA E SOCIEDADE PÓS-DIGITAL
MODERAÇÃO ANA PAULA SILVA	MODERAÇÃO ERNESTO CANDEIAS MARTINS	MODERAÇÃO CHRYSI RAPANTA
EDUCAÇÃO PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA DE DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO AOS BENS CULTURAIS PAULA KARINE DE OLIVEIRA MENDES UNINOVE	DECOLONIALIDADE DOS ESPAÇOS ESCOLARES E FORMAÇÃO HUMANA: A PINACOTECA ESCOLAR COMO TERRITÓRIO DE HUMANIZAÇÃO ANA LÚCIA NUNES URTADO SILVA ANTÔNIO JOAQUIM SEVERINO UNINOVE	A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL À LUZ DE DAVID HUME (À DISTÂNCIA) TERESA TATO LIMA NOVA FCSH, CHAM
SEM ENCONTRO HÁ EDUCAÇÃO? UMA PROBLEMATIZAÇÃO ONTOLÓGICA E ÉTICA DA INCLUSÃO ANA PAULA SILVA UNIVERSIDADE LUSÓFONA – CEIED	A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NO CENÁRIO DIALÓGICO (TRANSDISCIPLINAR) DO PARADIGMA DA DIVERSIDADE: DESAFIOS E ENFOQUES ERNESTO CANDEIAS MARTINS INSTITUTO POLITÉCNICO DA LUSOFONIA	EPISTEMICÍDIO NA ERA DA IAG: IMPLICAÇÕES PARA PEDAGOGIAS CRÍTICAS CONTEMPORÂNEAS CHRYSI RAPANTA EDUNOVA.ISPA
O PENSAMENTO PEDAGÓGICO DO PADRE MANUEL ANTUNES, SJ - A EDUCAÇÃO INTEGRAL COMO VIA PRIVILEGIADA DE INCLUSÃO (À DISTÂNCIA) ANA LÚCIA FERREIRA CENTRO DE ESTUDOS GLOBAIS – UNIVERSIDADE ABERTA	MESAS, QUADROS BRANCOS E HUMIDADE - A INCLUSÃO AGENCIAL DE MATERIALIDADES VITAIS NÃO-HUMANAS NO EXERCÍCIO DA EDUCAÇÃO JOÃO MÁRIO PEREIRA NOVA FCSH	TYKHE: PRÁXIS LIBERTADORA FRENTE AO DETERMINISMO ALGORÍTMICO FELIPE F. NEVES URBANO N. NOJOSA PUC-SP
POR UMA EDUCAÇÃO MIDIÁTICA CRÍTICA: CONTRIBUIÇÕES À LUZ DA HERMENÊUTICA DO SUJEITO EM FOUCAULT NÁDIA LEBEDEV MÁRCIA FUSARO UNINOVE	O CAMINHO FAZ-SE EDUCANDO. EDUCAÇÃO, UM PROCESSO FUNDAMENTAL PARA EMPODERAR MUSEUS E SUAS COMUNIDADES ANA JOÃO MACATRÃO UNIVERSIDADE LUSÓFONA MUSEU NACIONAL RESISTÊNCIA E LIBERDADE	TECNODIVERSIDADE E EDUCAÇÃO: COSMOTÉCNICAS, EXCLUSÕES E POSSIBILIDADES INTERCULTURAIS (À DISTÂNCIA) EMANUEL MARCONDES DE SOUZA TORQUATO UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI
10		

ALMOÇO		
PLENÁRIA III	14H30–15H30	AUDITÓRIO B3
EDUCATION AT THE CROSSROADS OF INCLUSION AND EXCLUSION: THE CONTRIBUTION OF CONTEMPORARY ITALIAN PEDAGOGY		
ALESSANDRO MARIANI UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI FIRENZE		
MODERAÇÃO LUÍS MANUEL A. V. BERNARDO		
COFFEE BREAK	15H30–16H00	JUNTO AO AUDITÓRIO B3
COMUNICAÇÕES PARALELAS IV		16H–17H30
SALA B304	SALA B307	SALA B309
CAMINHOS DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO	TECNOLOGIAS DIGITAIS, LITERACIAS E INCLUSÃO	IA, ÉTICA E EDUCAÇÃO
MODERAÇÃO TERESA TEIXEIRA LOPO	MODERAÇÃO ELISABETE FIEL	MODERAÇÃO DOMINGOS FARIA
REGISTO IDENTITÁRIO DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NACIONAL. 50 ANOS DE HISTÓRIA DA DISCIPLINA EM PORTUGAL (1976-2026) (À DISTÂNCIA) MARGARIDA BORGES FERREIRA ESCOLA SUPERIOR DE SAÚDE JEAN PIAGET	A ORALIDADE E A ESCRITA COM A FÁBRICA DE HISTÓRIAS PLEADON: UMA INVESTIGAÇÃO DESIGN-BASED RESEARCH (À DISTÂNCIA) MIRELIS LAZO PÉREZ SOFIA MALHEIRO DA SILVA EMA PATRÍCIA OLIVEIRA UNIVERSIDADE BEIRA INTERIOR CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA	A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA EDUCAÇÃO: UMA REFLEXÃO SOBRE OS ASPECTOS ECONÓMICOS E POLÍTICOS NO PROCESSO DE OBSOLESCÊNCIA DO SER HUMANO (À DISTÂNCIA) MARIA CLARA COSTA FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE DO PORTO
VISAR A COMPLEXIDADE, RELIGAR OS SABERES, REFORMAR O MODO DE PENSAR, MELHORAR A VIDA HUMANA: A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO DE EDGAR MORIN COMO HORIZONTE DE PRÁTICAS INCLUSIVAS LUÍS MANUEL A. V. BERNARDO IFILNOVA	INCLUSÃO EM REDE: ETWINNING, SELFIE E O FUTURO DAS COMPETÊNCIAS DIGITAIS ELISABETE FIEL NOVA FCSH, EDUNOVA.ISPA	IA GENERATIVA E VIRTUDES INTELECTUAIS: CRITÉRIOS PARA BOAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS (À DISTÂNCIA) DOMINGOS FARIA INSTITUTO FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO
FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL COMO QUESTÃO NO FEMININO (À DISTÂNCIA) LEONI MARIA PADILHA HENNING UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA	DESAFIOS DA LEITURA E DA ESCRITA DE TEXTOS ACADÊMICOS NO CONTEXTO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS (À DISTÂNCIA) FRANCISCO VALDÉRIO ANA CRISTINA CHAMPOUDRY UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO	A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA EDUCAÇÃO ENTRE INCLUSÕES E EXCLUSÕES: REFLEXÕES ÉTICAS E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS JOSÉLIA FONSECA FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS, UNIVERSIDADE DOS AÇORES, CEAD, CHAM
11		

INCLUSÕES DIFERIDAS: DO TEMPO PERDIDO AO TEMPO RECUPERADO LUÍS ALVES DA COSTA CENTRO “QUALIFICA” DA ESCOLA SECUNDÁRIA MARQUÊS DE POMBAL	TOWARDS A MULTIDIMENSIONAL EXCLUSION FRAMEWORK FOR AI IN EDUCATION (À DISTÂNCIA) WAQAS HALIM AI4EDU LAB, TORONTO	AUTONOMIA E AGENCIAMENTO HUMANO NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA: IMPACTO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS INTELIGENTES NA RECONFIGURAÇÃO DA AÇÃO EDUCATIVA ANTÓNIO MOREIRA TEIXEIRA JOÃO PAZ UNIVERSIDADE ABERTA LE@D
MESA - REDONDA	17H45–19H	AUDITÓRIO B3
A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE PÓS-DIGITAL ENTRE INCLUSÕES E EXCLUSÕES		
STEVEN SEQUEIRA GOUVEIA (UNIVERSIDADE DO PORTO) FILIPA SEABRA (UNIVERSIDADE ABERTA) ANA MOURAZ (UNIVERSIDADE ABERTA)		
MODERAÇÃO CECÍLIA TOMÁS		
MOMENTO MUSICAL	SALA B304	
JOÃO MÁRIO PEREIRA E CAROLINA FERREIRA		
12		

11 SETEMBRO 2026

PLENÁRIA IV

11H–12H

AUDITÓRIO B3

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: SERMOS JUSTOS PARA PODER VIVER JUNTOS

DAVID RODRIGUES
CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MODERAÇÃO
MARIA TERESA SANTOS

COMUNICAÇÕES PARALELAS V

12H–13H15

SALA B304

SALA B307

SALA B309

INCLUSÃO ESCOLAR
E EDUCAÇÃO ESPECIAL

INCLUSÃO, EXCLUSÃO
E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

DISCURSOS, LINGUAGEM
E SUBJETIVIDADE

MODERAÇÃO
MARIA DULCINEA DA SILVA LOUREIRO

MODERAÇÃO
SUSANA BATISTA

MODERAÇÃO
TERESA TATO LIMA

SABERES DOCENTES E PRÁTICAS
COLABORATIVAS NA EDUCAÇÃO
INCLUSIVA
(À DISTÂNCIA)

LAERCIO PEREIRO
LEANDRO SANTOS PEREIRA

UNINOVE

REFLEXÕES SOBRE OS IMPACTOS
DA “SOCIEDADE DO DESEMPENHO”
NAS PRÁTICAS DOCENTES
(À DISTÂNCIA)

GENILSON DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA
PRISCILLA PONTES BEZERRA MENDES
ERMÍNIO DE SOUSA NASCIMENTO

UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FADAS NA FILOSOFIA: A IMPORTÂNCIA
DAS REPRESENTAÇÕES DO FANTÁSTICO
NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO
(À DISTÂNCIA)

MARIA MURTA
SERGIO RODERO

CIDEHUS/UNIVERSIDADE DE ÉVORA
UNIVERSIDAD DE SALAMANCA

OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS AO TRABALHO
POR PSICÓLOGOS ESCOLARES
NA EDUCAÇÃO BÁSICA

CRISTINA VIEIRA DA SILVA PANTOSI

UNINOVE

INCLUSÕES EXCLUDENTES: O FIM DAS
HUMANIDADES EM TEMPOS NEOLIBERAIS

MANOEL FERNANDES DE SOUSA NETO
MARIA DULCINEA DA SILVA LOUREIRO

USP, URCA

CENA E ARQUIVO NOS TEXTOS
DE JACQUES RANCIÈRE: OS SENTIDOS
DA EDUCAÇÃO EM QUESTÃO

TAÍS ARAÚJO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO/USP

PATOLOGIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO
E INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS
SURDAS: ENTRE A DIFERENÇA LINGUÍSTICA
E A LÓGICA DA NORMALIZAÇÃO
(À DISTÂNCIA)

WIVIANE LOPES VENANCIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JATAÍ

PROGRESSÃO CONTINUADA:
ENTRE A INCLUSÃO FORMAL
E A EXCLUSÃO SUBJETIVA
(À DISTÂNCIA)

FABIANA DE OLIVEIRA RIBEIRO
FILOMENA ELAINE PAIVA ASSOLINI

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
DE RIBEIRÃO PRETO – USP

REPRESENTAÇÃO FENOMENOLÓGICA
DO ALUNO

JOAQUIM CARLOS ARAÚJO

ESCOLA SECUNDÁRIA DE JOSÉ AFONSO (LOURES)

INCLUSÃO OU ASSIMILAÇÃO? A EDUCAÇÃO
MOÇAMBICANA ENTRE HERANÇAS COLONIAIS
E DISPUTAS EPISTEMOLÓGICAS
(À DISTÂNCIA)

AFONSO SEQUETEIRO
FARIDA RABIA SEQUETEIRO
NATÁLIA MARIA ROCHA BARBOSA SILVA

UNINOVE

FORMAÇÃO DOCENTE E PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE MATEMÁTICA
NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

CRISTINA LUCIA DA COSTA
ANTÔNIO JOAQUIM SEVERINO

UNINOVE

ENTRE O VER E O SABER: IMAGEM,
CONHECIMENTO E SUBJETIVIDADE
NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

RITA MÁRCIA MAGALHÃES FURTADO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, BRASIL

ALMOÇO		
PLENÁRIA V	14H30–15H30	AUDITÓRIO B3
RACIONALIDAD ACOTADA, COGNICIÓN EXTENDIDA E INTELIGENCIA ARTIFICIAL RESPONSABLE EN EDUCACIÓN		
JOSÉ FRANCISCO ÁLVAREZ UNIVERSIDAD NACIONAL DE EDUCACIÓN A DISTANCIA		
MODERAÇÃO JOÃO PAZ		
COFFEE BREAK	15H30–16H00	JUNTO AO AUDITÓRIO B3
COMUNICAÇÕES PARALELAS VI		16H–17H30
SALA B304	SALA B307	SALA B309
CULTURAS ESCOLARES, LIDERANÇAS E CIDADANIA	POLÍTICAS EDUCATIVAS E INSTITUIÇÕES	FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: ÉTICA, JUSTIÇA E DEMOCRACIA
MODERAÇÃO SUSANA BATISTA	MODERAÇÃO SÍLVIA DE ALMEIDA	MODERAÇÃO JOSÉ PEDRO MATOS FERNANDES
AS PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES DO ENSINO REGULAR FRENTE OS DESAFIOS DA INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURDOS LEANDRO SANTOS PEREIRA ELAINE TERESINHA DEL MAL DIAS UNINOVE	ALGUMAS PROPOSTAS PEDAGÓGICAS, RECORRÊNCIAS POLÍTICAS OU FORMAS DE INTEGRAR E DE EXCLUIR RAQUEL PEREIRA HENRIQUES NOVA FCSH INSTITUTO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA IN2PAST	A TENSÃO ENTRE INCLUSÃO E EXCLUSÃO. A PERSPECTIVA DE VICTORIA CAMPS A RESPEITO DA EDUCAÇÃO MARIA TERESA SANTOS UNIVERSIDADE DE ÉVORA CIDEHUS/UÉ
DINÂMICAS ESCOLARES E LIDERANÇAS NAS ESCOLAS DO SOTAVENTO ALGARVIO: ENTRE A GESTÃO BUROCRÁTICA E A LIDERANÇA PEDAGÓGICA INCLUSIVA (À DISTÂNCIA) MÓNICA LOPO TOMAZ UNIVERSIDADE DO ALGARVE	EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL: TEMPO, QUALIDADE, DESAFIOS E OPORTUNIDADES CASEMIRO DE MEDEIROS CAMPOS JOSEFA GLEICE DO NASCIMENTO JULIANA MARINA DE FAÇANHA E CAMPOS JOÃO ÁLCIMO VIANA LIMA LUCILENE ALVES DA SILVA WELDA FERREIRA DOS SANTOS ANTONIA LIDIANE BARBOSA MARQUES FACULDADE DO BAIXO PARNAÍBA UNINOVE SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO DE TAUÁ	A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO POLÍTICO COMO PRESSUPOSTO PARA A DEMOCRACIA RADICAL: FUNDAMENTOS DE UMA EDUCAÇÃO AGONÍSTICA A PARTIR DE CHANTAL MOUFFE ASBEL DEMACA QUITUNGA IFILNOVA
ENTRE UNIVERSALIDADE E CONTEXTO LOCAL: LIDERANÇAS ESCOLARES E REVITALIZAÇÃO DA CULTURA ESCOLAR MARCUS KUCHARSKI SUSANA BATISTA UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ CICS.NOVA NOVA FCSH, EDUNOVA.ISPA	A DOUTRINAÇÃO COMO FECHAMENTO DA NEGATIVIDADE: AUTONOMIA E HETERONOMIA NA RELAÇÃO PEDAGÓGICA MANUEL P. FERNANDES NOVA FCSH	A ÉTICA NAS FRONTEIRAS DA JUSTIÇA. OS DESAFIOS EDUCACIONAIS DE M. NUSSBAUM JOSÉ PEDRO MATOS FERNANDES CIEVQ
14		

MESA-REDONDA	17H45-19H	AUDITÓRIO B3
EDUCAR PARA A VIDA EM COMUM? HUMANISMOS, PÓS-HUMANISMOS E PARTICIPAÇÃO DEMOCRÁTICA		
MARIA DULCINEA DA SILVA LOUREIRO (UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI) MARIA JOÃO COUTO (UNIVERSIDADE DO PORTO) LUÍS MARQUES ALVES (UNIVERSIDADE DO PORTO) PAULA CRISTINA PEREIRA (UNIVERSIDADE DO PORTO)		
MODERAÇÃO RAQUEL PEREIRA HENRIQUES		
SESSÃO DE ENCERRAMENTO	19H-19H30	AUDITÓRIO B3
AÇÕES DE CURTA DURAÇÃO (ACD)		
EM PARCERIA COM A ACADEMIA DO PROFESSOR, DO SEIXAL OS PROFESSORES INTERESSADOS EM FREQUENTAR ESTAS AÇÕES DEVERÃO EFETUAR A INSCRIÇÃO DIRETAMENTE NO CENTRO DE FORMAÇÃO ACADEMIA DO PROFESSOR, DO SEIXAL, ATRAVÉS DOS SEGUINTE LINKS:		
<u>A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA ENTRE INCLUSÃO E EXCLUSÃO: UNIVERSALIDADES E DIFERENÇAS</u> FORMADORES RESPONSÁVEIS: SUSANA BATISTA, LUÍS MANUEL A. V. BERNARDO 9 SETEMBRO 2026 11H30-12H; 14H30-17H30; 17H45-19H 11 SETEMBRO 17H45-19H30	<u>A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE PÓS-DIGITAL ENTRE INCLUSÕES E EXCLUSÕES</u> FORMADORES RESPONSÁVEIS: SUSANA BATISTA, LUÍS MANUEL A. V. BERNARDO 10 SETEMBRO 14H30-17H30; 18H-19H 11 SETEMBRO 14H30-15H30; 16H-17H	
A INSCRIÇÃO ATRAVÉS DOS LINKS ACIMA É INDISPENSÁVEL PARA A OBTENÇÃO DO CERTIFICADO DAS ACD. TODOS OS PARTICIPANTES DESTA AÇÕES PODERÃO ASSISTIR À TOTALIDADE DO CONGRESSO, DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA.		
NOTA EDITORIAL		
Os resumos incluídos neste volume são da exclusiva responsabilidade dos respetivos autores. Foram mantidas, tanto quanto possível, as línguas, opções terminológicas, normas ortográficas e convenções de apresentação adotadas nos textos submetidos. As línguas em que os resumos são apresentados correspondem, salvo indicação em contrário, às línguas em que decorrerão as respetivas comunicações. A inclusão de um resumo neste volume não implica qualquer revisão ou validação do seu conteúdo pela Comissão Organizadora, sendo os autores responsáveis pela exatidão e pelo teor das informações apresentadas.		
15		

RESUMOS

KEYNOTE SPEAKERS

EDUCATION, SCHOOLING AND TRAINING AT THE CROSSROADS OF INCLUSION AND EXCLUSION

ALESSANDRO MARIANI

UNIVERSITY OF FLORENCE

Education, schooling and training, despite their specific differences, stand at the crossroads of inclusion and exclusion for individuals and society alike. This paper examines the subject from a diachronic perspective, focusing particularly on the phases, figures, texts, and positions that defined the 20th century. Although this is a delimited timeframe, it paradigmatically demonstrates that education, schooling and training – along with their associated processes of inclusion and exclusion – have moved in vastly different and often contradictory directions. Human differences frequently tend to transform into inequalities; in such instances, pedagogical discourse itself contributes to upholding a specific ideological, cultural, and value-based framework. On one hand, consider education as emancipation, schooling as liberation and training as care; here, examples emerge that illustrate the positive power of inclusion. On the other hand, consider education as conformity, schooling as disciplining and training as conditioning; here, examples emerge that reveal the negative power of exclusion.

Throughout history and not merely in the 20th century, culture, politics, society, and the economy have determined – both implicitly and explicitly – the direction in which education, schooling and training and their various agencies, primarily the family, school and media are steered whether toward inclusion or exclusion. From a historical standpoint, we can also observe the frequent coexistence of these two conflicting forces; they constitute a distinct pedagogical antinomy, albeit one linked to “classic” pedagogical antinomies such as theory/practice, authority/freedom and ends/means. This highlights the overall complexity of pedagogical discourse. Finally, moving beyond the aforementioned diachronic perspective, this discussion will address the synchronic dimension, considering the relevance of the topic within the current sociocultural climate a context in which education and training once again find themselves at the crossroads of inclusion and exclusion for the individuals involved. One need only consider the inclusion or exclusion of these individuals across all stages of life and especially during childhood, a period that, in many contexts, remains subject to processes of exclusion and falls victim to neglect, indifference, marginalization, and violence.

BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

- Cambi F., *Le pedagogie del Novecento*, Roma-Bari, Laterza, 2005.
 Dewey J., *Democracy and education*, New York, The Macmillan Company, 1916.
 Ferrari M., Morandi M. (eds.), *Pedagogie dell'esclusione/Pedagogie dell'inclusione*, Brescia, Scholé, 2024.
 Foucault M., *Surveiller et punir*, Paris, Gallimard, 1975.
 Freire P., *Pedagogia do oprimido*, Rio de Janeiro, Paz & Terra, 1970.
 Hobsbawm E. J. E., *Age of extremes*, London, Michael Joseph, 1994.
 Mariani A., *Elementi di filosofia dell'educazione*, Roma, Carocci, 2006.
 Meirieu P., *La Riposte*, Paris, Autrement, 2018.
 Montessori M., *Il metodo della pedagogia scientifica applicato all'educazione infantile nelle case dei bambini*, Città di Castello, Lapi, 1909.
 Morin E., *La tête bien faite*, Paris, Seuil, 1999.
 Nussbaum M. C., *Cultivating humanity*, Cambridge-London, Harvard University Press, 1997.

Alessandro Mariani (PhD in Theory and History of Educational Processes) is full professor of General and Social Pedagogy at the University of Florence, dean of the same discipline in the Department of Educational Sciences, Languages, Interculturality, Literature, and Psychology, editor-in-chief of the journal *Studi sulla Formazione*, scientific director of the Forum Internazionale della Formazione and author of over two hundred and thirty publications in the field of education. He currently teaches Philosophy of Education, Philosophy of Education and Communication, Intercultural Pedagogy, Intercultural Pedagogy and Religious Pluralism as Resources for Educating People to Encounter Others.

DIFFERENCE AND EDUCATION

ANDREA R. ENGLISH

UNIVERSITY OF EDINBURGH

Difference has been a significant theme in a range of recent discourses that have aimed to counter dominant, exclusionary narratives around what education means and who it is for. In this talk, I discuss a line of thought from philosophy of education that I argue offers a strong theorization of the educational meaning of difference in a way that places these discourses in dialogue with one another. In articulating this integrative theory, I aim to make difference visible as a unique and irreplaceable value that we must not just accept as a fact, but also intentionally foster. Ultimately, I argue that a renewed understanding of difference as a foundational educational value can help meet the urgent need to reconnect education and democracy.

To illuminate difference in its educational sense, or what I will call ‘educative difference’, I draw on John Dewey’s theory of human learning, emphasizing its roots in certain concepts in the German tradition of philosophy of education. I suggest that the educational meaning of difference points to the fact that learning *with* and *from* the world and others is part of what it means to be human. I articulate three interrelated dimensions of educative difference, specific to the individual; the environment of learning; and the inter-generational-pedagogical relationship. I elaborate what these dimensions of educative difference using an example inspired by my collaborative study of mathematics teaching in primary mathematics classrooms in the US and Scotland.

Throughout my discussion, I use the concept of educative difference to shine a critical spotlight on the practices of traditional schooling that enforce conformity to a one-right-way model of thinking and learning. I suggest how an understanding of difference as a foundational value that underpins democratic education may help us preserve this value and thereby support the practical realization of equity in education and society.

BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

Dewey, J. (1922/2008). Human nature and conduct. In J. A. Boydston (Ed.), The middle works (Vol. 14), Southern Illinois University Press.

Humboldt, W. von. (2001).“Theory of Bildung.” In Teaching as a Reflective Practice: The German Didaktik Tradition, edited by I. Westbury, S. Hopmann, & K. Riquarts ; translated by G. Horton-Krüger (pp. 57–61). Lawrence Erlbaum Associates. (Original work published 1792.)

English, A. R. (2026) “Learning the habit of learning: Education, Uncertainty and the Growth of Society”, In: Waks, L. and English, A. R. (eds.) *John Dewey’s Human Nature and Conduct: A Centennial Handbook*, pp. 131-38. Cambridge University Press.

English, A.R. (2023). Dewey, Existential Uncertainty and Non-affirmative Democratic Education. In: Uijens, M. (eds) *Non-affirmative Theory of Education and Bildung*. Educational Governance Research, vol 20. Springer, Cham.

English, A. R., Tyson, K., Hintz, A., Murdoch, D, Anderson, J. (2023). “Pedagogical Listening: Understanding how teachers listen to student struggle during mathematical discussion.” *Teachers and Teaching*. 1–25.

Andrea R. English is Professor of Philosophy of Education at the University of Edinburgh, and President of the John Dewey Society. For more than two decades, her research has developed the ideas of ‘uncertainty’ and ‘productive struggle’ in transformative learning. Her scholarly work is concerned with how these concepts are relevant to the theory and practice of teaching that supports equitable, democratic classrooms today. She is the author of *Discontinuity in Learning: Dewey, Herbart and Education as Transformation* (Cambridge University Press, 2013). Her recent work includes a chapter on ‘Dewey, Existential Uncertainty, and Non-Affirmative Democratic Education’ for the international volume on *Non-Affirmative Education and Bildung* (Springer, 2023) and an interdisciplinary study on ‘Pedagogical Listening’ during mathematical discussions (*Teachers and Teaching*, 2023). She is editor of *The History of Western Philosophy of Education in The Modern Era* (Bloomsbury’s Major Reference Works, Vol 4, 2021), and co-editor of two centennial Handbooks on Dewey’s work, *John Dewey’s Democracy and Education* (Cambridge University Press, 2017), which was awarded the Outstanding Book Award 2018 from the Society of Professors of Education, and *John Dewey’s Human Nature and Conduct*, published this year (Cambridge University Press). She also co-edited the Policy Special Issue on *Decolonizing the Curriculum: Philosophical Perspectives* (*Journal of Philosophy of Education*, 2024). She serves on the Executive Board of the Philosophy of Education Society of Great Britain, and as Associate Editor of *Dewey Studies* and Editor of *Impact: philosophical perspectives on education policy*.

INCLUSÃO: SERMOS JUSTOS PARA PODER VIVER JUNTOS

DAVID RODRIGUES

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O conceito de “Inclusão educativa” permanece com um conceito aberto à discussão e, não raro, evidenciando visões mesmo antagónicas. A contribuição para esta discussão parte, antes de mais, do questionamento se a Educação Inclusiva é um valor (um valor ético), se é uma metodologia ou se é as duas coisas. Nesta conferência defendemos a terceira possibilidade: a inclusão começa por ser uma ética, um valor humano que obviamente é acionado quando se põe em prática. A Educação Inclusiva é um valor que se constitui como um recurso para permitir a educação conjunta de todos sem segregação. A Educação Inclusiva, desenvolve-se ainda ao longo de dois eixos conceptuais: o eixo da diversidade e o da equidade. O eixo da diversidade procura responder à questão “Inclusão para quê?”. Ao longo deste eixo, a distribuição vai de “para todos atingirem o mesmo” até “para cada um chegar ao máximo que conseguir”. O eixo da equidade procura responder à questão “Inclusão para quem?”. Ao longo deste eixo encontramos concepções de vão de “para todos” (isto é não só para alunos com deficiência, transtornos ou outras condições que lhes dificultem o acesso ao currículo) até “só para alguns” (dependendo de fatores de provisão de recursos ou de concepções educativas).

Num segundo momento discutiremos os desafios que este valor ético origina na “prática” ou como melhor diríamos na “*práxis*”. O desafio central é como é possível (que alavancas temos) para mudar uma escola criada como meritocrática, uniforme, seletiva e homogénea. Discutimos o que tem sido feito para alterar este ponto de partida nomeadamente na organização da escola, na conceção de currículo no trabalho cooperativo e no cuidado com os valores éticos e relacionais da escola.

Inspirados em E. Block (“*noch nicht sein*”) e em Habermas (“*noch nicht*”) avaliamos o percurso que o valor e a práxis de Inclusão tem feito nas escolas e valorizamos para estes avanços o conceito de “*autonomia relativa*” (Giddens, Poulantzas,...) que nos pode permitir aprofundar o conceito ético como valor humano e a “*praxis*” como uma natureza, uma “*forma de ser*” da escola.

David Rodrigues, Professor de Educação Especial, obteve o doutoramento na Universidade de Lisboa. Lecionou em universidades portuguesas e estrangeiras (Bélgica, Brasil e China) e cessou a sua carreira docente em 2015 como Professor Catedrático. Trabalhou em projetos internacionais para a UNESCO, UNICEF e Humanité & Inclusion sobre temáticas de Direitos Humanos e Inclusão Social e Educativa. É conferencista convidado em países da Europa, África, Ásia, América do Norte e do Sul. Publicou 32 livros e dezenas de artigos em revistas da especialidade. É fundador da ONG Pró-Inclusão, foi seu Presidente (2008-2020) e é diretor da Revista *Educação Inclusiva*. Recebeu em 2017 o “Prémio de Excelência de Liderança Internacional” pelo Council for Exceptional Children – DISES (EUA), em 2020 foi galardoado com a Medalha de Ouro dos Direitos Humanos pela Assembleia da República e em 2023 foi condecorado pelo Presidente da República como Grande Oficial da Ordem da Instrução Pública. É membro, desde 2015, do Conselho Nacional de Educação.

RACIONALIDAD ACOTADA, COGNICIÓN EXTENDIDA E INTELIGENCIA ARTIFICIAL RESPONSABLE EN EDUCACIÓN

J. FRANCISCO ÁLVAREZ

UNIVERSIDAD NACIONAL DE EDUCACIÓN A DISTANCIA

La integración de la Inteligencia Artificial (IA) en el ámbito educativo demanda un replanteamiento profundo de los marcos pedagógicos y epistemológicos tradicionales. Nuestro análisis examinará la convergencia entre la racionalidad acotada (Herbert A. Simon) y la cognición extendida (Andy Clark y David Chalmers, Marcelo Dascal) para sentar las bases conceptuales de una Inteligencia Artificial Responsable aplicada a la educación.

Desde la perspectiva de la racionalidad acotada (Álvarez, 2002) los agentes humanos procesan información bajo limitaciones cognitivas, temporales y de contexto. La expansión de los sistemas de IA no elimina estas limitaciones, sino que redefine el entorno de toma de decisiones. Al considerar la IA como una extensión de la mente humana —acorde a la tesis de la cognición extendida—, las herramientas digitales dejan de entenderse como meros instrumentos externos para convertirse en acoplamientos cognitivos que modifican activamente las capacidades de razonamiento, memoria y aprendizaje de los diversos agentes educativos.

Sin embargo, la delegación de tareas reflexivas e inferenciales en sistemas algorítmicos plantea desafíos éticos y pedagógicos críticos. Para avanzar en una adopción responsable en el aula, la implementación de la IA debería guiarse por algunos principios básicos:

- **Transparencia y Explicabilidad:** Fomentar la comprensión del funcionamiento de los modelos y la identificación de sesgos algorítmicos por parte de docentes y estudiantes.
- **Autonomía Cognitiva y Agencia:** Diseñar interacciones que fortalezcan el pensamiento crítico y la argumentación en lugar de generar dependencia pasiva de las respuestas automatizadas.
- **Equidad de inclusión:** Garantizar un acceso justo que mitigue las brechas de aprendizaje sin reproducir desigualdades estructurales.

En conclusión, concebir la IA desde la racionalidad acotada y la cognición extendida permite articular estrategias pedagógicas que amplifiquen las capacidades humanas y permitan incorporar los avances tecnológicos sin comprometer la agencia crítica y facilitar el alineamiento de la tecnología con los valores éticos y el entorno educativo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Álvarez, J. F. (2002). El tejido de la racionalidad acotada y expresiva. Manuscrito, 25(2), 11–32. Campinas. Brasil
- Álvarez, J. F. (2009). Elección racional y racionalidad limitada. En J. C. García-Bermejo Ochoa (Ed.), Sobre la economía y sus métodos. volumen 30 de la Enciclopedia Iberoamericana de Filosofía, págs. 117-197, Madrid, Editorial Trotta R
- Clark, A., & Chalmers, D. (1998). The extended mind. Analysis, 58(1), 7–19.
- Simon, H. A. (1982). Models of Bounded Rationality. MIT Press

José Francisco Álvarez (La Laguna, Tenerife, 1950) é Professor Catedrático de Lógica e Filosofia da Ciência. Após a jubilação, foi nomeado professor emérito da UNED, onde mantém a sua atividade docente e de investigação. Dirigiu diversos projetos de investigação competitivos, entre os quais "A construção de agentes argumentativos nas práticas do discurso público" e "Ambientes digitais para a argumentação, o debate e o conhecimento coletivo". Atualmente, colabora no projeto "Racionalidade e contraconhecimento. Epistemologia da deteção de falsidades em relatos informativos", financiado pelo Ministério da Ciência. A sua investigação centra-se na teoria da racionalidade axiológica limitada, na teoria da argumentação e na viragem social das humanidades digitais. Foi Vice-Reitor de Investigação e de Relações Internacionais e Institucionais da UNED, membro do seu Conselho de Governo e do Conselho Social, e impulsionador de redes nacionais e internacionais de inovação pedagógica e tecnologia educativa. Desde 2015, é presidente da Fundação Práticas na Cibernética, que colabora com instituições culturais e académicas na transformação digital das suas práticas sociais e culturais.

PENSAR (EM LÍNGUA
PORTUGUESA)
A EDUCAÇÃO PARA
ENFRENTAR UM
MUNDO FRATURADO:
INCLUSÕES
E EXCLUSÕES

SÍLVIO GALLO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

René Schérer (2009, p. 26) afirma que a educação na modernidade foi marcada pela projeção utópica, na articulação entre uma utopia política e uma utopia pedagógica, como duas faces distintas do mesmo fenômeno. Investiu-se na ideia de uma reforma social pela educação, de modo a indicar os contornos de um mundo e uma sociedade e estabelecer os princípios e metas formativos dos sujeitos para viver esse mundo. A modernidade operou, assim, sob o signo da certeza.

Porém, essa mesma projeção de uma transformação social tornada possível pela educação conduziu à barbárie do século XX, o que levou Theodor Adorno a afirmar que “a exigência de que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação” (1995, p. 119). Ora, como pode a educação impedir que se repita a barbárie, se foi ela mesma que a tornou possível? É preciso reconhecer que o fascismo que aflorou e vicejou nas primeiras décadas do século XX foi um dos efeitos do projeto educativo moderno. Pode não ter sido seu objetivo, mas foi um de seus resultados. O preço por escamotear esse fato é nos tornarmos vulneráveis a que aconteça outras vezes.

Hoje, vivemos um mundo fraturado, com conflitos sociais e políticos cada vez mais agudos. O fascismo renasceu, articulando-se com os princípios do neoliberalismo, como bem analisa Maurizio Lazzarato (2019). Em diferentes países e distintas regiões, suas feições mudam um pouco, mas sua essência está presente. Em alguns lugares é a recusa do outro que chega ao país como imigrante, como se fosse roubar as oportunidades dos cidadãos locais; em outros a articulação do fundamentalismo religioso com o fundamentalismo político, forjando uma defesa acalorada de certos princípios morais; em outros, ainda, a insistência em um Estado mínimo, enquanto se praticam violências contra populações pobres e contra certos grupos sociais (mulheres; população LGBTQIA+; grupos étnicos). Em todos os casos, a afirmação de certezas que são postas como universais. A palavra de ordem é a exclusão do outro, do diferente. Só são “incluídos” aqueles que pensam do mesmo modo.

Ao fascismo se opõem as forças políticas progressistas. Mas, também elas, incapazes de encontrar outros caminhos, seguem afirmando suas velhas certezas. Daí a fratura do mundo contemporâneo, uma luta sangrenta entre velhas certezas sociais e políticas. Como se coloca a educação em tal contexto? Nesse “novo mundo” a certeza já não é possível e ela se torna a marca de um jogo político excludente. Nessa conferência, argumentar-se-á em torno da necessidade de experimentar novos jogos políticos e de experimentar a vida na incerteza, como nova estratégia educativa, capaz de formar para o tempo presente, que possibilite a construção de outros futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SCHÉRER, René. *Infantis*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ADORNO, Theodor. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

LAZZARATO, Maurizio. *Fascismo ou revolução?* – O neoliberalismo em chave estratégica. São Paulo: n-1, 2019.

Sílvio Gallo é licenciado em Filosofia, com mestrado e doutoramento em Educação. Livre Docente em Filosofia da Educação, é Professor Titular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Tem experiência e produtividade muito significativa na área de Educação, com ênfase em Filosofia da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: filosofia francesa contemporânea e educação, ensino de filosofia, filosofia e transversalidade, anarquismo e educação. Atualmente aposentado, colabora com o Programa de Pós-Graduação em Educação daquela universidade e é investigador 1A do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Membro de diversas associações científicas do campo da Filosofia da Educação no Brasil e no exterior, foi Presidente da SOFIE – Sociedade Brasileira de Filosofia da Educação entre 2014 e 2018 e presidente da SOFELP – Sociedade de Filosofia da Educação dos Países de Língua Portuguesa entre 2019 e 2022.

MESAS REDONDAS

MESA-REDONDA 1

A mesa-redonda *Universalidade e Diferença: Inclusões e Exclusões na Educação Contemporânea* reúne olhares disciplinares distintos em torno de um mesmo problema, explorando algumas das tensões inscritas no próprio título. Partimos da ideia de que pensar no que é universal, o comum, e aquilo que a todos deveria ser garantido implica pensar, simultaneamente, a diferença. Assim, em que medida inclusão e exclusão constituem processos opostos ou, pelo contrário, mutuamente constitutivos? Onde se tornam essas relações mais ou menos visíveis na educação contemporânea? A tensão entre universalidade e diferença coloca-se ainda num segundo plano: o da distância entre os princípios que orientam os discursos e as políticas educativas e aquilo que as instituições, na prática, acabam por concretizar. Por fim, a própria ideia de “responder à diferença” ou à “diversidade” na escola permanece aberta a diferentes interpretações e práticas: reconhecer, gerir, integrar, adaptar. A mesa-redonda procurará assim, explorar como diferentes áreas formulam estas tensões e interrogar aquilo que cada uma delas permite tornar visível, bem como aquilo que permanece em aberto ou por resolver.

MESA-REDONDA 2

Com o tema «Entre Presença e Invisibilidade: Inclusões/Exclusões na Sociedade Pós-Digital», o painel constituído por Ana Mouraz, Filipa Seabra e Steven Gouveia reúne contributos da Psicologia, das Ciências da Educação, da Filosofia da Educação e da (Neuro) Filosofia da Mente, procurando colocar estas perspetivas em diálogo em torno de um problema comum: como se transforma a experiência humana numa sociedade cada vez mais mediada por tecnologias digitais, sistemas e ecologias inteligentes? A discussão parte da análise das formas de presença e participação, para interrogar processos de reconhecimento e pertença, identificar novas formas de invisibilidade e exclusão e problematizar a autonomia e a agência humana perante sistemas que medeiam informação, relações, aprendizagem, conhecimento e decisão. Mais do que analisar a tecnologia em si, o painel procurará problematizar as condições que permitem uma participação efetiva, reconhecida e autónoma, colocando em diálogo diferentes perspetivas sobre os desafios sociais, educativos e humanos da transformação digital. A reflexão culmina na interrogação sobre a sociedade pós-digital que estamos a construir e sobre as condições necessárias para que esta seja, efetivamente, uma sociedade inclusiva que queremos habitar.

MESA-REDONDA 3

Educar para a vida em comum? Humanismos, pós-humanismos e participação democrática. Em tempos de desigualdades económicas, sociais e políticas, o papel da escola como espaço inclusivo permanece essencial. Por outro lado, o espaço central da escola, bem como o espaço público, onde se habita e onde o sonho se constrói pode ser, também, um espaço inclusivo ou excludente. Como contrariar a desvalorização atual do conhecimento académico e como aproximar diferentes modos de vida, como ligá-los de múltiplas formas, são questões muito atuais. Permanecerá a escola como um simulacro da inclusão social, enquanto reforça as fronteiras da exclusão? Continuará a escola a ter um papel relevante na defesa do Humanismo e dos Direitos Humanos? Ainda fará sentido trabalhar com os estudantes sobre a solidez dos argumentos, sobre a intervenção cívica? Como trabalhá-la ponderada e competentemente? Como refletir sobre outros espaços, alguns marcadamente tecnológicos, sobre diferentes modos de vida, sobre diferentes construções, sobre diferentes intervenções? Como trazer todas essas reflexões para a escola e como abri-la a interculturalidades — eis algumas das propostas que fazemos aos nossos oradores.

RESUMOS

COMUNICAÇÕES

INCLUSÃO OU ASSIMILAÇÃO? A EDUCAÇÃO MOÇAMBICANA ENTRE HERANÇAS COLONIAIS E DISPUTAS EPISTEMOLÓGICAS

AFONSO SEQUETEIRO

UNIVERSIDADE LICUNGO, MOÇAMBIQUE

FARIDA RABIA SEQUETEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, BRASIL

NATÁLIA MARIA ROCHA BARBOSA SILVA

O presente discurso aborda a educação em Moçambique, problematizando a tensão entre inclusão e assimilação cultural no sistema educacional pós-independência, numa luta visando superar os paradigmas de assimilação cultural impostos pelo colonialismo, com a necessidade atual de inclusão social em currículos interculturais. O objetivo é analisar o percurso da educação desde o período colonial, marcado pelo Estatuto do Indigenato e pela menorização das línguas e culturas Bantu, até as atuais disputas epistemológicas.

Como se manifesta a persistência da colonialidade nas práticas de ensino moçambicano num contexto dum discurso legal que promove a educação inclusiva, mas o quotidiano escolar valoriza os códigos eurocêntricos alimentando um epistemicídio dos saberes locais, pese embora haja escolas de ensino bilingue? A metodologia adotada foi a revisão bibliográfica e documental de produção de conhecimentos na área das ciências humanas e da educação, problematizando a tensão entre as políticas de educação inclusiva e as persistentes heranças coloniais que favorecem a assimilação cultural.

Os resultados indicam que, apesar da formalização da educação inclusiva e do ensino bilingue a educação moçambicana enfrenta um epistemicídio onde o conhecimento eurocêntrico predomina perpetuando o assimilado em moldes modernos, embasado em barreiras estruturais, epistemológicas e ideológicas que valorizam excessivamente a norma europeia/portuguesa em detrimento das línguas e cultura Bantu. Conclui-se que a verdadeira inclusão exige uma rutura com a colonialidade do saber, valorizando as redes de conhecimentos locais como espaço-tempo de resistência e identidade, base para a construção de um horizonte próspero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido* (17. ed.). Paz e Terra.
- Canclini, N. G. (2008). *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade* (4. ed.). EDUSP.
- Santos, B. de S., & Meneses, M. P. (Orgs.). (2010). *Epistemologias do Sul*. Cortez.
- Mbembe, A. (2014). *Crítica da razão negra*. Antígona.
- Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In E. Lander (Org.), *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais* (pp. 117–142). CLACSO.

O CAMINHO
FAZ-SE EDUCANDO.
EDUCAÇÃO,
UM PROCESSO
FUNDAMENTAL
PARA EMPODERAR
MUSEUS E SUAS
COMUNIDADES

ANA JOÃO MACATRÃO

UNIVERSIDADE LUSÓFONA, LISBOA

MUSEU NACIONAL RESISTÊNCIA E LIBERDADE (MNRL), FORTALEZA DE PENICHE

Há determinados processos onde a ação e a elaboração teórica da atividade ocorrem em simultâneo com a execução da mesma, numa espécie de caminho que se vai construindo em conjunto, ou seja, durante o movimento e a própria ação. A reabertura do Museu Nacional Resistência e Liberdade (MNRL)- Fortaleza de Peniche, em 2024, realizou-se de alguma forma, deste modo, em que antes da sua abertura oficial ao público, a ação educativa do museu já desempenhava atividades de sensibilização, mobilização e construção ou reavivamento de laços da comunidade com o espaço, em que a educação foi e continua a ser a ferramenta fundamental para a instituição museológica como tessitura de proximidade entre comunidade, museu e vice-versa. Em 2019, quando o Museu abriu parcialmente ao público, era reduzida ou quase nula a participação da comunidade local nas atividades do Museu e através de uma Educação aberta, participativa e inclusiva, o museu foi começando a cocriar as atividades com a própria comunidade local. Como os processos educativos podem construir laços entre o projeto do Museu e a comunidade?

A Educação como ferramenta fundamental para a construção, realização e dia-a-dia do museu em que a sua principal função é educar e informar, ainda que por meio de provocação, inquietação e problematização. Este ano com o projeto educativo “Guardiões e Guardiãs da Memória da Resistência”, a ação educativa do museu desafiou 40 escolas nacionais, 1200 jovens e 300 professores a construírem o seu projeto de escola com base na missão do museu. O desafio foi aceite e uma exposição com os trabalhos realizados pelos alunos e alunas, professores e professoras e familiares e vizinhos, esteve patente no Museu. Através do olhar Sociomuseológico, avaliar, compreender e refletir sobre a relevância dos processos educativos em museus, e considerar esta ferramenta como principal é o caminho a seguir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Catherine Walsh, Lélia Gonzales, Judite Primo, Waldisa Rússio e Francisco Regis.

O PENSAMENTO
PEDAGÓGICO
DO PADRE
MANUEL ANTUNES,
SJ — A EDUCAÇÃO
INTEGRAL COMO
VIA PRIVILEGIADA
DE INCLUSÃO

ANA LÚCIA FERREIRA

CENTRO DE ESTUDOS GLOBAIS – UNIVERSIDADE ABERTA

Numa época de crise, profunda e universal, sobretudo, cultural e espiritual, afigura-se de crucial importância redefinir as linhas de orientação, relativamente aos fins e meios da educação. Educar para a era planetária, para fazer face aos desafios globais atuais, implica um redesenhar do conceito de conhecimento e do ensino/aprendizagem, assente no pensamento complexo e no pensamento global.

Com esta comunicação, apresentamos as linhas mestras do pensamento pedagógico de Manuel Antunes (1918-1985), assentes no primado da formação e valorização da dignidade humana. Considerado um dos pensadores mais importantes da cultura portuguesa do século XX, preocupado em promover uma cultura de verdadeira tolerância, face ao novo e ao diverso, concebe a educação enquanto elevação da pessoa humana, segundo uma lógica interdisciplinar, transdisciplinar, alicerçada numa matriz educacional inclusiva, de apelo à união entre povos e culturas diversas.

Com base numa vasta investigação teórica, no âmbito da obra completa de Manuel Antunes, procuramos explicitar o modelo de educação integral e de educação permanente, para a formação do *homem todo*. Contrariando modelos de educação puramente utilitaristas, inerentes ao *homo mechanicus*, defendemos um modelo de educação humanista de formação humana, centrado na educação do *homo misericors*, inscrito na matriz dos valores universais humanistas, segundo o princípio do dever ser, que expanda o sentido e valor da vida humana, enquanto meio de emancipação e libertação.

À luz do pensamento antunesiano, enfatizamos a educação enquanto poder, facto, necessidade e dever, consubstanciada no humanismo personalista, para a formação do Homem novo global. Argumentamos que a educação de carácter humanista, assente numa formação integral, será um veículo primordial do despertar de uma consciência empreendedora integral que possibilite a capacitação do *homem todo e todo o homem*, conducente à promoção e efetivação de uma cultura de inclusão, humanidade e de paz, e, conseqüentemente, a um caminho de sustentabilidade humana planetária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, L. M. & Franco, J. E. (2008). *Padre Manuel Antunes, SJ. 1918-1985. Um Mestre do Pensamento Português e Europeu*. Porto: Estratégias Criativas.
- Antunes, M. (2007). *Obra completa do Padre Manuel Antunes, SJ*. Tomo I, Theoria: Cultura e Civilização, vol. IV. História da Cultura. Coordenação científica de Luís Filipe Barreto. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Antunes, M. (2008). *Obra Completa do Padre Manuel Antunes, SJ*. Tomo I, Theoria: Cultura e Civilização, vol. III. Filosofia da Cultura. Coordenação científica de Luís Machado de Abreu. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Antunes, M. (2008). *Obra completa do Padre Manuel Antunes, SJ*. Tomo II. Paideia: Educação e Sociedade. Coordenação científica de José Eduardo Franco. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ferreira, A. L. (2025). «O Humanismo em Manuel Antunes: Para um projeto de educação integral na construção do homem todo». *Saber e Educar*. [S. l.], n. 34 (2025): 1-13. <https://revista.esepf.pt/article/view/39597/30167>

DECOLONIALIDADE DOS ESPAÇOS ESCOLARES E FORMAÇÃO HUMANA: A PINACOTECA ESCOLAR COMO TERRITÓRIO DE HUMANIZAÇÃO

ANA LÚCIA NUNES URTADO SILVA

ANTÔNIO JOAQUIM SEVERINO

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)

A pesquisa tem como eixo central a formação humana por meio da decolonialidade dos espaços educativos, desenvolvida a partir da implementação da Pinacoteca Escolar Convergente na Escola Estadual Prof. Luís Gonzaga de Carvalho Melo. Compreende-se a escola como território de convivência, diversidade cultural e produção de sentidos, reconhecendo a arte como mediação ética, estética, cultural e pedagógica capaz de promover processos de humanização, pertencimento e transformação das relações escolares. Fundamentada na perspectiva decolonial, a investigação parte da compreensão de que os espaços educativos ainda reproduzem referências eurocêntricas e práticas que invisibilizam saberes afro-brasileiros, indígenas, periféricos e populares. Nesse contexto, a Pinacoteca Escolar Convergente é concebida como espaço educativo de resistência, escuta e valorização das múltiplas identidades culturais. A pesquisa busca compreender de que modo práticas pedagógicas, artísticas e culturais desenvolvidas na pinacoteca escolar podem contribuir para a formação humana por meio da decolonialidade dos espaços educativos. O objetivo geral consiste em analisar como a Pinacoteca Escolar Convergente pode constituir-se como espaço de formação humana por meio da arte e da decolonialidade cultural.

A pesquisa adota abordagem qualitativa, de natureza filosófico-educacional, desenvolvida por meio de estudo de caso, utilizando análise documental, observação participante, entrevistas narrativas e diário de campo reflexivo. A sustentação teórica dialoga com autores da formação humana, da decolonialidade, da convivência democrática e da educação estética. A hipótese defendida é que a implementação da pinacoteca escolar favorece processos de humanização, fortalece o pertencimento estudantil e contribui para a melhoria do clima escolar. O estudo alinha-se ao eixo “Filosofias da Educação inclusivas e exclusivas” ao problematizar práticas excludentes e propor experiências educativas voltadas à inclusão, à diversidade cultural e à humanização das relações escolares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BITTENCOURT, Candida. *Arte e educação: da razão instrumental à racionalidade emancipatória*. Curitiba: Juruá, 2005.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. A busca do sentido na formação humana: tarefa da filosofia da educação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 3, 2006.

ENTRE INCLUSÕES
E EXCLUSÕES
NO ENSINO DE LÍNGUA
INGLESA: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS PARA
A FORMAÇÃO HUMANA
SOB UMA PERSPECTIVA
FILOSÓFICO-
EDUCACIONAL EM
UMA ETEC NO ESTADO
DE SÃO PAULO, BRASIL

ANA PAOLA MATIASSO CRUZ

ANTÔNIO JOAQUIM SEVERINO

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)

Este trabalho apresenta uma reflexão filosófico-educacional sobre uma experiência pedagógica desenvolvida no ensino de Língua Inglesa em uma Escola Técnica Estadual (Etec), no estado de São Paulo, Brasil, com estudantes do Ensino Médio com Habilitação Profissional Técnica, durante os 3º e 4º bimestres de 2025. O estudo objetiva analisar de que modo práticas comunicativas, culturais e críticas em língua inglesa podem favorecer processos de inclusão educacional, protagonismo estudantil e formação humana, articulando práticas locais, institucionalidades educativas e princípios universais de formação crítica e democrática.

A discussão fundamenta-se no capítulo “A teoria sob a lente”, da dissertação de mestrado em andamento da primeira autora, no qual a prática pedagógica é compreendida, sob perspectiva filosófico-educacional, a partir de três dimensões da docência: atuação em sala de aula, desenvolvimento profissional entre educadores e formação continuada, atravessadas pelo pensamento crítico e reflexivo. A proposta justifica-se pela necessidade de superar abordagens que restringem o ensino de inglês à memorização de estruturas linguísticas, desvinculadas das experiências sociais, culturais e formativas dos estudantes. Metodologicamente, configura-se como relato de experiência de abordagem qualitativa, fundamentado na observação da prática docente, na análise das atividades e na interpretação dos processos formativos mobilizados.

A experiência contemplou produção de videocliques, dublagens, simulação de cinema, feira de intercâmbio e *English Language Olympic* (Olimpíadas de Língua Inglesa), integrando leitura, escrita, oralidade, criatividade, tecnologias e análise crítica de textos multissemióticos. À luz de Paulo Freire, Edgar Morin e Antonio Joaquim Severino, compreende-se a prática educativa como ação intencional, dialógica, ética e socialmente situada. Os resultados indicaram ampliação da autoconfiança, do repertório cultural, do uso de múltiplas linguagens e da compreensão da língua como fenômeno social. Assim, ao transformar o idioma em espaço de diálogo, criação e leitura crítica do mundo, a experiência contribui para uma formação crítica, democrática e humanizadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. *Educação, sujeito e história*. São Paulo: Olho d'Água, 2009. *Filosofia na formação profissional: por que ter valores políticos, éticos e estéticos na formação profissional é importante?*. São Paulo: Cartago, 2017.

SEM ENCONTRO HÁ EDUCAÇÃO? UMA PROBLEMATIZAÇÃO ONTOLÓGICA E ÉTICA DA INCLUSÃO

ANA PAULA SILVA

UNIVERSIDADE LUSÓFONA – CEIED

O presente trabalho parte da tensão, amplamente reconhecida, entre a normatividade da educação inclusiva e a persistência de práticas excludoras, reabrindo a questão de saber se há educação onde não há encontro. Sustenta-se que tal tensão não pode ser plenamente compreendida a partir de limitações técnicas, organizacionais ou políticas, exigindo antes uma clarificação de natureza ontológica do ato educativo.

Neste quadro, defende-se que a educação, enquanto ato, só se realiza como encontro, entendido não como mera interação, mas como relação de reconhecimento e de responsabilidade perante o outro. Ancorando-se na filosofia do diálogo e da alteridade, bem como em contributos contemporâneos da filosofia da educação, argumenta-se que o encontro constitui uma condição ontológica do educativo cuja estrutura é, desde logo, ética, não sendo possível dissociar o plano do ser do plano da responsabilidade.

A partir desta perspetiva, a persistência de procedimentos excludores é reinterpretada não apenas como falha na implementação de políticas inclusivas, mas como expressão de uma insuficiência mais radical: a não realização do educativo enquanto encontro. Questiona-se, assim, a extensão do conceito de educação a práticas que, embora institucionalmente reconhecidas como educativas, não configuram relações efetivas de reconhecimento do outro.

A relevância desta discussão reside na possibilidade de recentrar o debate sobre inclusão num plano fundacional, contribuindo para uma compreensão mais exigente das condições de possibilidade do ato educativo. A proposta inscreve-se no eixo das filosofias da educação inclusivas e exclusivas, ao interrogar criticamente os pressupostos ontológicos e éticos que sustentam — ou fragilizam — as práticas educativas contemporâneas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arendt, H. (2006). *Between Past and Future*. Penguin.
Biesta, G. (2017). *The Rediscovery of Teaching*. Routledge.
Buber, M. (1970). *I and Thou*. New York: Scribner.
Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra.
Levinas, E. (1969). *Totality and Infinity: An Essay on Exteriority*. Duquesne University Press.

RELATO
DE EXPERIÊNCIA
SOBRE O ENSINO
DE FILOSOFIA
NO ÂMBITO DO
PIBID: A LUZ DO
PENSAMENTO
DE SILVIO GALLO,
DA TEORIA
À PRÁTICA.

ANTONIA DAVIDÁ VASCONCELOS

SAMUEL ASSIS DONATO PEIXOTO

ERMÍNIO DE SOUSA NASCIMENTO

UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ (UVA), SOBRAL, CE

O presente resumo tem como objetivo apresentar as experiências vivenciadas enquanto bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no subprojeto de Filosofia, desenvolvido na Escola de Ensino Médio Professor Arruda, no município de Sobral, Ceará, vinculado à Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e à CAPES. As atividades foram realizadas na turma do 3º ano B, no período da tarde, buscando aproximar o ensino filosófico da realidade dos estudantes.

A discussão torna-se relevante por evidenciar a relação entre universidade e escola como espaço de construção teórica e prática do conhecimento, possibilitando experiências pedagógicas mais inclusivas e significativas. Nesse contexto, o ensino de Filosofia ultrapassa a simples transmissão de conteúdos e passa a constituir-se como experiência do pensamento, despertando nos alunos a capacidade de refletir criticamente sobre a realidade.

O trabalho justifica-se pela necessidade de compreender como a aproximação entre teoria e prática contribui para a formação docente, permitindo ao licenciando experiências concretas dentro do ambiente escolar. O PIBID proporciona aos futuros professores a oportunidade de desenvolver práticas educativas que fortalecem o diálogo, o pensamento reflexivo e a participação ativa dos estudantes.

Como fundamento teórico, destaca-se a proposta didática de Silvio Gallo, especialmente os quatro passos didáticos: sensibilização, problematização, investigação e conceituação. Uma das atividades que mais despertou participação foi o “Labirinto Existencial”, desenvolvido a partir da obra *O Mito de Sísifo*, de Albert Camus, possibilitando aos alunos refletirem sobre suas experiências e formas de compreender a vida por meio do pensamento filosófico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- CERLETTI, Alejandro. *O ensino de filosofia como problema filosófico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- GALLO, Silvio. *Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio*. Campinas: Papirus, 2012.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 2013.
- RODRIGO, Lídia Maria. *Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio*. Campinas: Autores Associados, 2009.

A IDEOLOGIA NO LIVRO DIDÁTICO DE FILOSOFIA

ANTONIO FRANCISCO LOPES DIAS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ

Nossa pesquisa discute sobre a presença da ideologia nos livros didáticos de Filosofia na Educação Básica, no Brasil. O objeto de estudo são os aspectos ideológicos (conceitos, características, pressupostos, funções, implicações) presentes, de modo explícito ou implícito, como conteúdos em livros escritos para serem utilizados como material didático na disciplina de Filosofia.

O objetivo geral é analisar livros didáticos de Filosofia utilizados na Educação Básica, no Brasil, visando neles identificar traços ideológicos disseminados sob a forma de saberes, valores e práticas. Justifica-se este estudo pelo fato de o livro didático ser considerado um instrumento didático de inclusão: ele visa inserir os estudantes no processo de conhecimento formativo do ser humano como ser humano-social. Entretanto, o livro didático, em razão de ser admitido quase sempre como uma fonte “neutra” e portadora de “verdades universais”, isto desestimula o senso crítico e gera a inércia do pensar filosófico. Por esse caminho, o livro didático se distancia da sua função prática pedagógica de caráter inclusiva ao mergulhar os discentes em processos de exclusão, na medida em que os desestimula a pensar filosoficamente e estimula a prática de decorar ideias, nomes e datas.

Para cumprimos essa tarefa realizamos uma Pesquisa bibliográfica. O passo inicial foi buscar compreender, com apoio de Marx, Barata-Moura, Chauí, Borges Freire e outros, os conceitos de ideologia, livro didático, ensino, exclusão, dialética, alienação, Filosofia etc. Em seguida, usamos esses conceitos para cumprir a tarefa de analisar os livros didáticos usados no ensino do componente curricular “Filosofia” no nível médio da Educação Básica no Brasil. Os resultados, parciais, revelam que os livros didáticos de Filosofia são instrumentos divulgadores de ideologias e alienação, o que vai de encontro ao objetivo filosófico de ensinar para gerar consciência crítica sobre o Eu, o Outro e o Mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARATA-MOURA, José. Entrevista com José Barata-Moura: o material, o dialético, a ideia e a educação em Marx. Apresentação e condução da Entrevista por: Avelino Oliveira e Antonio Dias. In: *Revista Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional*, Curitiba, vol. 9, nº 22, mai./ago., p. 231-250, 2014.
- BORGES, Vânio. *O livro didático de Filosofia*. São Paulo: Dialética, 2022.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é Ideologia*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- OLIVEIRA, Avelino da R. *Marx e a exclusão*. Pelotas: Seiva, 2004.

AUTONOMIA E AGENCIAMENTO HUMANO NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA: IMPACTO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS INTELIGENTES NA RECONFIGURAÇÃO DA AÇÃO EDUCATIVA

ANTÔNIO MOREIRA TEIXEIRA

JOÃO PAZ

UNIVERSIDADE ABERTA, LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E ELEARNING

A massificação da inteligência artificial (IA) generativa nos contextos educativos tem suscitado preocupações relativas à autenticidade da produção intelectual, à preservação da autoria e à eventual substituição da ação humana por processos automatizados. Tais preocupações tendem, porém, a assentar numa conceção individualista da cognição e da autonomia, segundo a qual o conhecimento é produzido exclusivamente por capacidades internas ao sujeito. A nossa comunicação propõe uma abordagem alternativa, situando a IA numa longa história de exteriorização técnica da memória e da cognição que acompanha o próprio processo de hominização.

Partindo das reflexões de André Leroi-Gourhan sobre a transferência progressiva de funções cognitivas para suportes exteriores ao corpo, passando pelas propostas de Pierre Lévy sobre as tecnologias da inteligência e o seu papel no armazenamento/conservação, a transmissão e produção do conhecimento, e mobilizando os contributos de Merlin Donald, Andy Clark, David Chalmers, Bernard Stiegler e Luciano Floridi, analisamos as implicações ético-filosóficas da IA na educação a partir das noções de memória extrasomática, armazenamento simbólico externo, cognição estendida e agenciamento humano mediado tecnologicamente. Sustenta-se que a inteligência humana sempre dependeu de sistemas externos de conservação, organização e transmissão do conhecimento, podendo a IA ser compreendida como uma nova modalidade de suporte cognitivo integrada num ecossistema sociotécnico mais amplo. Por outro lado, explora-se a separação que a IA provoca entre agência e inteligência.

O objetivo é refletir sobre a forma como a IA reconfigura as condições de exercício da autoria, da autonomia e da responsabilidade nos processos educativos. Argumenta-se que a autonomia não deve ser entendida como independência relativamente aos artefactos técnicos, mas como capacidade reflexiva de orientar, avaliar criticamente e assumir a responsabilidade pelos processos cognitivos realizados com o seu auxílio. A relevância da discussão reside na possibilidade de superar visões dicotómicas que opõem seres humanos e máquinas, contribuindo para uma compreensão mais complexa das implicações ético-filosóficas das tecnologias digitais inteligentes na educação e da reconfiguração do agenciamento humano em sistemas cognitivos cada vez mais distribuídos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Clark, A. & Chalmers, D. (1998). The Extended Mind, *Analysis*, 58(1), 7–19, <https://doi.org/10.1093/analys/58.1.7>
- Donald, M. (1991). *Origins of the modern mind: Three stages in the evolution of culture and cognition*. Harvard University Press.
- Floridi, L. (2023), *The Ethics of Artificial Intelligence: Principles, Challenges, and Opportunities*, Oxford: Oxford Academic, <https://doi.org/10.1093/oso/9780198883098.001.0001>.
- Leroi-Gourhan, A. (1964). *Le geste et la parole, 1: Technique et langage*. Paris, France: Éditions Albin Michel
- Leroi-Gourhan, A. (1965). *Le geste et la parole, 2: La mémoire et les rythmes*. Paris, France: Éditions Albin Michel.
- Lévy, P. (1994). *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era informática*. Instituto Piaget.
- Selwyn, N. (2019). *Should Robots Replace Teachers? AI and the Future of Education*. Cambridge: Polity Press.

A CONSTITUIÇÃO
DO SUJEITO
POLÍTICO COMO
PRESSUPOSTO PARA A
DEMOCRACIA RADICAL:
FUNDAMENTOS
DE UMA EDUCAÇÃO
AGONÍSTICA A PARTIR
DE CHANTAL MOUFFE

ASBEL DEMACA QUITUNGA

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS – UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

A filosofia da educação contemporânea oscila entre dois polos moralmente insuficientes: a neutralidade liberal, que despolitiza a escola em nome da tolerância, e a doutrinação crítica, que converte adversários em inimigos a serem superados. Este artigo sustenta que ambas as posições falham em responder a um problema ético fundamental: se o conflito é constitutivo do político, como argumenta Chantal Mouffe, então a escola democrática tem o dever moral de institucionalizar o dissenso, não de suprimi-lo.

Chantal Mouffe não é uma filósofa da educação, apesar disso, as suas reflexões têm importantes implicações educativas, pois a questão normativa que defende relativamente a transformação do antagonismo em agonismo não é possível sem a pressuposição de um sujeito político que esteja dotado de três disposições: Aceitar a constingência da própria identidade, cultivar paixões democráticas sem destruir o outro e suportar a ausência de fundamento último. A educação passa a ter como telos a subjetivação agonística como fim moral: formar sujeitos capazes de habitar a discórdia sem recorrer à violência.

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar que a proposta de uma democracia agonista feita por Chantal Mouffe só é viável se esta pressupor a existência de um sujeito que seja capaz de olhar para o diferente não como uma anomalia, mas como uma forma legítima de existência. O tema é relevante numa altura em que assiste-se ao aumento dos discursos contra o multiculturalismo, a imigração, as minorias ao mesmo tempo em que surgem também vozes que defendem cada vez mais a diversidade sobretudo em ambiente escolar. A reflexão de Mouffe faz inúmeras alusões a questão da inclusão/exclusão, daí julgarmos que o problema levantado neste trabalho está alinhado a temática geral do evento e pode contribuir para o enriquecimento do debate.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Biesta, G. *The Beautiful Risk of Education*. Boulder: Paradigm, 2013
Levinas, E. *Totalidade e Infinito: Ensaio sobre a Exterioridade*. Lisboa: Edições 70, s/d.
Mouffe, C. *En Torno a lo Político*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.
Mouffe, C. *La Paradoja Democrática. El Peligro del Consenso en la Política Contemporánea*. Barcelona: Gediza Editorial, 2012.
Rancière, J. *O Mestre Ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

IDENTIDADE PEDAGÓGICA MULTIRREFERENCIAL ENQUANTO PRÁTICA INCLUSIVA

BERNARDO DOS SANTOS MARTINS

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS – UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

A concepção moderna da educação caracterizou-se por privilegiar o papel do professor no processo de aprendizagem do aluno, focando-se na transmissão de saberes constituídos e no processo de receção e acumulação desses saberes por parte dos alunos, os quais eram tratados como constituintes de um todo homogêneo. Esse tipo de pedagogia de transmissão perpetua-se, desde a modernidade, pelo contacto que temos com ela ao longo da nossa infância e adolescência, correspondendo àquilo que os autores Pourtois e Desmet (1999) intitulam de pedagogia da impregnação. Este seria o modelo pedagógico que cada indivíduo interioriza, de modo inconsciente, resultado do processo subtil e profundo pelo qual somos moldados pedagogicamente, considerando os anos de escolaridade que atravessam as primícias da nossa vida académica. No fundo, incorporamos um modelo de educador que, mais tarde, dadas as circunstâncias, acabamos por reproduzir tal e qual como o vivemos enquanto alunos.

O problema coloca-se a partir do momento em que o modelo incorporado, neste caso, o da concepção pedagógica tradicional, já não consegue responder aos problemas do panorama educativo hodierno. Sendo os desafios daquilo que caracterizarei como pós-modernidade bastante distintos daqueles que eram apanágio da modernidade, perpetuar esse tipo de modelo seria eternizar uma prática excludente, que negligencia a sua ineficácia e insuficiência perante problemas radicalmente núprios. Assim, a minha proposta passa por repensar essa pedagogia de base, avançando a possibilidade do modelo de um sistema pedagógico multirreferencial, que promova a integração e articulação de outras abordagens pedagógicas que não a de base, concorrendo, em conjunto, para o mesmo objetivo de enfrentar as particularidades da aprendizagem no contexto educativo pós-moderno. Tentarei argumentar que será apenas através da concepção individual desse modelo dinâmico, em permanente atualização, que qualquer professor poderá esperar conseguir corresponder aos objetivos prementes de inclusão de *todos* os alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Altet, M. (2013). Formas de Resistência das Práticas de Formação de Professores à Prática Reflexiva e Condições de Desenvolvimento da Reflexividade. Em M. Altet, R. Etienne, J. Desjardins, L. Paquay, & P. Perrenoud, *Formar Professores Reflexivos – Obstáculos e Resistências* (pp. 47-71). Lisboa: Edições Piaget.
- Lipovetsky, G., & Serroy, J. (2018). *A Cultura-Mundo: Resposta a uma Sociedade Desorientada*. Lisboa: Edições 70.
- Morin, E. (2023). *Os Sete Saberes para a Educação do Futuro*. Lisboa: Edições Piaget.
- Pourtois, J.-P., & Desmet, H. (1999). *A Educação Pós-Moderna* (1ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Reboul, O. (2000). *A Filosofia da Educação*. Lisboa: Edições 70.

REFORMAS CURRICULARES E O LIVRO DIDÁTICO DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM CENA

CAROLINE CARREIRO DO CARMO

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)

ISABEL MELERO BELLO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO (UNIFESP)

A política pública do Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD) em 2019 contemplou os professores de Educação Física com coleções didáticas para o ensino fundamental – anos iniciais, alinhadas à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017b), ação inédita na Educação Física Escolar. Esta dissertação de mestrado objetivou compreender a concepção de ensino de Educação Física nas duas coleções aprovadas (BRASIL, 2019) e suas influências nas práticas docentes. Esta pesquisa qualitativa apoiou-se em dois instrumentos metodológicos: análise documental das coleções de Educação Física do PNLD 2019 (BRASIL, 2019) e entrevistas semiestruturadas com a ex-orientadora educacional e quatro professores de Educação Física da rede municipal de Ribeirão Pires, campo empírico do estudo, atuantes na rede com a chegada dos livros didáticos.

A análise dos dados utilizou a Análise de Conteúdo de Bardin (2020). Os referenciais teóricos foram Julia (2001) e Vinão-Frago (2007) para cultura escolar; Vidal (2017) para cultura material escolar; Goodson (2018), Silva (2011) e Sacristán (2017) para currículo; e Daolio (1995), Le Breton (2012) e Lüdorf (2005) para a compreensão de corpo. A análise indicou que a concepção de ensino das coleções focou na subjetividade do estudante por meio de práticas corporais diversificadas, direcionadas ao vivenciar e experimentar, visando desenvolver um ser autônomo, protagonista e proativo. Quanto aos efeitos na prática pedagógica, a repetitividade de atividades de um ano para o outro, as adaptações para aulas online e no pós-pandemia da COVID-19, além da não participação na escolha dos livros, foram fatores limitantes para os usos e apropriações dos manuais pelos professores de Ribeirão Pires. Conclui-se que o estudo converge com as discussões do X Congresso Internacional SOFELP ao analisar criticamente as políticas curriculares e os livros didáticos no espaço escolar, enriquecendo o debate internacional sobre a materialidade da escola pública e a autonomia docente

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GOODSON, I.F. Currículo: teoria e história. 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista brasileira de história da educação*, 10 n°1 jan./jun. 2001.
- LE BRETON, D. A sociologia do corpo. 2. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- LÜDORF, S. M. A.. A prática pedagógica do professor de Educação Física e o corpo de seus alunos: um estudo com professores universitários. *Pensar a Prática (UFG)*, Goiás, v. 8, n.2, p. 65-77, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/117/112>. Acessado em 15 fev. 2022.
- VIDAL, D.G. História da Educação como Arqueologia: cultura material escolar e escolarização. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 251-272, jan./abr. 2017.

EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL: TEMPO, QUALIDADE, DESAFIOS E OPORTUNIDADES

CASEMIRO DE MEDEIROS CAMPOS

FACULDADE DO BAIXO PARNAÍBA (FAP)

JOSEFA GLEICE DO NASCIMENTO

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)

JULIANA MARINA DE FAÇANHA E CAMPOS

FACULDADE DO BAIXO PARNAÍBA (FAP)

JOÃO ÁLCIMO VIANA LIMA

LUCILENE ALVES DA SILVA

WELDA FERREIRA DOS SANTOS

ANTONIA LIDIANE BARBOSA MARQUES

SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO DE TAUÁ – CE

Esta pesquisa tem como referência a investigação sobre a educação integral sendo que o campo da investigação foi às escolas de tempo integral de Tauá – Ceará – Brasil. Foi considerada a educação integral e as relações com o objeto investigado tendo como centralidade a escola de tempo integral, o seu conteúdo, estrutura e organização para melhor compreensão a luz dos sujeitos pesquisados – gestores escolares, professores, alunos, assistentes do tempo integral e família. A problemática deste trabalho consistiu em compreender como a educação integral é realizada na rede de ensino do município de Tauá – CE. Os objetivos tiveram como fim investigar a qualidade do funcionamento da educação em tempo integral nas escolas municipais de Tauá e desenvolver a partir da pesquisa análises para melhor compreender a educação integral e a repercussão na aprendizagem das crianças. A fundamentação teórica foi alicerçada nas categorias de educação integral e escola de tempo integral, com base nos autores: Gadotti (2009), Campos, Nascimento e Barbosa (2023), Cosme e Trindade (2007), Nóvoa (2007), Carvalho e Santos (2016).

Na metodologia da pesquisa optou-se por uma pesquisa exploratória, de caráter qualitativo, mas também, foram considerados os elementos quantitativos para a elaboração e tratamento das informações coletadas a partir da amostra tipificada pelas respostas às questões do formulário aplicado aos sujeitos dos segmentos. Os resultados revelados pelos diferentes segmentos – alunos, gestores, assistentes e famílias -, Tauá segue de forma exitosa na ofertada educação integral como uma política municipal de educação. A conclusão é que a educação integral tem permitido à melhoria da qualidade das aprendizagens dos alunos, a integração dos alunos com os professores e gestores escolares, a melhoria do planejamento das aulas com uso das novas tecnologias e a repercussão desse trabalho dos professores com alunos nos indicadores de avaliação na rede de ensino de Tauá - Ceará.

AS CONFERÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E O PLANO NACIONAL DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA – UMA LEITURA CRÍTICA

CASEMIRO DE MEDEIROS CAMPOS

FACULDADE DO BAIXO PARNAÍBA (FAP)

JOSEFA GLEICE DO NASCIMENTO

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)

JULIANA MARINA DE FAÇANHA E CAMPOS

FACULDADE DO BAIXO PARNAÍBA (FAP)

Na presente pesquisa investigamos a definição normativa da política nacional da educação no Brasil, por meio da análise do Plano Nacional da Educação Brasileira (PNE). O PNE é um pressuposto requerido pela Constituição Brasileira de 1988 e que consta como exigência para a oferta das políticas públicas de educação pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei n.º 9394/96. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa foi analisar o processo de articulação da Conferência Nacional da Educação (CONAE), que é fundamentada no regime de colaboração, e cumpre a função de elaborar o Plano Nacional da Educação e a verificação das suas metas e estratégias. A metodologia da pesquisa foi do tipo exploratória em que se combinou a análise documental com a pesquisa quantitativa para examinar informações, especialmente, as metas previstas no PNE.

Destaca-se que esta pesquisa está fundamentada num estudo bibliográfico e normativo no qual destacamos Campos (2026), Freire (2020), Freitag (2006), Gil (2025) e Cury (2010). Assim, como parte dos resultados observou-se a que a Conferência Nacional de Educação – CONAE se constitui como uma ampla articulação com a escolha de delegados, contando com a participação para o debate público de ideias e concepções, promovendo a mobilização para a construção de acordos que nem sempre apontam para a renovação e a organização da educação nacional. Na conclusão é importante salientar que a função da CONAE é a definição do Plano Nacional da Educação e no âmbito da governança temos a articulação do PNE com o Sistema Nacional da Educação Brasileira. Para essa construção coletiva, é necessário o diálogo aberto para que se tenha o refinamento do relacionamento entre os entes federados por meio da cooperação institucional. Portanto, é importante enfatizar que o Plano Nacional de Educação tem como determinação um conjunto de metas e estratégias com 10 anos de vigência.

EPISTEMICÍDIO NA ERA DA IAG: IMPLICAÇÕES PARA PEDAGOGIAS CRÍTICAS CONTEMPORÂNEAS

CHRYSI RAPANTA

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

As tecnologias de inteligência artificial generativa (IAG) têm intensificado processos de epistemicídio—a eliminação sistemática de conhecimentos subalternos—através da universalização de epistemologias eurocêntricas e neoliberais nos corpora digitais que treinam estes modelos (Santos, 2014; Pragya, 2025). Esta investigação oferece uma teorização sistemática do epistemicídio digital e propõe pedagogias críticas orientadas para a reparação epistêmica em ambientes educativos infundidos por IAG.

Argumentamos que os sistemas IAG funcionam como guardiões epistêmicos que determinam o que conta como conhecimento legítimo, amplificando vozes dominantes enquanto tornam invisíveis perspectivas marginalizadas (Rapanta et al., 2025). Tal como os manuais escolares que historicamente silenciaram populações marginalizadas, a IAG molda os quadros epistemológicos dos aprendentes, comprometendo as suas capacidades de julgamento crítico e agência epistêmica. Adicionalmente, estes sistemas precipitam sentimentos de despoderamento (Coeckelbergh, 2023) e preguiça metacognitiva (Fan et al., 2025), contribuindo para a autoexclusão dos estudantes de práticas autênticas de aprendizagem.

Reconhecendo que a injustiça epistêmica estrutural exige remédios estruturais, as pedagogias críticas contemporâneas devem avançar para práticas epistêmicas decoloniais e formativamente orientadas. Propomos três estratégias pedagógicas concretas: (1) cultivar resistência epistêmica através da exposição dos aprendentes à economia política e regimes de treino da IAG; (2) fomentar justiça formativa preservando as potencialidades epistêmicas dos estudantes contra o estreitamento algorítmico dos horizontes de conhecimento; e (3) promover reparação epistêmica mediante a reintegração intencional de conhecimentos marginalizados em ambientes de aprendizagem potenciados por IA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Coeckelbergh, M. (2023). Democracy, epistemic agency, and AI: Political epistemology in times of artificial intelligence. *AI and Ethics*, 3(4), 1341–1350. <https://doi.org/10.1007/s43681-022-00239-4>
- Fan, Y., Tang, L., Le, H., Shen, K., Tan, S., Zhao, Y., ... Gašević, D. (2025). Beware of metacognitive laziness: Effects of generative artificial intelligence on learning motivation, processes, and performance. *British Journal of Educational Technology*, 56(2), 489–530. <https://doi.org/10.1111/bjet.13544>
- Pragya, A. (2025). Generative AI and epistemic diversity of its inputs and outputs: Call for further scrutiny. *AI & Society*, 40(4), 2341–2342. <https://doi.org/10.1007/s00146-024-02097-6>
- Rapanta, C., Bhatt, I., Bozkurt, A., Chubb, L. A., Erb, C., Forsler, I., Gravett, K., Koole, M., Lintner, T., Örtengren, A., Petricini, T., Rodgers, B., Webster, J., Xu, X., Falgren Christensen, I.-M., Bonderup Dohn, N., Weilgaard Christensen, L. L., Zeivots, S., & Jandrić, P. (2025). Critical GenAI literacy: Postdigital configurations. *Postdigital Science and Education*, 7, 1296–1333. <https://doi.org/10.1007/s42438-025-00573-w>
- Santos, B. D. S. (2014). *Epistemologies of the South: Justice against epistemicide*. Routledge.

COMUNALIDADES E EDUCAÇÃO: VALORES COMUNS EM DIÁLOGOS

CLEIDE RITA SILVÉRIO DE ALMEIDA

LAIS FERNANDA DA SILVA

SÍLVIA HELENA CARDOSO DOS SANTOS RODRIGUES

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)

Este trabalho apresenta o conceito de comunalidades, elaborado por Humberto Mariotti, entendido como um conjunto de problemas que perpassam diferentes contextos sociais, culturais e geográficos, como a pobreza, a fome, a violência, as desigualdades sociais e as mudanças climáticas extremas. Esses fenômenos se manifestam de formas distintas em cada realidade, revelando desafios comuns à humanidade e os limites de perspectivas fragmentadas para a sua compreensão.

O objetivo é refletir sobre como o conceito de comunalidades, articulado ao pensamento complexo de Edgar Morin e à pedagogia emancipadora de Paulo Freire, contribui para a construção de perspectivas educacionais comprometidas com a inclusão, a justiça social, a formação cidadã e democrática, a solidariedade e a responsabilidade coletiva. A discussão fundamenta-se no entendimento de que os problemas educacionais e sociais não podem ser analisados de forma isolada, pois constituem uma realidade complexa, multifacetada e marcada por múltiplas inter-relações. Nessa perspectiva, as reflexões de Mariotti dialogam com o pensamento complexo de Morin ao evidenciar que os desafios contemporâneos se configuram como uma teia de relações que articula dimensões sociais, culturais, políticas, econômicas e ambientais, tornando insuficientes explicações lineares.

Ao mesmo tempo, tais reflexões aproximam-se do pensamento humanista de Paulo Freire, para quem a educação se constrói por meio do diálogo, da problematização da realidade e do desenvolvimento da consciência crítica. Sob esse olhar, a educação é essencial na formação de sujeitos capazes de compreender as interdependências que constituem a vida em sociedade, reconhecendo-se como participantes ativos na construção de relações democráticas, éticas e solidárias. Nessa linha, a articulação entre comunalidades, complexidade e educação emancipadora, alarga a visão para os desafios contemporâneos e reforça a necessidade de práticas educativas voltadas ao pensamento crítico, ao respeito, à adversidade e à elaboração coletiva de respostas para problemas que dizem respeito à condição humana em sua dimensão planetária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra; 1996.
- LE COLLEGIUM INTERNATIONAL. O mundo não tem mais tempo a perder: apelo por uma governança mundial solidária e responsável/ coord. Sasha Goldman. Tradução de Clóvis Marques – 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- MARIOTTI, Humberto. As paixões do ego: complexidade, política e solidariedade. São Paulo: Palas Athena, 2000.
- MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000a.
- MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000b.

FORMAÇÃO DOCENTE E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE MATEMÁTICA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

CRISTINA LUCIA DA COSTA

ANTÔNIO JOAQUIM SEVERINO

UNINOVE

A pesquisa investiga a relação entre a formação docente e as práticas pedagógicas de professores que ensinam Matemática nos anos finais do Ensino Fundamental. Parte-se do entendimento de que, no contexto da Educação Básica brasileira, nem todos os professores que atuam no ensino de Matemática possuem formação inicial específica na área, o que pode afetar a construção de suas práticas pedagógicas. Nesse sentido, a pesquisa busca compreender como se constituem os percursos formativos desses professores, especialmente aqueles que realizaram processos de formação pedagógica complementar, e de que maneira esses percursos se articulam às práticas desenvolvidas em sala de aula.

A investigação adota abordagem qualitativa, baseada em narrativas, falas, transcrições e entrevistas abertas com grupo de professores atuantes em duas escolas, uma da rede pública e outra, da rede privada de ensino, na Zona Sul da cidade de São Paulo, com o objetivo de analisar os saberes docentes mobilizados no ensino da Matemática e as estratégias pedagógicas utilizadas no cotidiano escolar, com base em categorias elaboradas por Dario Fiorentini e de traçar um paralelo entre teoria e prática, com respaldo de categorias teóricas desenvolvidas por Ubiratan D'Ambrosio.

Para a fundamentação teórica da formação de professores, a pesquisa se apoiará no pensamento de Bernadete Gatti e dos saberes docente relacionada à educação matemática, com base em categorias desenvolvidas por Maurice Tardif. Assumindo uma perspectiva filosófico-educacional, de cunho humanista e emancipador, sustentada à luz das contribuições de Paulo Freire e Antonio Severino, a reflexão busca fornecer subsídios para o entendimento da formação docente do professor de matemática, destacando a importância de processos formativos que articulem conhecimentos específicos da área em suas dimensões pedagógicas, de modo a fortalecer práticas de ensino mais consistentes alinhadas às demandas da Educação Básica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- D'AMBROSIO, Ubiratan. *Educação Matemática: da Teoria à Prática*. Campinas, SP: Papirus Editora, 1996.
- FIORENTINI, Dario (organizador). *Formação de Professores de Matemática: explorando novos caminhos com outros olhares*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2026.
- SEVERINO, Antônio J. *Educação, sujeito e história*. São Paulo: Olho d'Água, 2001.
- TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS AO TRABALHO POR PSICÓLOGOS ESCOLARES NA EDUCAÇÃO BÁSICA

CRISTINA VIEIRA DA SILVA PANTOSI

UNINOVE

A pesquisa busca analisar como psicólogos escolares descrevem e interpretam suas práticas no contexto escolar, considerando as relações estabelecidas com as demandas institucionais e o cotidiano da escola. A justificativa fundamenta-se na necessidade de investigar como o psicólogo percebe a si mesmo em sua atuação nesses espaços, problematizando, à luz da teoria crítica, a forma como esses profissionais interpretam as lógicas de marginalização. A relevância da discussão reside na importância de compreender a escola como um ambiente complexo, onde o psicólogo pode atuar tanto na reprodução de estigmas quanto na promoção de práticas emancipatórias. Alinhado ao tema do congresso, o estudo mostra como os aspectos históricos e sociais dessa atuação afetam a inclusão e a exclusão na escola. O referencial teórico fundamenta-se em contribuições da Psicologia Escolar crítica, que discute a atuação do psicólogo a partir das dimensões históricas, sociais e institucionais presentes no contexto educacional.

O estudo também dialoga com contribuições da teoria da complexidade, compreendendo o contexto escolar como atravessado por múltiplas dimensões. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter analítico-interpretativo, realizada por meio de entrevistas de aprofundamento com psicólogos escolares atuantes na educação básica. Os dados serão analisados a partir das narrativas produzidas pelos participantes sobre o próprio trabalho, buscando identificar elementos relacionados à formação profissional, às demandas escolares e às condições institucionais que atravessam a prática do psicólogo na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, M. A. M. Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. [s.l.: s.n., s.d.].
- AZEVEDO, L. P. L.; DIAS, E. T. D. M. A prática psicológica no cotidiano escolar: estudos das últimas três décadas. *Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste (ANPEDINHA)*. São Paulo: UNINOVE, 2014.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). *Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) na educação básica*. 2. ed. Brasília: CFP, 2019.
- CORREA, E. da S.; LORIERI, M. A. Teoria e método no pensamento de Edgar Morin. [s.l.: s.n., s.d.].
- PATTO, M. H. S. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. 5. ed. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2022.

O ENSINO DE FILOSOFIA E A ESCRITA AUTOBIOGRÁTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: AUTOFORMAR-SE A PARTIR DA EXPERIÊNCIA VIDA

DARCÍSIO NATAL MURARO

UEL (BRASIL)

O objetivo desse trabalho é analisar a escrita autobiográfica como uma prática filosófica investigativa da experiência por meio da problematização, construção e registo de sentidos amparados na tradição filosofia, constituindo-se num processo de formação de si. Como justificativa, pontuamos que a experiência da escrita na educação escolar está marcada por um paradoxo preocupante: o estudante produz textos para fins escolares, entretanto, raramente escreve sua própria história, resultando na ausência de produções autobiográficas no percurso escolar. O problema proposto é: a escrita autobiográfica filosófica pode se constituir num processo de autoformação a partir da investigação da própria experiência? A metodologia consiste na revisão bibliográfica baseada em autores que analisam conceitos relacionados à escrita autobiográfica.

Uma referência é a filosofia da educação de Paulo Freire intitulada por pedagogias (do oprimido, da pergunta e da autonomia), e outros testemunhos como cartas, diálogos e relatos escritos a partir do chão da realidade histórica marcada pelo colonialismo que refletem criticamente suas experiências de engajamento amoroso na transformação do mundo. Ele redefiniu o ler e o escrever como atos existenciais, epistêmicos, éticos e políticos caracterizando-se com escrita autobiográfica filosófica.

Outro referencial é a “epistemologia da formação” e as noções de escrita de si e método biográfico de António Nóvoa e Matthias Finger. O método biográfico permite ao indivíduo-sujeito tornar-se ator de seu processo de formação, por meio da apropriação retrospectiva investigativa do seu percurso de vida. Matthew Lipman desenvolveu o conceito de comunidade de investigação filosófica como prática para aprimorar o pensamento crítico, criativo e cuidadoso possibilitando a excelência do pensar e do escrever por si mesmo no diálogo com o outro. A escrita autobiográfica filosófica devolve ao estudante o direito de investigar e narrar sua história, transformando o ato de escrever num manifesto de resistência política, rigor existencial e libertação subjetiva constituindo-se numa prática autoformativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, Paulo. *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*. Notas de Ana Maria Araújo Freire. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 49ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- LIPMAN, M. *Thinking in education*. New York. Cambridge University Press, 2003.
- NÓVOA, A. FINGER, M. (Org.) *O método (auto)biográfico e a formação*. Trad. Maria Nóvoa. 2ª. Ed. Natal: EDUFREN, 2014.

PRÁTICAS FILOSÓFICAS NO ENSINO TÉCNICO EM MARKETING: ÉTICA E FORMAÇÃO DE VALORES EM AMBIENTES TECNOLÓGICOS

DENIS HENRIQUE MAIA

ANTÔNIO JOAQUIM SEVERINO

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)

Como pesquisa teórico-empírica, de cunho filosófico-educacional, a presente pesquisa tem como objetivo compreender como o senso ético é desenvolvido na formação dos profissionais de marketing de nível técnico. Desencadeia-se a partir da caracterização da presença/ausência de princípios ético-filosóficos explícitos nos currículos de formação de profissionais em Marketing, com vistas a subsidiá-los no enfrentamento dos desafios de uma sociedade cada vez mais conectada e tecnológica.

Tem por hipótese que a inclusão de valores éticos e formativos nos processos de ensino em ambientes tecnológicos se faz necessária como forma de superar o possível reducionismo tecnicista que envolve o setor. Para tanto, busca identificar os desafios institucionais dessa modalidade de ensino, explicitar conceitos e valores filosóficos aplicáveis à área e verificar formas pedagógicas de promoção da ética no Marketing. Como procedimentos metodológicos, será utilizada uma pesquisa de campo de natureza qualitativa, realizada em uma instituição de ensino tecnológico de nível médio no estado de São Paulo.

A investigação contará com entrevistas semiestruturadas aplicadas a professores atuantes na formação técnica em Marketing, além da análise documental da legislação vigente pertinente ao campo e de uma revisão da literatura teórica e temática relacionada à problemática em questão. O quadro teórico é formado por categorias tomadas dos pensamentos de Philip Kotler (marketing digital humanizado), Hans Jonas (ética da responsabilidade), Zygmunt Bauman (modernidade líquida), Paulo Freire, Edgar Morin e Antônio Joaquim Severino (formação humanística).

Espera-se, como resultado, evidenciar lacunas e potencialidades existentes nos cursos analisados, contribuindo com reflexões para futuros debates sobre o planejamento curricular e pedagógico dessa área de ensino. A reflexão proposta também permite discutir como os ambientes tecnológicos podem favorecer processos de inclusão ou exclusão na formação profissional contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- Bauman, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- Heidegger, Martin. *A questão da técnica*. Tradução de Marco Aurélio Werle. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-398, 2007.
- Kotler, Philip; Kartajaya, Hermawan; Setiawan, Iwan. *Marketing 4.0: Do Tradicional Ao Digital*. Tradução De Ivo Korytowski. Rio De Janeiro: Sextante, 2017.
- Severino, Antônio Joaquim. *Filosofia*. São Paulo: Cortez, 1994.

IA GENERATIVA E VIRTUDES INTELECTUAIS: CRITÉRIOS PARA BOAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

DOMINGOS FARIA

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Nesta comunicação questiono que usos da IA generativa na educação constituem boas ou más práticas pedagógicas, em especial nos métodos de ensino-aprendizagem e avaliação. O meu argumento parte da tese de que o objetivo epistémico da educação é cultivar o carácter intelectual: não só crenças verdadeiras ou conhecimento, mas virtudes intelectuais como atenção, autonomia, curiosidade, abertura de espírito, coragem e tenacidade.

Com este critério, defendo que muitos usos correntes da IA são pedagogicamente problemáticos. Podem agravar desigualdades e originar problemas de privacidade quando dependem de plataformas comerciais; podem gerar respostas plausíveis sem compromisso com a verdade; e podem promover *deskilling* quando estudantes delegam na IA a escrita, a investigação, a argumentação ou a avaliação crítica.

Daí resulta um argumento cético: tudo o que impede o cultivo das virtudes intelectuais é má prática pedagógica; e certos usos da IA fazem precisamente isso. Contudo, o argumento não justifica um proibicionismo geral. O seu alcance deve ser limitado: há usos da IA que, quando bem desenhados, podem fomentar as mesmas virtudes. A minha proposta articula três formas de mitigação pedagógica: modelos alojados institucionalmente para reduzir riscos de privacidade e justiça social; geração aumentada por recuperação (RAG) para trabalhar com fontes delimitadas; e agentes de IA personalizados, concebidos como tutores socráticos que perguntam, pedem razões, solicitam alternativas e evitam fornecer trabalhos finais.

A relevância para o congresso está em mostrar que a inclusão digital não se reduz ao acesso à tecnologia: exige práticas que incluam os estudantes na atividade de pensar, compreender e justificar por si mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Hicks, Michael Townsen, James Humphries, and Joe Slater. 2024. "ChatGPT is Bullshit" *Ethics and Information Technology* 26: 38. <https://doi.org/10.1007/s10676-024-09775-5>
- Naeem, Hadeel. 2025. "Teaching Skills and Intellectual Virtues with Generative AI." *Episteme*, 1-18. <https://doi.org/10.1017/epi.2025.10089>
- Pritchard, Duncan. Forthcoming. "The Epistemic Goals of Education." Prepared as part of the educational resource *Philosophy of Education for Teachers*, edited by J. De Souza, for Parents and Teachers for Excellence.
- Sternberg, Robert J. 2024. "Do Not Worry That Generative AI May Compromise Human Creativity or Intelligence in the Future: It Already Has." *Journal of Intelligence* 12(7): 69. <https://doi.org/10.3390/jintelligence12070069>
- Zagzebski, Linda. 1996. *Virtues of the Mind: An Inquiry Into the Nature of Virtue and the Ethical Foundations of Knowledge*. Cambridge: Cambridge University Press.

A SALA DE AULA INVERTIDA: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

ELAINE CRISTINA DO PRADO NOBREGA

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)

O presente artigo aborda o uso da metodologia da Sala de Aula Invertida, uma estratégia pedagógica que propõe a inversão do modelo tradicional de ensino de língua estrangeira moderna inglês para estudantes dos anos finais do ensino fundamental II. Nessa abordagem, os estudantes têm acesso prévio aos conteúdos, podendo ser por meio de vídeos, textos, podcasts ou outros recursos digitais, enquanto o tempo em sala é destinado a discussões, resolução de problemas e atividades práticas.

Essas ferramentas podem ser utilizadas em sala de aula, sabendo que a inovação tecnológica está presente no cotidiano de alunos e professores, com isso, o uso de modernos recursos didáticos na escola podem promover melhorias no processo de ensino-aprendizagem.

O artigo compreende revisão teórica sobre metodologias ativas, sala de aula invertida (flipped classroom), estudo de caso em sala de aula durante aulas de língua inglesa. A metodologia envolve revisão bibliográfica, observações de aulas, buscando identificar desafios, estratégias utilizadas e impactos no engajamento e no desempenho dos estudantes ao ser adotado modelo de sala de aula invertida.

Os resultados esperados incluem maior autonomia docente, ampliação do uso de práticas pedagógicas inovadoras e fortalecimento das competências linguísticas dos alunos, contribuindo para uma formação mais alinhada às demandas educacionais contemporâneas e das habilidades e competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Conclui-se que a adoção de metodologias ativas, no caso, sala de aula invertida representa um caminho promissor para qualificar e estimular o ensino de língua estrangeira moderna inglês, promover maior participação estudantil e apoiar professores na construção de práticas que sejam significativas e sustentáveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DEL GROSSI, Demétrio. *Educação e Tecnologia: Desafios e Oportunidades*. São Paulo: Cortez, 2018.
- MORAN, José Manuel. *A educação que Desencadeia o Pensamento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.
- MARTINS, Maria Helena. *Personalização do Aprendizado*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2020.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1970.
- UNESCO. *Personalização do Ensino: Um Estudo de Caso*. Paris: UNESCO, 2019.

INCLUSÃO EM REDE: ETWINNING, SELFIE E O FUTURO DAS COMPETÊNCIAS DIGITAIS

ELISABETE FIEL

SECÇÃO AUTÓNOMA DE EDUCAÇÃO – NOVA FCSH

EDUNOVA . ISPA

Os modelos de integração das tecnologias digitais na sala de aula colocam a tônica na pedagogia, numa evolução marcada por oportunidades e tensões éticas. A literatura científica recente demonstra que o digital, desde o computador até à Inteligência Artificial (IA) podem proporcionar aprendizagens autónomas, colaborativas, mas também personalizadas (Selwyn, 2016; Luckin et al., 2016).

A OCDE (2021) alerta para as clivagens de acesso à tecnologia, nomeadamente no que diz respeito a fatores como o contexto socioeconómico, o acesso a infraestruturas e a formação docente. Neste sentido, analisamos duas ferramentas apoiadas pela comissão europeia que visam o desenvolvimento de competências digitais: a plataforma *eTwinning* criada em 2005, integrado na *European School Education Platform*, a maior comunidade de professores da Europa, que promove projetos entre escolas remotamente, formação e integra a tecnologia na aprendizagem utilizando a metodologia de projeto; a SELFIE, ferramenta baseada num teste, ajuda a refletir sobre a utilização da tecnologia do ponto de vista dos docentes, dos alunos e da escola, analisando as competências individuais e coletivas, o risco de exclusão nas competências digitais, das infraestruturas de acordo com o nível de ensino.

Consideramos a discussão ética partindo do conectivismo de Siemens, (2005) que defende o conhecimento em rede apoiado na tecnologia podendo sustentar comunidades próximas ou distantes promovendo a inclusão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Economou, A. (2023). *SELFIE for teachers – Toolkit: Using SELFIEforTEACHERS – Supporting teachers in building their digital competence*. Publications Office of the European Union. <https://doi.org/10.2760/626409>
- European Education and Culture Executive Agency. (2023). *The impact of eTwinning on initial teacher education – Placing teacher educators and student teachers in the spotlight – Full monitoring report*. Publications Office of the European Union. <https://doi.org/10.2797/908466>
- Luckin, R., Holmes, W., Griffiths, M., & Forcier, L. B. (2016). *Intelligence unleashed: An argument for AI in education*. Pearson.
- Organisation for Economic Co-operation and Development. (2021). *21st-century readers: Developing literacy skills in a digital world*. OECD Publishing. <https://doi.org/10.1787/a83d84cb-en>
- Selwyn, N. (2016). *Education and technology: Key issues and debates* (2nd ed.). Bloomsbury Academic.
- Siemens, G. (2005). Connectivism: A learning theory for the digital age. *International Journal of Instructional Technology and Distance Learning*, 2(1), 3–10.
- UNESCO. (2021). Recommendation on the ethics of artificial intelligence. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000381137>

TECNODIVERSIDADE E EDUCAÇÃO: COSMOTÉCNICAS, EXCLUSÕES E POSSIBILIDADES INTERCULTURAIS

EMANUEL MARCONDES DE SOUZA TORQUATO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI – UFCA – BRASIL

A crescente adoção de tecnologias digitais nos sistemas educativos levanta questões urgentes sobre novas formas de marginalização epistêmica e social. Esta pesquisa tem como objetivo analisar os impactos da universalização tecnológica na educação sob a ótica do filósofo Yuk Hui, mobilizando precipuamente os conceitos de "tecnodiversidade" e "cosmotécnica". A justificativa central desta reflexão reside na constatação de que as políticas vigentes de inclusão digital frequentemente se reduzem a garantir o acesso físico a dispositivos e conectividade, operando sob uma concepção monolítica e eurocêntrica de técnica. Tal modelo, paradoxalmente, reproduz exclusões culturais e epistêmicas profundas ao negligenciar modos locais de existir e pensar a tecnologia.

A relevância desta discussão para a Filosofia da Educação consiste em demonstrar que a efetiva inclusão educacional, face à hiperdigitalização, exige a formulação de uma filosofia intercultural da técnica. Metodologicamente ancorado numa revisão bibliográfica e hermenêutica das obras de Hui, na articulação com os autores da chamada virada ontológica e as noções de técnica em Heidegger e Simondon, o estudo argumenta que a superação da tensão entre inclusão e exclusão no ambiente formativo pressupõe o reconhecimento de múltiplas cosmologias tecnológicas.

A reflexão conclui que incorporar o princípio da tecnodiversidade nos currículos e nas práticas pedagógicas permite não apenas mitigar o atual imperialismo tecnológico, mas também promover uma educação onde saberes locais e ferramentas globais coexistam de forma equilibrada. Assim, garante-se uma inclusão que respeite verdadeiramente a pluralidade humana e epistêmica. Este estudo propõe tensionar as fronteiras das diretrizes contemporâneas de integração tecnológica e apontar para a construção de uma matriz educacional radicalmente inclusiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HUI, Yuk. *Tecnodiversidade*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

HUI, Yuk. *The question concerning technology in China: na eassy in cosmotechnics*. Falmouth: Urbanomic, 2016.

HEIDEGGER, Martin. "A questão da técnica" In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*, Tradução: Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 11-38.

DESCOLA, Phillipe. *Beyond Nature and Culture*. Chicago: University of Chicago Press, 2013.

SIMONDON, Gilbert. *On the Mode of Existence of Technical Objects*. London, Ontario: University of Western Ontario Press: 1980.

A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NO CENÁRIO DIALÓGICO (TRANSDISCIPLINAR) DO PARADIGMA DA DIVERSIDADE: DESAFIOS E ENFOQUES

ERNESTO CANDEIAS MARTINS

IPLUSO

A partir de repensar o paradigma da diversidade atual na sociedade, propomos um referencial ético-axiológico onde a diferenciação seja um direito e um incremento de conhecimentos e de convivência, que exige às instituições (socio)educativas (e culturais) a promoção da participação plena e equitativa para uma cidadania ativa, impregnada nos valores humanos.

Através de uma hermenêutica reflexiva incidiremos nos seguintes pontos que se convertem os objetivos da nossa argumentação: Tensões na mudança de paradigma (ontológico) perante as identidades, necessidades e culturas; Desconstruir as práticas (socioeducativas) enveredando por uma maior envolvimento nas aprendizagens (formais, não-formais) aproveitando os espaços da 'cidade' (cidade educadora e criativa); a justiça social na incidência na alteridade e equidade, valores para a inclusão nos discursos e ações; marco ético perante as tecnologias e a IA em prol de uma humanização interativa e senciente.

Pretendemos que a filosofia da educação seja ancora crítica/reflexiva e o 'farol ético' no cenário atual (digitalização-TIC, diversidade, crises, falta expectativas no futuro) e, para isso precisamos de bússola argumentativa que: resgate pedagogia crítica (P. Freire); construa a comunidade na base do diálogo (Habermas); questione os fins da educação para (futuro) cidadão nas sociedades democráticas; veja educação no seio pensamento crítico/reflexivo nas incertezas e imprevisibilidades (complexidade Morin) e na desconexão tecnológica (exclusões); desenvolva resiliência cognitiva perante mudanças (autoeficácia, atitudes positivas); possibilite estender pontes de diálogo (transdisciplinar) entre outras ciências em prol do ser humano e na sua dimensão antropológica.

Consideramos a interdisciplinaridade como uma integração de conhecimentos pertencentes a disciplinas diferentes (aprofundar vantagens das pontes do conhecimento e da reflexão dos seus riscos), que determine um revisitar das Humanidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Acevedo-Correa, D.; Montero-Castillo, P. & Durán-Lengua, M. (2021). Retos de la educación como diálogo de saberes en la formación científica transdisciplinar. *Revista de Filosofía*, (97), pp. 31-325. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.4878732>
- Aguilar, F.; Bolaños, R.; Villamar, J. & Moreno, J. (2019). Diálogos de saberes en las ciencias humanas. *ArtyHum*, (64), pp. 62-99. DOI: <https://cutt.ly/GNjA8k2>
- Fullat, O. (2000). *Filosofía de la Educación*. Síntesis
- Krishnamurti, J. (2007). *La educación y el sentido de la vida*. Edaf
- Pereira, L.; Silva, C.; Petzold, P. & Ravache, R. (2020). La importancia de la filosofía de la educación. *Revista Científico Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, 05-12. DOI: <https://cutt.ly/MNzSZ79>
- Touriñán Lopez, J.M. (2020). Importancia de la filosofía de la educación en Pedagogía. *Revista Boletín REDIPE*, 9 (12), pp. 28-58. DOI: <https://bit.ly/4hEbfdA>

A FUNÇÃO
PEDAGÓGICA DAS
IMAGENS NOS ITENS DE
BIOLOGIA DO EXAME
NACIONAL DO ENSINO
MÉDIO (2009–2025):
UMA ANÁLISE À LUZ
DA APRENDIZAGEM
MULTIMÍDIA, DA CARGA
COGNITIVA E DAS
IMPLICAÇÕES PARA A
EDUCAÇÃO ESPECIAL

EVANILSON OLIVEIRA

ELAINE PAVINI CINTRA

INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO

O presente estudo analisa a função pedagógica das imagens nos itens de Biologia do Exame Nacional do Ensino Médio aplicados entre 2009 e 2025, considerando suas implicações para a aprendizagem e para a educação especial inclusiva. A pesquisa em andamento parte da constatação de que as avaliações em larga escala têm incorporado cada vez mais representações visuais, como gráficos, tabelas, esquemas e ilustrações, exigindo dos estudantes competências de leitura multimodal e interpretação científica.

Fundamenta-se na Teoria Cognitiva da Aprendizagem Multimídia, na Teoria da Carga Cognitiva e nos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem, buscando compreender em que medida essas imagens favorecem a aprendizagem significativa ou produzem barreiras cognitivas, especialmente para estudantes da educação especial.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, documental, baseada na análise de conteúdo de itens de Biologia que apresentam recursos visuais. Os dados parciais indicam aumento progressivo da multimodalidade nas provas, porém revelam que muitas imagens não estão adequadamente integradas ao texto verbal, podendo gerar sobrecarga cognitiva e dificultar o processamento das informações. Em contrapartida, também foram identificados itens em que as imagens desempenham função estruturante e facilitadora da compreensão de fenômenos biológicos complexos.

Os resultados parciais apontam para a necessidade de maior intencionalidade pedagógica na elaboração de recursos visuais em avaliações educacionais, visando ampliar a acessibilidade cognitiva, fortalecer práticas inclusivas e contribuir para a construção de instrumentos avaliativos mais alinhados aos princípios da educação inclusiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.
BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, 2008.
BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). ENEM: matriz de referência. Brasília, 2020.
MAYER, R. E. Multimedia Learning. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
MITTLER, P. Educação inclusiva: contextos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PROGRESSÃO CONTINUADA: ENTRE A INCLUSÃO FORMAL E A EXCLUSÃO SUBJETIVA

FABIANA DE OLIVEIRA RIBEIRO

FILOMENA ELAINE PAIVA ASSOLINI

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO – USP
(FFCLRP-USP)

Este trabalho analisa as configurações do mal-estar docente na educação pública brasileira, especialmente o Estado de Minas Gerais, frente às pressões institucionais pela progressão continuada. Recorte de uma tese de doutorado do grupo Gepalle (FFCLRP-USP), partimos da premissa de que o mal-estar é um dado estrutural da civilização (Freud, 1930), intensificado hoje pela racionalidade neoliberal que transfigura a escola em uma linha de produção gerencialista e o docente em um "gestor de fluxos estatísticos".

O objetivo é analisar como o imperativo da progressão compulsória captura o desejo do mestre e desidrata o ato educativo. Justificamos o estudo diante do colapso da autoridade pedagógica, imposto por políticas que priorizam índices quantitativos em detrimento da transmissão do saber. Metodologicamente, adotamos uma abordagem qualitativa por meio do Paradigma Indiciário e a articulação entre a Psicanálise (Freud e Lacan) e a Análise de Discurso (AD) de linha francesa (Pêcheux e Orlandi).

Essa escolha permite ir além do conteúdo manifesto das queixas docentes para alcançar os silenciamentos e as capturas ideológicas presentes nas formações discursivas do trabalho precarizado. Os resultados indiciam que a eliminação da reprovação opera como um dispositivo de alienação: ao destituir o valor do esforço e o limite simbólico da falta, ela inibe o desejo do aluno, tornando-o desinteressado em aprender, e produz um cenário de inclusão puramente formal que mascara uma profunda exclusão subjetiva.

Como proposta de resistência, defendemos o dispositivo teórico-metodológico TEF-DRED (Espaço de Formação Discursiva-Reflexiva para o "Estar Docente"), visando deslocar o professor da "fala vazia" da queixa burocrática para a "fala plena" da autoria. Concluimos que o enfrentamento ao esgotamento profissional exige resgatar a função civilizatória do limite na escola, sustentando a ética do desejo docente frente ao esmagamento gerencialista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DUNKER, Christian Ingo Lenz. Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil contemporâneo. São Paulo: Boitempo, 2015.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Original publicado em 1930).
- LAVAL, Christian. A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. São Paulo: Boitempo, 2019.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas: Pontes, 2015.
- PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

TYKHE: PRÁXIS LIBERTADORA FRENTE AO DETERMINISMO ALGORÍTMICO

FELIPE F. NEVES

URBANO N. NOJOSA

PUC-SP

O debate sobre a inteligência artificial transcende o campo técnico para se tornar uma questão filosófica, ética e política central do nosso tempo. A IA, ao assumir funções antes exclusivamente humanas (criar, decidir, julgar), não apenas ameaça uma competição com o trabalho intelectual humano, mas também impõe uma nova forma de controle social, análoga ao destino inevitável (Ananke) da mitologia grega.

Este "determinismo algorítmico" manifesta-se de maneira violenta em sistemas de vigilância racializados, na guerra automatizada, na manipulação de desejos por plataformas de mídia e na erosão de conceitos como autoria e verdade. Analisar a inteligência artificial (IA) como um novo paradigma de determinismo tecnológico (Ananke) na contemporaneidade e investigar a reabilitação do conceito de acaso (Tykhe) como uma categoria filosófica e uma práxis humana essencial para a preservação da liberdade, da ética e da autonomia diante da crescente autonomia dos sistemas algorítmicos.

Por isso, precisamos expor as bases filosóficas do "ideal moderno de racionalidade instrumental" e sua culminância na IA, questionando seu impacto na tradição do zoon logikon (animal racional). Ao mesmo tempo, examinar os riscos éticos, sociais e políticos da IA, com foco em casos concretos como: armas autônomas letais, vieses algorítmicos (racismo, machismo), erosão da autoria e manipulação da subjetividade no entretenimento e na informação.

Articular o conceito de práxis (em sua acepção aristotélica e marxista) como uma atividade teórico-prática capaz de mediar a relação entre humanos e tecnologia, resistindo à submissão ética e política à lógica algorítmica.

Propor uma "ética do acaso" e uma "política da incerteza" como fundamentos para um novo paradigma de enfrentamento que reafirme o protagonismo humano e a riqueza inventiva da vida cotidiana frente à modelização tecnológica imposta pelo algoritmo

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anders, G. (2002). A obsolescência do homem: Sobre a alma na era da segunda revolução industrial (Vol. 1). Ed. Unesp.
- Coeckelbergh, M. (2023). Ética na inteligência artificial. Edições 70.
- Deleuze, G. (2000). Lógica do sentido (L. R. S. Fortes, Trad.). Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1969)
- Han, B.-C. (2015). Psicopolítica: Neoliberalismo e novas técnicas de poder. Vozes.
- Jonas, H. (2006). O princípio da responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. PUC-Rio/Loyola.

A PEDAGOGIA NA PERSPECTIVA DA INTERCULTURALIDADE CRÍTICA: FUNDAMENTOS, TENSÕES E POSSIBILIDADES

FLÁVIO RAFAEL DA SILVA BRITO

ANTÔNIO JOAQUIM SEVERINO

UNINOVE

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a Pedagogia na perspectiva da interculturalidade crítica, buscando compreender seus fundamentos teóricos, tensões epistemológicas e possibilidades de contribuição para a educação brasileira.

Parte-se do pressuposto de que a Pedagogia, historicamente constituída a partir de referenciais universalizantes, enfrenta desafios significativos diante da diversidade cultural e das desigualdades sociais que caracterizam a sociedade brasileira. Nesse contexto, a interculturalidade crítica, articulada ao pensamento decolonial, apresenta-se como uma perspectiva capaz de problematizar as relações de poder, saber e ser que atravessam os processos educativos.

A investigação, de cunho filosófico-educacional e natureza qualitativa, será realizada com apoio teórico-bibliográfico e fundamenta-se nas contribuições de Paulo Freire, Antônio Joaquim Severino, Vera Maria Candau, Catherine Walsh, Aníbal Quijano, Walter Mignolo, Nelson Maldonado-Torres e Edgar Morin.

O estudo discute a constituição histórica e epistemológica da Pedagogia, os fundamentos da interculturalidade crítica e da decolonialidade, bem como as tensões entre universalismo pedagógico e pluralidade cultural, ciência moderna e epistemologias plurais.

A relevância da discussão reside na necessidade de compreender como a educação pode responder aos desafios contemporâneos relacionados à diversidade cultural e à formação humana em contextos marcados por processos simultâneos de inclusão e exclusão.

Defende-se que a pedagogia, compreendida como prática educativa intencional, dialógica e mediadora, pode contribuir para a articulação entre diferentes saberes, o reconhecimento das diferenças e a construção de práticas educativas mais inclusivas, democráticas e comprometidas com a emancipação humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDAU, Vera. Diferenças culturais e educação: construindo caminhos. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 78. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. Educação, sujeito e história. São Paulo: Olho d'Água, 2001.
- WALSH, Catherine. *Interculturalidad crítica y pedagogía decolonial: apuestas (des)de el in-surgir, re-existir y re-vivir*. Quito: Abya-Yala, 2013.

ENSINO DE FILOSOFIA E RECOMPOSIÇÃO DA APRENDIZAGEM

FRANCISCO JOSÉ ASSUNÇÃO DA SILVA

UFBA / SEDU-CE

MARIA THAIS DA SILVA DA CRUZ

UNICAMP / SME EUSÉBIO

O presente trabalho pretende analisar as estratégias de políticas públicas de formação continuada de professores da rede estadual do Ceará, por meio do programa Foco na Aprendizagem, no campo da área de Ciências Humanas Sociais Aplicada (CHSA). A pesquisa adota abordagem qualitativa, fundamentada em análise documental de materiais institucionais e material utilizados nas formações da Seduc/CE na região da SEFORs (Superintendência das Escolas Estaduais de Fortaleza) e revisão bibliográfica sobre ensino de Filosofia.

O programa é estruturado em avaliação diagnóstica e formativa, Material Didático Estruturado (MDE) e formação entre pares, tendo como objetivo promover a recomposição das aprendizagens essenciais e garantir equidade educativa. No recorte de 2024-2025, investiga-se a atuação do ensino de Filosofia no primeiro ano do Ensino Médio, explorando como conceitos filosóficos fundamentais podem ser mobilizados para desenvolver pensamento crítico e autonomia intelectual, em diálogo com as demandas contextuais dos estudantes das demais unidades curriculares.

Preliminarmente é possível indicar que a articulação entre os pilares do programa favorece práticas pedagógicas que integram saberes e a reflexão filosófica das realidades locais, reafirmando o papel da disciplina na formação cidadã. Sendo possível concluir que a formação continuada, análise de dados educacionais, uso intencional de materiais estruturados, contribui para superar dicotomias entre teoria e prática, promovendo uma educação filosófica significativa e contextualizada

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.
- CEARÁ. Secretaria da Educação. Foco na Aprendizagem: recomposição das aprendizagens e formação continuada. Fortaleza: Seduc/CE, 2024.
- CEARÁ. Secretaria da Educação. Documento Curricular Referencial do Ceará – Ensino Médio. Fortaleza: Seduc/CE, 2021.
- OLIVEIRA, Elineide Alves de. O ensino de filosofia como responsabilidade pelo mundo: uma abordagem a partir de Hannah Arendt. Fortaleza: Seduc/CE, 2023.
- GALLO, Silvio; KOHAN, Walter Omar (Orgs.). Filosofia no Ensino Médio. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2020.

DESAFIOS DA LEITURA E DA ESCRITA DE TEXTOS ACADÊMICOS NO CONTEXTO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

FRANCISCO VALDÉRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO

ANA CRISTINA CHAMPOUDRY

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

O texto é uma das tecnologias mais antigas da humanidade. No Ocidente, a invenção do alfabeto acelerou substancialmente a comunicação em vários domínios do conhecimento. No mesmo compasso da evolução da escrita, que transitou dos antigos escribas à imprensa, as técnicas de leitura se modificaram para dar conta dos novos desafios da comunicação naquilo que requer exegese e tradução.

Essas mudanças evidenciam um direcionamento impositivo das formas de conceber a própria realidade histórica: o advento do texto definiu todo o panorama letrado do mundo humano. Contudo, como qualquer tecnologia, o texto sofre transformações, e é exatamente isso que sua história informa. O surgimento do mundo digital tornou mais céleres as transformações do texto e, de igual modo, as formas de leitura e escrita, que passaram a ser fragmentadas, rápidas e orientadas por algoritmos.

Esse é o sentido da presente reflexão, que objetiva problematizar as transformações da escrita e da leitura no contexto digital. Ora, o que chamamos, com Chartier, de materialidade do texto, que durante séculos foi exclusivamente o impresso, ainda pode ser categorizado dessa forma, dada a inscrição desses textos em diversas plataformas virtuais? A composição do texto, atualmente originária de múltiplos gêneros digitais alocados livremente na internet, permite que as técnicas outrora manuseadas se mantenham eficazes?

O processo de leitura do texto, mediante a apropriação do outro (uma subjetividade) pela desapropriação de si, segundo Ricoeur, permanece efetivo quando esse outro é, em princípio, um ninguém, como no caso de textos escritos por IA? Hoje, o mundo letrado, potencializado ao limite pelas tecnologias digitais, não nos interpela apenas pela pluralidade das interpretações conflitantes, mas também pela superabundância informacional que parece deslegitimar todos os critérios do conhecer.

Os desdobramentos, no campo educacional, são paradoxais: ampliam o acesso à informação, mas também produzem formas de exclusão quanto à apropriação crítica do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHARTIER, Roger. 2001. Práticas da leitura. São Paulo: Estação Liberdade.
- CHARTIER, Roger. 2001. Cultura escrita, literatura e história – conversas de Roger Chartier, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: ARTMED.
- RICŒUR, Paul. 2011. "Hermenêutica e mundo do texto." In: Escritos e conferências 2: hermenêutica, p. 27-35. São Paulo: Loyola.
- RICŒUR, Paul. 1989. Do texto à acção: ensaios de hermenêutica II. Lisboa: Rés.
- TERRA, Ernani. 2019. Leitura e escrita na era digital. São Paulo: Saraiva Uni.

REFLEXÕES SOBRE OS IMPACTOS DA “SOCIEDADE DO DESEMPENHO” NAS PRÁTICAS DOCENTES

GENILSON DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA

UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ (UVA)

PRISCILLA PONTES BEZERRA MENDES

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ (UVA)

ERMÍNIO DE SOUSA NASCIMENTO

UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ (UVA)

O presente resumo apresenta o resultado de discussões e ações realizadas no ano de 2025, pelo Grupo de Extensão Sebo Cultural Itinerante: o ensino de filosofia na sociedade tecnológica e do Grupo de pesquisa em Educação e Ensino de Filosofia, ambos da Universidade Estadual Vale do Acaraú em Sobral, Ceará. Essa pesquisa analisa a crise da saúde mental, sobretudo dos(as) professores no século XXI, a partir das reflexões do filósofo Byung-Chul Han (1959), considerando as chamadas “doenças da sociedade do desempenho”

Essas doenças estão relacionadas ao excesso de positividade, que conduz as pessoas à autoexploração para satisfazer à lógica produtivista do neoliberalismo. Diante disso, busca-se compreender como a noção de produtividade impacta no cotidiano do(a) docente, gerando quadros de exaustão, depressão, *burnout* entre outras anomalias.

Neste aspecto, observa-se como o trabalho docente é marcado por uma busca por resultados definidos através de avaliações externas ao ambiente escolar, mas que repercute no planejamento financeiro e pedagógico nos anos subsequentes e pela sobrecarga emocional em função do declínio gradual da dimensão pedagógica para atingir índice educacional estipulado por agências externas que, em tese, estão a serviço dos interesses da sociedade neoliberal.

Na obra *Sociedade do cansaço* (2024), ao apresentar a transição da sociedade disciplinar, estudada por Foucault, para a sociedade do desempenho, Han enaltece que, no século XXI as pessoas deixam de ser controladas por normas e proibições externas, para se autogerenciar sob o imperativo de “poder fazer mais”.

Se antes o agente sabia que era controlado por instituições ou por outras pessoas, agora ele é marcado pela crença de ser livre, tornando-se empresário de si que o conduz à autoexploração. Na docência, essa dinâmica se manifesta quando o professor ou a professora assume a culpa de que fracassou por não alcançar, com os seus ou as suas estudantes, os resultados estipulados por terceiros, sem considerar as condições objetivas da realidade escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. Educação e emancipação. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2024. 126 p.
- LUZ, Dulcinéia de Mello Antunes da, KAEFE, Carin Otilia. A saúde mental dos professores da rede pública que atuam no ensino médio: uma contribuição do fazer da psicologia. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health, [S. l.], v. 14, n. 41, p. 19–37, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/71246>.
- NASCIMENTO, Ermínio de Sousa. Ensaio sobre a formação e adaptação em Adorno. Aufklärung, João Pessoa, v8, n3, p.77-90, set-dez, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/arf/article/view/57863?articlesBySimilarityPage=7>
- TOSTES M. V.; ALBURQUERQUE G. S. C.; SILVA M. J. S.; PETTERLE R. R. Sofrimento mental de professores do ensino público. Saúde em debate. Rio de Janeiro. v. 42, p. 87-99, 2018. Disponível em: <https://www.saudeemdebate.org.br/sed/article/view/775/43>.

O TEXTO FILOSÓFICO COMO BASE PARA A ESCRITA DO ENSAIO FILOSÓFICO

JANILCE SILVA PRASERES

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (UBI)

No contexto do ensino da filosofia no ensino secundário, o texto filosófico adquire uma importância central, não apenas como objeto de leitura, mas como instrumento formador do pensamento e mediador entre o aluno e a tradição filosófica, trata-se de uma das ferramentas principais do ensino da filosofia. É preciso levar os alunos aos textos, não como mera apresentação, mas, partir para a leitura filosófica, que longe de ser um ato meramente passivo ou informativo, constitui uma atividade interpretativa que exige esforço, atenção e abertura à complexidade dos conceitos, e é nesse quadro que se torna pertinente refletir sobre o lugar ocupado pelo texto no processo de ensino e aprendizagem da filosofia e como base para o desenvolvimento da escrita de teor filosófico.

De acordo com Cossutta, na obra *Elementos para a leitura dos textos filosóficos*, «é preciso aprender a ler», o texto filosófico não é um simples suporte de conteúdos a serem “transferidos” para o aluno, trata-se de um conjunto complexo, que configura uma forma de pensamento em “ato”, que instaura uma relação exigente entre linguagem, conceito e argumentação. Para tal, refletiremos sobre o pensamento de dois autores: Frédéric Cossuta e Paul Ricoeur.

A escolha de abordar a problemática sobre a importância do trabalho sobre os textos filosóficos como objeto do nosso estudo justifica-se pela necessidade de promoção do ensaio filosófico de uma apropriação pessoal e crítica da filosofia.

O trabalho sobre o texto filosófico exige, simultaneamente, rigor, criatividade e ousadia interpretativa. O texto traduz-se como o lugar onde o aluno pode, progressivamente, aprender a pensar com os filósofos, a meditar com eles, mas também “contra” eles — num processo dialético que pode culminar, por exemplo, na produção do ensaio filosófico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T.; «O ensaio como forma» [1954] in *Notas de Literatura I*. Coleção Espírito Crítico. Duas Cidades, Editora 34, (s/d), pp. 15-45.
- COSSUTTA, Frédéric. *Elementos para a leitura dos textos filosóficos*. Tradução Angela de Noronha Begnami Milton Arruda Clemence Jouet-Pastré Neide Sette. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- DOMINGUES, J. A. *O ensaio como método*. Covilhã: LusoSofia, 2019. Disponível em: https://lusosofia.ubi.pt/textos/20190809domingues_jose_2019_ensaio_como_metodo.pdf
- RICOEUR, Paul. *Do texto à ação: ensaios de hermenêutica II*. Tradução Alcindo Cartazo e Maria José Sarabando. Lisboa: RÉ-S-Editora, s/d.
- MANSO, A., MARTINS, C. (Org.). *Ensino da filosofia em Portugal: tradição e actualidade da formação*. V. N. Famalicão: Edições Húmus, 2016.

MESAS, QUADROS
BRANCOS E HUMIDADE
– A INCLUSÃO
AGENCIAL DE
MATERIALIDADES
VITAIS NÃO-HUMANAS
NO EXERCÍCIO
DA EDUCAÇÃO

JOÃO MÁRIO PEREIRA

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS – UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

O que é que acontece quando, antes de algum de nós poder dar início a uma lição, em contexto de sala de aula, reparamos que as carteiras das nossas estudantes estão completamente lascadas, impossibilitando-as de escrever? Ou que o apagador do nosso quadro branco deixou, de repente, de *servir a sua função*? Ou que o termóstato se partiu, sem que ninguém desse por isso, num dia particularmente quente, causado pelo agravamento do aquecimento global (o *hiper-objecto* por excelência)?

Ao contrário daquilo que poderíamos pensar, o *espaço* de uma sala de aula – aquele que, ainda hoje, é considerado o *lugar* próprio do exercício de funções de cariz pedagógico-didático – não é, nem nunca poderá ser tido em conta como algo hermético, *fechado em si mesmo*, onde pa-nopticamente tudo será, com prontidão, vigiado e controlado, enquanto estes e outros múltiplos (hiper-)objectos (Morton, 2013) fizerem parte dela. Na realidade, as linhas de fuga traçadas por estas materialidades “situam-se tanto na criação de efeitos [a atenção que uma aluna poderá despende durante uma lição, por exemplo] como na *potencialidade* própria de um material em termos da realização desse efeito.” (Benjamin, 2007, p. 24, ênfase próprio). Isto quer dizer que os, acima de tudo os “[m]ateriais tornam-se registos [acrescentaria, vivos] *daquilo que permitem* (*ibidem*), pelo que não podem continuar a ser tratados como meras composições de átomos e moléculas essencialmente *inertes*.

O propósito desta comunicação – tendo como fundação teórica uma *ontologia orientada para os objectos* (OOO) – será o de *incluir* e, acima de tudo, *dar conta* destas várias populações de pulsantes teias vitais não-humanas, encontradas comumente no seio de uma sala de aula, tão ou até mais *responsáveis* (*responsabilidade* - a habilidade de *suscitar* uma resposta, segundo Haraway [2016]) que nós por aquilo que nós escolhemos designar como *educação*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bogost, I. (2012). *Alien Phenomenology, Or, What It's Like to be a Thing*. University of Minnesota Press.
Bryant, L. R. (2011). *The democracy of objects*. Open Humanities Press.
Harman, G. (2018). *Object-Oriented Ontology: A New Theory of Everything*. Pelican Books.
Harman, G. (2011). *Tool-Being: Heidegger and the Metaphysics of Objects*. Open Court.
Morton, T. (2013). *Hyperobjects: Philosophy and Ecology After the End of the World*. Posthumanities.

REPRESENTAÇÃO FENOMENOLÓGICA DO ALUNO

JOAQUIM CARLOS ARAÚJO

ESCOLA SECUNDÁRIA DE JOSÉ AFONSO (LOURES)

P.E.S – NOVA FCSH

Pretendemos explicitar a ideia de «representação fenomenológica» segundo o eixo temático de uma fenomenologia do *mundo da vida* extra científico - onde, eventualmente, o binómio inclusão/exclusão é dado como "óbvio" na vida quotidiana concreta da escola, aplicando o método fenomenológico (*epoché*, intencionalidade, intersubjetividade, etc.) ao problema concreto do acolhimento/intropatia do outro (aluno), numa incontornável evidência originária.

De que modo a fenomenologia pode esclarecer os preconceitos sobre inclusão e exclusão? Não se trata apenas de *descrever* inclusões e exclusões, mas de interrogar/interpretar os pré-juízos, ideias pré-reflexivas, que estão na base das nossas representações quotidianas e teóricas desses conceitos.

Esclareceremos a tese de suspensão do juízo natural e da intencionalidade da consciência para "voltar às coisas mesmas", descrevendo fenómenos sem prejulgamentos assimilacionistas de teorias prévias, compreendendo o *sentido* (vivência concreta, subjetiva e particular, gerada no instante em que a consciência se dirige para o objeto) e a *significação* (definição pública, objetiva e universal, na partilha de algo numa comunidade linguística) de uma experiência vivida (*phainomenon*), partindo da perspetiva de quem a vivencia: ver o mundo através dos olhos do outro, suspendendo (colocando entre parênteses mas não desprezando) crenças próprias, preconceitos, teorias pedagógicas científicas. Admitimos que é impossível alcançar uma neutralidade absoluta.

O «Pré-Julgamento» é a nossa (prévia) condição de possibilidade, enquanto seres humanos *lançados no mundo*. O ato de ensinar é um círculo hermenêutico: o professor não deve, nem consegue, eliminar a linguagem do preconceito, mas pode consciencializá-la. Consideraremos o fenómeno psicológico/conceptual da *representação* do aluno segundo uma (mera) grelha de interpretação fenomenológica: realidade socialmente construída e esquema hierarquizado de juízos e valores (que qualquer grupo social pode impactar).

A representação não é um produto do fim, mas do instante. Ela persiste na mudança, já que se trata de um complexo processo descritivo/interpretativo mútuo, em plena construção e reconstrução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Joaquim Carlos, *Pedagogia e Prática do Trabalho de Projeto*, Plátano Editora, 2005.
- HEIDEGGER, Martin, *El Ser y el Tiempo*, § 32, Traducción de José Gaos, Fondo de Cultura Económica, México, 1951.
- HUSSERL, Edmund, *La Crise des Sciences Européennes et la Phénoménologie Transcendentale*, § 34, Traduit de l'allemand par Gérard Granel, Gallimard, 1962.
- HUSSERL, Edmund, *Mediações Cartesianas*, Phainomenon – Clássicos de Fenomenologia - Centro de Filosofia – Universitas Olisiponensis, Quinta Meditação, §§ 42, 43, 55, 56, 58. Tradução de Pedro Alves (2010).
- LÉVINAS, Emmanuel - *O Tempo e o Outro*, «A solidão do existir», Tradução de José Luis de Sousa Pérez, *Phainomenon*, 11 (2005), Lisboa, pp.161-162.
- SCHÜTZ, Alfred - *Símbolo, realidade e sociedade*, IV, V, VII. Tradução de Joaquim Carlos Araújo, Pedro M. S. Alves e João Carlos Correia, Revisão geral de Pedro M. S. Alves, *Phainomenon*, 8 (2004), Lisboa, pp.157-223.

MATERIAL DIDÁTICO E LINGUAGEM DIALÓGICA COMO INDICADORES DE QUALIDADE NA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA EM ESPAÇOS LABORAIS

JOSÉ MARCOS ALVES

ADRIANA APARECIDA DE LIMA TERÇARIOL

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)

Este trabalho analisa o material didático como indicador de qualidade na Educação a Distância (EaD) em espaços laborais, tomando como referência a pesquisa intitulada “Indicadores de qualidade na formação corporativa: gestão de EaD no Tribunal Regional do Trabalho da 2ª Região” concluída no âmbito do Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho – SP/Brasil. O estudo original investigou a gestão da EaD na Escola Judicial do Tribunal Regional do Trabalho da 2ª Região, com foco nos indicadores de qualidade evidenciados na oferta do curso “Introdução a Temas Socioambientais”.

A presente comunicação propõe o seguinte recorte: a relação entre produção de conteúdos educacionais, linguagem dialógica, organização didática e percepção de qualidade pelos participantes. Justifica-se a discussão pela crescente centralidade das tecnologias digitais nos processos de formação continuada e pelo risco de que a simples transposição de conteúdos para ambientes virtuais produza novas formas de exclusão pedagógica, quando não acompanhada de planejamento, mediação e acessibilidade comunicacional.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória, estruturada como estudo de caso, com análise de avaliações de reação dos estudantes, relatório de tutoria e questionários aplicados à equipe técnico-pedagógica e à gestão de EaD. Os resultados indicam que materiais objetivos, contextualizados, visualmente organizados e articulados a diferentes mídias favorecem a autonomia do estudante, a permanência no curso e a aprendizagem significativa. Concluiu-se que o material didático, quando concebido por meio de princípios do design instrucional, constitui dimensão estratégica da qualidade da EaD e contribui para práticas formativas mais efetivas em instituições públicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, José Marcos. Indicadores de qualidade na formação corporativa: gestão de EaD no Tribunal Regional do Trabalho da 2ª Região. 2019. 226 f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais) — Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2019.
- BEHAR, Patricia Alejandra. Modelos pedagógicos em educação a distância. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Referenciais de qualidade para educação superior a distância. Brasília, DF: MEC, 2007.
- FILATRO, Andrea. Design instrucional na prática. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2008.
- LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

A ÉTICA NAS FRONTEIRAS DA JUSTIÇA. OS DESAFIOS EDUCACIONAIS DE M. NUSSBAUM

JOSÉ PEDRO MATOS FERNANDES

CIEQV

102

A partir de *Fronteiras da Justiça*, de Martha Nussbaum, pretende-se pensar o significado e os limites da noção de inclusão educacional. A autora defende que as noções de inclusão/exclusão não são ideias que nascem de “um gesto de boa vontade” ou mesmo uma mera medida política administrativa de integração. Trata-se de uma verdadeira e essencial questão de justiça.

A ideia fundamental defendida por Nussbaum, no texto referido e em *Educação e Justiça Social* e também *Cosmopolitismo*, é que a vida social digna e a promessa da educação deveriam considerar que a inclusão não tem como fundamento e objetivo uma pergunta estruturada no desafio do tipo “quem consegue adaptar-se?” mas deverá antes ser a questão “que arranjos sociais estão a falhar quando alguém fica de fora?”

É importante perceber por que razão a noção de justiça herdada da tradição contratualista tem bastantes limitações. Se deixarmos de considerar a inclusão como uma mera integração ou oportunidade de frequentar um espaço e um tempo comum, e nos centrarmos na ideia de capacitação a ideia e as práticas de justiça tornam-se mais completas.

É, portanto, em torno da noção de justiça que a aproximação à ideia de inclusão se fará. Dela decorrem algumas pistas de solução dos problemas, em particular com a sua teoria das capacidades. A teoria de Rawls, neste aspeto particular, falha. O liberalismo tem limitações de princípio.

O que ganha a filosofia da educação com esta proposta de Martha Nussbaum é uma crítica às conceções muito elementares de exclusão e inclusão, uma abordagem antropológica mais real e uma proposta vincada de uma orientação educativa mais virtuosa. Mesmo em sentido aristotélico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Nussbaum (2006) *Frontiers of Justice: Disability, Nationality, Species Membership*
Nussbaum (2019) *The Cosmopolitan Tradition: A Noble but Flawed Ideal*
Nussbaum (2014) *Educação e Justiça Social*

PAULO FREIRE E A DOCÊNCIA EM EJA

JOSEFA GLEICE DO NASCIMENTO

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)

O presente trabalho de pesquisa trata das contribuições do pensamento freiriano na formação de docentes que lecionam a alfabetização na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

O objeto da pesquisa de que resultou esta apresentação se constituiu pelas questões relativas ao processo da formação continuada de professores, sob a perspectiva da educação libertadora proposta por Paulo Freire. Na fundamentação teórica foram abordados os princípios de Freire (1976 e 1996) e Romão (2007). Na metodologia da pesquisa, trabalhou-se com a abordagem qualitativa, de caráter participante, oportunidade em que foi propiciada a pesquisa de campo realizada na formação continuada dos professores do município de Iguatu, localizado no interior do Ceará, Brasil, que trabalham com turmas de EJA, no período de fevereiro de 2023 a agosto de 2024.

Os resultados apontaram para o planejamento coletivo que, com a apresentação e experimentação de novos itinerários, e a ação de acompanhamento e intervenções permitiu, aos professores, um trabalho que teve mais êxito na promoção da aprendizagem dos alunos da EJA.

A valorização do conhecimento popular, a utilização das técnicas dialógicas, com a participação ativa dos/das docentes e discentes permitiu a percepção de que a contextualização e a sistematização na sala de aula, auxiliando a prática educativa no processo de alfabetização, gera mais autonomia e protagonismo dos discentes, valorizando as suas diferentes formas de expressão cultural relacionadas à leitura, à escrita e à interpretação de textos e contextos.

A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA EDUCAÇÃO ENTRE INCLUSÕES E EXCLUSÕES: REFLEXÕES ÉTICAS E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

JOSÉLIA FONSECA

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS – UNIVERSIDADE DOS AÇORES

CEAD – UNIVERSIDADE DO ALGARVE

CHAM – AÇORES

A inteligência artificial (IA) assume um lugar de destaque na sociedade contemporânea do século XXI, estando presente nos mais diversos contextos sociais e suscitando desafios crescentes no âmbito da literacia digital e ética.

A educação — enquanto processo promotor do desenvolvimento antropológico, epistemológico e ético dos indivíduos — não permanece imune a estas transformações. Neste contexto, a presença da IA na educação permite identificar três grandes interpelações: 1) ao nível epistemológico, relacionadas com a verdade, a autonomia e a competência crítica no processo de construção do conhecimento; 2) ao nível antropológico, entendido a partir do desenvolvimento humano enquanto ser relacional e comunitário, na construção da identidade, da empatia, da responsabilidade e da participação social, questionando o lugar da pessoa humana perante a mediação tecnológica e os riscos de desumanização, isolamento ou dependência digital; 3) ao nível ético, associado aos princípios de justiça, inclusão, privacidade, equidade no acesso, transparência algorítmica e responsabilidade no uso educativo da inteligência artificial.

Nesta comunicação pretende-se discutir criticamente o papel da IA no contexto educativo, refletindo sobre os desafios de inclusão e exclusão emergentes, bem como sobre o contributo da educação para o desenvolvimento da literacia digital e ética, preservando a autonomia, a autenticidade e a centralidade da pessoa humana no processo educativo.

Metodologicamente, o estudo assenta numa abordagem qualitativa, baseada na análise crítica da literatura científica da especialidade, procurando problematizar os desafios éticos, antropológicos e educativos colocados pela IA na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Beauchamp, T. L. & Childress, J.F. (2013). *Principles of biomedical ethics*. Oxford University Press.
- Floridi, L. (2024). *Ética de la inteligencia artificial*. Herder.
- Fonseca, J., & Borges-Tiago, T. (2024). Digital Literacy Education and Cyberbullying Combat: Scope and Perspectives. In A. Kavoura, T. Borges-Tiago, & F. Tiago (Eds.), *Strategic Innovative Marketing and Tourism: ICSIMAT 2023* (pp. 157-164). Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-031-51038-0_18
- Luckin, R. (2018). *Machine Learning and Human Intelligence. The future of education for the 21st century*. UCL institute of education press.
- UNESCO. (2025, January 24). *International Day of Education 2025: AI and education – Preserving human agency in a world of automation*. UNESCO

SABERES DOCENTES E PRÁTICAS COLABORATIVAS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

LAERCIO PEREIRA

LEANDRO VITORIO SANTOS PEREIRA

UNINOVE

O presente estudo analisa os saberes docentes e as práticas colaborativas na educação inclusiva, considerando os desafios e possibilidades da organização do trabalho escolar voltado à garantia da participação e aprendizagem dos estudantes público-alvo da Educação Especial. Fundamentado nos princípios da educação inclusiva e nas políticas educacionais contemporâneas, o trabalho compreende a escola como espaço de valorização da diversidade e de construção coletiva do conhecimento.

A pesquisa tem como objetivo discutir estratégias de apoio ao processo inclusivo, especialmente o Atendimento Educacional Especializado, o ensino colaborativo e a atuação do agente de apoio escolar, destacando suas contribuições para o fortalecimento de práticas pedagógicas inclusivas. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, desenvolvida a partir da análise de produções teóricas de autores reconhecidos no campo da educação especial e inclusiva.

O estudo evidencia que a inclusão escolar exige mudanças estruturais, pedagógicas e culturais, demandando formação docente, reorganização curricular e trabalho colaborativo entre os profissionais da escola. Os resultados indicam que o atendimento educacional especializado, o ensino colaborativo e o agente de apoio escolar devem ser compreendidos como recursos complementares, capazes de favorecer a acessibilidade pedagógica e ampliar as possibilidades de aprendizagem e participação dos estudantes.

Destaca-se ainda que o professor da sala comum permanece como principal responsável pelo processo de ensino e aprendizagem, sendo essencial a construção de espaços de diálogo, planejamento coletivo e compartilhamento de práticas. Consideramos que a consolidação de uma escola inclusiva depende do compromisso coletivo da comunidade escolar com a valorização das diferenças, a promoção da equidade e a construção de práticas pedagógicas democráticas e acessíveis a todos os estudantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAPTISTA, C. R. Inclusão e escolarização. Porto Alegre: Mediação, 2005.
FÁVERO, E. A. G. Direitos das pessoas com deficiência. São Paulo: WVA, 2007.
GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 2008.
MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2015.
MENDES, E. G. A escolarização de alunos com deficiência. São Carlos: EDUFSCar, 2010.
SASSAKI, R. K. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

AS PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES DO ENSINO REGULAR FRENTE OS DESAFIOS DA INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURDOS

LEANDRO VITORIO SANTOS PEREIRA

ELAINE TERESINHA DEL MAL DIAS

UNINOVE

110

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, com foco na análise das percepções de professores do ensino regular acerca dos desafios da inclusão de estudantes surdos. O estudo tem como objetivo central compreender como tais percepções influenciam as práticas pedagógicas em contextos inclusivos, problematizando em que medida a formação docente e as concepções sobre a surdez impactam a efetivação da aprendizagem. Parte-se da hipótese de que práticas pedagógicas tradicionais, centradas na mediação limitada à tradução em Língua Brasileira de Sinais, mostram-se insuficientes para atender à complexidade dos processos educativos desses estudantes.

O objetivo geral consiste em analisar as percepções docentes, sendo desdobrado na identificação das concepções de surdez, das estratégias pedagógicas adotadas e das interações promovidas em sala de aula. O referencial teórico fundamenta-se no pensamento complexo, articulado com as ideias de valorização da diferença como condição humana e educação inclusiva como direito de todos, possibilitando a discussão sobre inclusão, cultura surda e bilinguismo. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de campo, a ser realizada com professores e intérpretes da Língua Brasileira de Sinais da rede pública de três municípios paulistas, utilizando instrumentos como entrevistas e análise qualitativa dos dados.

Espera-se contribuir para a reflexão crítica sobre práticas inclusivas, promovendo avanços na formação docente e na construção de ambientes educacionais mais equitativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 2002.
- FERNANDES, E. Surdez e bilinguismo. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.
- MORIN, E. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- SKLIAR, C. A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL COMO QUESTÃO NO FEMININO

LEONI MARIA PADILHA HENNING

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

Diante da proposta do X Congresso Internacional da Sociedade de Filosofia da Educação de Língua Portuguesa: *A Educação entre Inclusões e Exclusões*, numa perspectiva interdisciplinar, esta comunicação se fundamenta nas diretrizes da Filosofia da Educação como questão no feminino, uma vez que o campo por si só já interconecta dois termos, podendo facilitar a análise a partir deste prisma. Ademais, ao analisarmos o campo considerando os problemas das inclusões e exclusões, a posição das mulheres nesta esfera pode constituir-se numa temática de importância e vulto. Temos encontrado apontamentos que registram alguma estranheza diante da presença das mulheres enquanto filósofas de igual equivalência em relação à atuação dos homens.

A desconfiança de uma consistente racionalidade feminina, apesar dos seus encantos próprios ao seu gênero, foi um fato conhecido cujo assunto, aliás, repercutiu na questão dos direitos humanos. No Brasil, quando as mulheres finalmente conquistaram o direito de ingressar nas faculdades (através do Decreto nº 7.247 de 1879) havia a imposição de apresentar documento por escrito e assinado pelo marido, se casada, ou pelo pai, se solteira. Mesmo as disciplinas nas escolas primárias eram selecionadas, conforme o seu conteúdo, para serem oferecidas aos meninos diferentemente dos assuntos mais apropriados às mulheres. Os tempos passaram e a compreensão sobre gênero foi alterada.

Acreditamos que o campo deve valorizar a contribuição das mulheres tanto na Filosofia quanto na Educação, buscando argumentos que fortaleçam a experiência feminina frente a busca por uma sociedade mais justa, igualitária e menos violenta, garantindo o reconhecimento do trabalho das mulheres em ambos os campos numa versão antropológica atualizada. Diante do exposto, propomos a autoria de textos escolares como referências bibliográficas também versados por mulheres, formadas em Filosofia, uma vez que tal opção já surge no cenário acadêmico de modo intrigante, especialmente quando se aproxima da Educação, sucumbindo aos atrativos da Filosofia da Educação, um setor acadêmico atravessado por outras particularidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, C.; LEAL, H.; FRATESCHI (orgs.). *Enciclopédia Mulheres na Filosofia*. Petrópolis, RJ.: Editora Vozes, 2024.
- FREIRE, P. *Professora sim, tia não* - cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997.
- MARINHO, C. M. *Filosofia e educação no Brasil* - da identidade à diferença. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- MARGUTTI, P. Filosofia brasileira e pensamento descolonial. *Sapere aude* – Belo Horizonte, v. 9 – n. 18, p. 223-239, jul./dez. 2018
- TIBURI, M.; MENEZES, M de; EGGERT, E. (orgs.). *As mulheres e a filosofia*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2002.

INCLUSÕES DIFERIDAS: DO TEMPO PERDIDO AO TEMPO RECUPERADO

LUÍS ALVES DA COSTA

“CENTRO QUALIFICA” DA ESCOLA SECUNDÁRIA MARQUÊS DE POMBAL

A Educação e Formação de Adultos tem encontrado, no processo e no contexto de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC), uma das suas respostas mais emblemáticas e transformadoras. Desenvolvido no âmbito dos Centros “Qualifica”, o RVCC encontra na arquitetura do Catálogo Nacional de Qualificações (ANQEP) a sua matriz normativa e os referenciais de competências que balizam uma genuína certificação final.

Diferenciando-se das ofertas formativas de carácter presencial e escolarizado, o RVCC procura centrar-se no percurso do indivíduo e afirmar-se como um mecanismo flexível e personalizado, cuja dinâmica conduz a uma eficaz validação das aprendizagens adquiridas por adultos, ao longo da vida, em contextos formais, não formais e informais. Através do testemunho de uma autobiografia, progressivamente elaborada e monitorizada, e de um escrutínio multifacetado da vivência, e num balanço de competências, acompanhado pelos formadores das diferentes áreas, o processo culmina, através de um júri final, num ato público de validação académica.

Ao dirigir-se a um público heterogéneo, frequentemente afastado, de modo precoce, dos percursos tradicionais de ensino, marcado e caracterizado por urgências de opção entre os caminhos da vida, e do trabalho, e o enfoque nas várias vias tradicionais do estudo escolar, a ação destes centros assenta na assunção da “descontinuidade” como quadro valorizador.

Por fim, na perspetiva da Educação Inclusiva, a filosofia subjacente ao RVCC converge diretamente, nacional e internacionalmente, com os princípios das diretivas vigentes. Assim, o Centro “Qualifica”, ao assumir uma real transposição do prescrito para o vivido, protagoniza um real mecanismo de reajuste e metamorfose, entre o tempo perdido das urgências da vida e o reintegrar das respostas educativas, reconhecendo a diversidade de perfis sempre como uma riqueza e nunca como um défice.

Nesta comunicação, aborda-se a centralidade do processo de RVCC como alavanca de equidade, preparando um enquadramento para discutir como esta metodologia de validação emancipatória, apostando na aprendizagem ao longo da vida, consolida e reforça o direito humano fundamental à Educação e à promoção do pleno desenvolvimento pessoal, convertendo os Centros “Qualifica” em motores autónomos de inclusão social e educativa, no variegado contexto do Grande Teatro da Pedagogia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

UNESCO, International Commission on the Futures of Education, *Reimagining our futures together: A new social contract for education*, Paris, UNESCO, 2021

EUROPEAN AGENCY FOR SPECIAL NEEDS AND INCLUSIVE EDUCATION, *Ten Pillars Shaping the Future of Inclusive Education: Background Paper*, ed. Anthoula Kefallinou, Verity Donnelly, Antonella Mangiaracina, Gareth Hughes e Eloy Rebollo Píriz, Odense, European Agency for Special Needs and Inclusive Education, 2026.

ANQEP – AGÊNCIA NACIONAL PARA A QUALIFICAÇÃO E O ENSINO PROFISSIONAL, *Referencial de Competências-Chave para a Educação e Formação de Adultos – Nível Básico*, Lisboa, ANQEP, 2021.

ANQEP – AGÊNCIA NACIONAL PARA A QUALIFICAÇÃO E O ENSINO PROFISSIONAL, *Referencial de Competências-Chave – Educação e Formação de Adulto – Nível Secundário*, Lisboa, ANQEP, 2006

GARDNER, H., *Multiple Intelligences*, New Horizons, New York, 2006

VISAR
A COMPLEXIDADE,
RELIGAR OS SABERES,
REFORMAR O MODO
DE PENSAR, MELHORAR
A VIDA HUMANA:
A FILOSOFIA DA
EDUCAÇÃO DE
EDGAR MORIN COMO
HORIZONTE DE
PRÁTICAS INCLUSIVAS

LUÍS MANUEL A. V. BERNARDO

IFILNOVA, INSTITUTO DE FILOSOFIA DA NOVA

Falecido em maio de 2026, após 104 anos de vida, Edgar Morin, nas suas palavras, «um grafómano [que] caminha com duas pernas. Uma perna [...] filosófico-epistemológica [...] e uma perna assente no mundo atual» (*Mon ennemi c'est la haine*, p. 54-55), deixou um legado de ações historicamente relevantes, obras publicadas e ideias de esteio, que tiveram uma influência significativa em vários domínios das ciências sociais e humanas. Desses impactos, porventura, nenhum terá tido a longevidade daquele que marcou o pensamento educacional contemporâneo. Este encontrou, no teor amplo e aberto do seu ideário, assumidamente humanista e iluminista, no qual se prestigia, entre outros, o paradigma da complexidade, a pertença do homem à natureza, à cultura e à espécie, o erro, o desconhecido, o misterioso, a metacognição, a dimensão ética da convivência cidadã, o cosmopolitismo ecológico, uma possível justificação teórica para reclamar reformas em matéria de educação e almejar a superação do sistema de ensino vigente, refém da mesma lógica disciplinar que Michel Foucault denunciou em *Vigiar e Punir*. Hoje, integrada, por isso, aquele grupo de autores, cooptados pela Unesco, capazes de gerar consensos num campo tão diversificado e opinativo como se oferece o educativo, ao lado, por exemplo, de John Dewey ou Paulo Freire. Testemunham-no as referências regulares a duas das suas obras mais conhecidas: *Os Sete Saberes para a Educação do Futuro* (2000) e *Repensar a Reforma, Reformar o Pensamento: a cabeça bem feita* (1999). Essa integração na discursividade comum, no entanto, implica uma perda de vitalidade das discussões académicas sobre as especificidades dessa visão, as tensões que encerra e a que conduz, requerendo que se revise regularmente a contextura desse perfil resiliente. A nossa comunicação visa proceder a uma dessas retomadas, ao apresentar uma leitura do que cabe considerar a filosofia da educação de Edgar Morin, à luz do binómio inclusão/exclusão, que atravessa os sistemas educativos contemporâneos e constitui o tema central deste Congresso. Partindo do sétimo volume, só publicado em 2024, da sua obra fundadora, *o Método*, iniciada em 1977 e aquela pela qual, num diálogo com Véronique Châtel, tido em 2023, queria ser lembrado (*Mon ennemi, c'est la haine*, p. 97), pretendemos traçar um percurso exploratório do alcance teórico e prático do que se oferece como uma epistemologia complexa inclusiva, em que método e epistemologia se complementam na dimensão de um «discurso de segunda ordem, isto é, um discurso sobre o discurso, um conhecimento do conhecimento» (*La méthode de la méthode*, p. 9), e o termo complexo é usado no seu sentido etimológico de «religado, tecido em conjunto» (*Penser global*, p. 118). Ao assumirmos que essa célula epistemológica se replica como fundamentação de todos os outros âmbitos do pensamento e da ação, acolhemos o desafio de testar a afirmação do autor de que o seu empreendimento teórico «procura em si mesmo a sua potencialidade auto-reflexiva, auto-crítica, auto-corretiva» (*La méthode de la méthode*, p. 15). Muito particularmente, pretendemos encaminhar o questionamento para a ponderação da ideia tensional de que, na condição insofismável de devir, que a História estabelece como própria da humanidade (*Y a-t-il des leçons de l'Histoire?*, p. 90), «religando e entrosando» (*La méthode de la méthode*, p.10), se educa melhor, se adquire uma capacidade crítica superior para lidar com as crises, se é mais humano e se vive com mais coerência, segundo o princípio de que «é bom ser-se bom» (*Mon ennemi, c'est la haine*, p. 93).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MORIN, Edgar (2026). *Mon ennemi, c'est la haine*. Paris: Éditions de l'aube.
- MORIN, Edgar (2025). *Y a-t-il des leçons de l'Histoire?*. Paris: Éditions Denoël.
- MORIN, Edgar (2024). *La Méthode de La Méthode. Le manuscrit perdu*. Paris: Actes Sud.
- MORIN, Edgar (2024). *Cheminer vers l'essentiel*. Paris: Albin Michel.
- MORIN, Edgar (2016). *Pour une crisologie*. Paris: L'Herne.
- MORIN, Edgar (2015). *Penser global. L'homme et son univers*. Paris: Robert Laffont.
- MORIN, Edgar (2014). *Enseigner à vivre. Manifeste pour changer l'éducation*. Paris: Actes Sud / Play Bac Éditions.
- MORIN, Edgar (2000). *Les Sept Savoirs nécessaires à l'éducation du futur*. Paris: Éditions du Seuil.
- MORIN, Edgar (1999). *La Tête bien faite. Repenser la réforme, réformer la pensée*. Paris: Éditions du Seuil.

TERRITÓRIO NEGRO E AS ESCOLAS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A CONCEPÇÃO, PRÁTICAS, REALIZAÇÕES E PERSPECTIVAS DO PROJETO TENEGRES BRASILÂNDIA

LUIZ FERNANDO ZUCATELLE DUARTE

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)

INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO (IFSP)

JASON FERREIRA MAFRA

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)

Esta dissertação analisa a experiência do projeto de extensão Território Negro e as Escolas (TENEGRES) Brasilândia, desenvolvido entre 2023 e 2024 na Escola Estadual Jornalista Ruy Mesquita, localizada no Jardim Carumbé, distrito da Brasilândia, zona norte de São Paulo. A pesquisa busca compreender como o projeto concebeu e realizou práticas de articulação entre escola e territórios negros periféricos e de que modo essas práticas se relacionam com a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, organizada como estudo de caso em educação.

As fontes empíricas reúnem propostas submetidas ao edital de extensão do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), relatórios mensais e finais de bolsistas e voluntários, relatório final da coordenação, slides, formulário inicial de autodeclaração étnico-racial, árvores genealógicas do território e os episódios 1 e 2 do documentário TENEGRES Brasilândia, considerados juntamente com suas transcrições.

O estudo se apoia em autores e autoras da educação e das temáticas étnico-raciais, entre eles Paulo Freire, Milton Santos, bell hooks, Nilma Gomes, Silvio Almeida e Henrique Cunha Jr..

A análise articula leitura documental e narrativas, com atenção ao contexto de produção dos documentos, aos deslocamentos entre 2023 e 2024 e aos sentidos produzidos nas falas sobre escola, memória, família, território e pertencimento. A dissertação busca contribuir para a discussão sobre extensão universitária, escola pública, territórios negros periféricos e ERER a partir de uma experiência situada na periferia paulistana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: Jandaíra, 2019.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, 2003.
- hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2006.

A CRISE DOS TURNOS E O ESPAÇO-TEMPO EDUCATIVO: UM ESTUDO COMPARADO ENTRE O MODELO ITALIANO E SÃO CAETANO DO SUL

MAGNUS GUERREIRO THOMAZINI

CELSO DO PRADO FERRAZ DE CARVALHO

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)

Esta pesquisa propõe um estudo comparado sobre a transição dos sistemas de ensino de turnos parciais para a jornada integral, investigando a "crise dos turnos" como um fenômeno transnacional que afeta a organização do tempo e do espaço escolar. O cerne da investigação reside na análise dialética entre a infraestrutura física e o projeto pedagógico, tomando como eixos analíticos as metas contemporâneas do Plano Nacional de Educação (PNE 2024-2034) no Brasil e a experiência histórica da Itália — fundamentada na Lei 820/1971, que instituiu o *tempo pieno* para superar os *doppi turni*.

O referencial teórico ancora-se no pensamento de Anísio Teixeira, cuja matriz de escola democrática serve como lente para examinar a viabilidade de uma educação de tempo integral que supere o "tempo vazio" e o viés assistencialista. Metodologicamente, a abordagem comparada será viabilizada por meio de um estágio de doutorado sanduíche na Itália, o qual permitirá uma investigação *in loco* voltada a apreender, na prática educativa, o alinhamento entre as instalações físicas e o desenvolvimento do currículo.

O recorte empírico brasileiro foca no município de São Caetano do Sul (SP), examinando a transição normativa do programa "São Caetano Integral" para o novo modelo "Aprender Mais" (2025). A hipótese defendida é de que a efetivação da escola integral depende da indissociabilidade entre reorganização curricular e requalificação espacial, e que a ausência dessa articulação induz à fragmentação do ensino por meio de oficinas eletivas e parcerias intersetoriais sem vinculação pedagógica plena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, M.C.B. O lugar da educação integral na política social. Cadernos CENPEC, São Paulo, n. 2, 2006.
- GALDI, Daniela Assensio. Avaliação das propostas de educação integral em jornada ampliada dos municípios do Grande ABC Paulista. 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2021. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/1/folders/1SJkv4b0BJJlwnBIPlaKqkZdLHCzeTAEG>. Acesso em: 18 mai. 2026
- GRIMM, Euzeni Pedroso; GONÇALVES, Lina Maria. Tempo integral e educação integral: desafios na aproximação entre paradigma teórico e a prática pedagógica. Rev. Eletrônica Pesquisaeduca, Santos, v. 12, n. 28, p. 604-627, set./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/963/870>. Acesso em: 01 mai. 2026.
- NÓVOA, A. (Coord.). As organizações escolares em análise. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- TEIXEIRA, Anísio. Educação para a democracia: introdução à administração escolar. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

INCLUSÕES EXCLUDENTES: O FIM DAS HUMANIDADES EM TEMPOS NEOLIBERAIS

MANOEL FERNANDES DE SOUSA NETO

USP

MARIA DULCINEA DA SILVA LOUREIRO

URCA

122

Anselm Jappe parte, em análise da obra *A Balsa de Medusa* (Théodore Géricaut, 1818), da ideia de que somente de modo aparente estamos todos no mesmo barco. Lembra que o aludido evento, expresso em obra pictórica, retrata a tragédia em que os trabalhadores do navio naufragado que levaria a corte francesa à sua colônia do Senegal à época da Restauração Bourbon (1814-1830), salvou apenas os nobres e deixou em uma jangada, à deriva, dezenas de homens que morreram de sede e fome, restando pouquíssimos sobreviventes que permaneceram vivos comendo cordames e bebendo a própria urina.

A tragédia da sociabilidade do capital em tempos neoliberais, remete àquela lógica de que, aparentemente todos são incluídos individualmente na escola. A lógica perversa, no Brasil, passou a aplicar a proposição com políticas educacionais que vão das Escolas em Tempo Integral, inacessíveis à maior parte das e dos trabalhadores, à retirada ou redução de disciplinas e conteúdos relativos à formação no campo das humanidades como: artes, história, geografia, filosofia e sociologia. Ao mesmo tempo, as contra-reformas realizadas no Ensino Médio e urdidas na BNCC e BNC-Formação, esvaziaram a escola como espaço de formação crítica, para propor uma lógica pragmática, individualizada e vinculada a uma subjetividade financeirizada, com o advento de disciplinas como empreendedorismo, projeto de vida e educação financeira.

A inclusão, pois, na escola pública que forma trabalhadores para viver condições de vida *uberizada*, própria de um tempo de hiperprecarização do trabalho e perda de qualquer garantia de direito (carteira assinada, férias, décimo terceiro, fundo de garantia), precisou passar por um desmantelamento da atividade laboral docente, esmagada por contratos temporários, políticas de plataformização e empresariamento privado da escola pública.

A nossa pretensão é demonstrar como todos estamos no mesmo barco, mas só os trabalhadores pagam pela tragédia do naufrágio. E o naufrágio, por sua vez, não é, como se poderia imaginar, um acidente de percurso, mas um projeto de humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor. Educação e emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- ANTUNES, Ricardo. O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP nº 4, de 29 de maio de 2024. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica e dá outras providências. Brasília: Ministério da Educação, 2024.
- CATINI, Carolina. Educação é empreendedorismo da barbárie. In: CÁSSIO, Fernando (Org.). Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019.
- JAPPE, A. Sobre a balsa da Medusa – ensaios acerca da decomposição do capitalismo. Lisboa: Antígona Editores, 2012.

A DOCTRINAÇÃO
COMO FECHAMENTO
DA NEGATIVIDADE:
AUTONOMIA
E HETERONOMIA NA
RELAÇÃO PEDAGÓGICA

MANUEL P. FERNANDES

NOVA FCSH

Uma das questões centrais em Filosofia da Educação prende-se precisamente com a distinção conceptual entre Educação e doutrinação. As abordagens clássicas da doutrinação tendem a compreendê-la enquanto problema de conteúdo, intenção, método ou consequência epistemológica. Contudo, apesar da sua relevância, estas formulações permanecem insuficientes para pensar as próprias condições de possibilidade da autonomia crítica.

Partindo de autores como Bailey, Siegel, Kant, Hegel, Lacan e Bernstein, esta comunicação propõe um deslocamento conceptual do problema da doutrinação: da mera transmissão de crenças para as condições simbólicas e discursivas que possibilitam — ou limitam — a negatividade reflexiva do sujeito relativamente às estruturas que o constituem.

Argumenta-se, assim, que a autonomia não se exterioriza em relação às mediações heterónomas da formação subjetiva, mas nasce precisamente no interior delas. Materializando-se, sobretudo, através da possibilidade de revisão crítica e distanciamento reflexivo em relação às estruturas simbólicas que organizam o próprio pensamento. Neste contexto, propõe-se o conceito de *fechamento pedagógico* para descrever formas de mediação pedagógica que rigidificam simbolicamente a relação do sujeito com o conhecimento limitando estruturalmente as possibilidades de negatividade, revisão e abertura crítica.

Assim, a doutrinação deixa de ser compreendida apenas enquanto transmissão ilegítima de conteúdos, passando a surgir como caso-limite de um problema mais amplo relativo às condições de possibilidade da autonomia na formação contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bailey, R. (2010). Indoctrination. In R. Bailey, R. Barrow, D. Carr, & C. McCharthy (Eds.), *The Sane Handbook of Philosophy of Education* (pp. 269–281). SAGE Publications Ltd.
- Bernstein, B. (1999). Vertical and horizontal discourse: An essay. *British Journal of Sociology of Education*, 20(2), 157–173. <https://doi.org/10.1080/01425699995380>
- Hegel, F. (2021). *Fenomenologia do Espírito*. (J. Barata-Moura, Trans.) Lisboa: Página a Página.
- Lacan, J. (1980). *Écrits: a selection*. Routledge Classics.
- Siegel, H. (1988). *Educating Reason - Rationality, Critical Thinking, and Education*. Routledge.

ENTRE A UNIVERSALIDADE E A DIFERENÇA: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS EM CONTEXTOS ESPECIALIZADOS

MANUELA FRANCISCO

CECÍLIA TOMÁS

SOFIA MALHEIRO

LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E ELEARNING,
UNIVERSIDADE ABERTA, PORTUGAL

A educação inclusiva constitui um dos princípios orientadores dos sistemas educativos contemporâneos^{[4][5]}, procurando garantir oportunidades de participação e aprendizagem para Todos. Contudo, a concretização deste ideal continua a suscitar questões relacionadas com a diversidade dos indivíduos, a adequação das respostas educativas e os limites da universalidade. Neste contexto, o projeto Hela.H.Eduki – Práticas Pedagógicas Acessíveis e Inclusivas em Contextos Especializados (2022–2025)^[1] procurou identificar, caracterizar e disseminar práticas pedagógicas inclusivas desenvolvidas em diferentes contextos educativos portugueses, formais e não formais.

O estudo adotou uma abordagem qualitativa, de inspiração fenomenológica, baseada na recolha e análise de testemunhos de pais, de profissionais responsáveis pela implementação das práticas, dos seus destinatários e das investigadoras envolvidas na sistematização e divulgação dos resultados. Foram analisadas doze práticas pedagógicas, posteriormente caracterizadas segundo diferentes dimensões, incluindo contexto educativo, público-alvo, estratégias pedagógicas e recursos utilizados.

Os testemunhos recolhidos revelam uma diversidade de abordagens centradas na valorização das potencialidades individuais, na flexibilização dos processos de ensino e aprendizagem e na promoção da participação ativa. Paralelamente, o processo de disseminação das práticas através de um livro digital aberto e multiformato^[2], disponibilizado em PDF, HTML, Braille e vídeos em Língua Gestual Portuguesa, evidenciou desafios associados à adaptação dos conteúdos a diferentes necessidades, preferências e formas de acesso, suscitando uma reflexão em torno dos limites da universalidade^[3].

Mais do que identificar práticas consideradas bem-sucedidas, o projeto permitiu refletir sobre algumas tensões inerentes à educação inclusiva, nomeadamente entre universalidade e diversidade, acessibilidade e especificidade, respostas comuns e necessidades individuais. Os resultados sugerem que a inclusão não depende exclusivamente da adoção de soluções universais, mas da capacidade de reconhecer a diversidade humana e de construir respostas educativas contextualizadas e flexíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Francisco, M., Tomás, C. & Malheiro, S. (2022-2025). *Projeto Hela.H.Eduki – Práticas Pedagógicas Acessíveis e Inclusivas em Contextos Especializados*. <https://lead.uab.pt/helaheduki/>
2. Francisco, M., Tomás, C., Malheiro, S. (Orgs.) (2023). *12 histórias educacionais: Ser diferente na diversidade. Práticas pedagógicas em contextos pouco visíveis*. LE@D, Universidade Aberta, ISBN: 978-972-674-955-4, DOI: <https://doi.org/10.34627/leadw.2023.5>
3. Neves, J. (2025). Communication Accessibility -10 answers to 9 questions. *Journal of Audiovisual Translation*, (8) 2: 1-21. <https://doi.org/10.47476/jat.v8i2.2025>
4. Presidência do Conselho de Ministros (2018, 6 de julho). *Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho* (Regime jurídico da educação inclusiva). Diário da República, 1.ª série, n.º 129. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/54-2018-115652961>
5. UNESCO. (1994). *Declaração de Salamanca e enquadramento da ação na área das necessidades educativas especiais*. Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade, Salamanca, Espanha, 7–10 de junho de 1994. UNESCO.

ENTRE UNIVERSALIDADE E CONTEXTO LOCAL: LIDERANÇAS ESCOLARES E REVITALIZAÇÃO DA CULTURA ESCOLAR

MARCUS VINICIUS SANTOS KUCHARSKI

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ (BRASIL)

SUSANA PAIVA MOREIRA BATISTA

NOVA FCSH, EDUNOVA. ISPA

Cultura e Educação são termos que não causam estranheza quando surgem numa mesma sentença. Não obstante, há uma profundidade pouco considerada sob tal naturalidade aparente, num contexto contemporâneo marcado pela fragmentação dos referenciais culturais e pela pluralização das formas de pertença [1].

É prudente compreender que o papel da escola em relação à existência e à perpetuação da cultura foi permeado por entendimentos diversos: a) como o elemento redentor das classes populares, por meio da transmissão de um património cultural legitimado; b) como o elemento diferenciador do estrato social ao qual caberia julgar o que é boa ou má cultura; ou c) como espaço permeável a lógicas de pluralização e segmentação cultural que criam e validam nichos de mercado.

Esses entendimentos permeiam três níveis de articulação entre cultura e escola: a forma escolar (entendimento histórico da escolarização moderna), a cultura de escola (sua tradução organizacional local) e a cultura na escola (como é vivida e experimentada individualmente) . Num contexto de declínio relativo da capacidade integradora das instituições modernas [3], tais níveis evidenciam tensões entre universalidade, homogeneização e reconhecimento das especificidades locais.

A partir de entrevistas realizadas com diretores de agrupamentos escolares portugueses que se afirmam como agentes de revitalização da cultura escolar, esta comunicação procura compreender de que modo discursos de transformação institucional e inovação educativa vêm sendo mobilizados como formas de reconfiguração local da forma escolar [3, 4]. Procura-se discutir criticamente até que ponto tais processos representam possibilidades efetivas de inclusão cidadã ou novas modalidades de adaptação institucional às exigências contemporâneas.

A apresentação e análise dessas culturas na escola em transformação surge, assim, como contributo para a compreensão das diferentes formas de se promover igualdade, equidade e inclusão cidadã diante de uma forma escolar tensionada por novas temporalidades organizacionais, modos de liderança e expectativas [2, 5].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BAUMAN, Z. A cultura no mundo líquido-moderno. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
2. BIESTA, G. Good Education in an Age of Measurement: Ethics, Politics, Democracy. Boulder: Paradigm Publishers, 2010.
3. DUBET, F. Le déclin de l'institution. Paris: Seuil, 2002.
4. ROBINSON, K.; ARONICA, L. Escolas criativas: a revolução que está transformando a educação. Porto Alegre: Penso: 2019.
5. TORRES, L.L. Novas temporalidades educacionais na construção da cultura da organização escolar. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 44, e260427, 2023.

REGISTO IDENTITÁRIO
DA FILOSOFIA DA
EDUCAÇÃO NACIONAL.
50 ANOS DE HISTÓRIA
DA DISCIPLINA EM
PORTUGAL (1976–2026)

MARGARIDA BORGES FERREIRA

ESCOLA SUPERIOR DE SAÚDE JEAN PIAGET / ALGARVE

Este estudo pretende sistematizar e problematizar a presença e a ausência da Filosofia da Educação na Universidade portuguesa, desde o início da sua leccionação disciplinar até à actualidade, tendo por finalidade definir a singularidade do seu registo identitário.

Estabelecendo como objectivo geral de investigação descrever o processo de institucionalização disciplinar do campo de produção científica da Filosofia da Educação, foram subestabelecidos como objectivos específicos: a) mapear a presença da disciplina; b) descrever o ideário filosófico-educativo subjacente; c) esclarecer a *ratio essendi* da identidade da Filosofia de Educação portuguesa.

Atendendo a que a Filosofia da Educação, como disciplina científica universitária autónoma, foi introduzida no mundo académico nacional há precisamente cinquenta anos, o *locus* e o *chronos* deste Congresso é assumido como circunstância ideal à discussão acerca da sua inclusão e exclusão nos currículos dos Cursos de Filosofia e de Educação e da parca relevância da sua influência na realidade e no debate educacional nacional.

Nessa consonância, o mapeamento do percurso académico da disciplina, é apresentado como condição *sine qua non* ao entendimento da sua realidade epistemológica e identitária e, por essa razão, foi elencado o conjunto de instituições universitárias a tratar (Universidades de Lisboa, Coimbra, Minho, Porto, Évora, Nova de Lisboa, Trás-os-Montes, Católica e Lusófona de Lisboa), passando à construção do arquivo de suporte à escrita.

Nada obstante, foram utilizadas fontes bibliográficas, para além das específicas do campo disciplinar da Filosofia da Educação, principalmente obras de Filosofia e de História, através das quais se fundamentou e estruturou um trabalho que, *in lato sensu*, se traduz no metafórico intento de celebrar 50 anos de Filosofia da Educação em Portugal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERNARDO, Luís (2001). O regresso da Filosofia da Educação: novos desafios para uma velha disciplina. In Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – n.º 14. pp. 203-210.
- CARVALHO, Adalberto Dias de (1984). Estatuto da Filosofia da Educação na Investigação Educativa: Contributo para o Estudo da Situação da Filosofia da Educação no Contexto Geral das Relações da Filosofia com as Ciências. Porto: Porto Editora.
- KAMINSKY, James (1993). A New History of Educational Philosophy. Westport: Greenwood Press.
- KECHIKIAN, Anita (1993). Os filósofos e a educação. Trad. e apresentação de Leonel Ribeiro dos Santos e Carlos João Nunes Correia. Lisboa: Edições Colibri.

A INTELIGÊNCIA
ARTIFICIAL
NA EDUCAÇÃO:
UMA REFLEXÃO
SOBRE OS ASPECTOS
ECONÓMICOS
E POLÍTICOS
NO PROCESSO
DE OBSOLESCÊNCIA
DO SER HUMANO

MARIA CLARA COSTA

FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE DO PORTO

No ano de 1942, Günther Anders escreveu que tinha acabado de testemunhar um novo tipo de vergonha, uma a qual denominou *Promethean Shame*. O sentimento presenciado por Anders consistia em uma total retração do seu amigo ao visualizar o maquinário exposto em uma feira de tecnologia. Talvez uma tomada de consciência da sua imperfeição humana no confronto/oposição à completude do maquinário (Anders, 2025).

Tal como o amigo de Anders, somos lembrados das nossas falhas pela sociedade, quase como uma obsolescência do estado humano. Assim sendo, são necessárias ferramentas como a Inteligência Artificial para sermos semelhantes às máquinas. O apelo propagandístico não é neutro, já que "uma propaganda moderna deve antes de mais endereçar-se ao mesmo tempo ao indivíduo e à massa" Ellul (2014, p.23). Todo o apelo para o uso da IA na educação "esconde" por detrás um grande investimento das *Big Techs*.

A *Palantir*, a mesma *Big Tech* que fornece armas controladas por IA para o exército estadunidense e israelita, possui uma proposta cujo um dos principais objetivos é causar uma revolução na educação, a partir de tecnologias produzidas com os dados coletados dos alunos e professores (Williamson, 2017).

Ao mesmo tempo em que a autonomia dos alunos é apontada como um dos maiores trunfos da inserção da IA na educação, verificamos igualmente uma maior dependência e preguiça mental nos utilizadores assíduos (Kosmyna *et al*, 2024). Logo, torna-se imprescindível refletir de maneira crítica sobre como a Inteligência Artificial está a ser implementada no meio educativo, e se processos educativos importantes como o *productive struggle* (Young, 2024) estão a ser perdidos nesse processo. Esta comunicação tem como objetivos refletir brevemente sobre os aspectos políticos e económicos, bem como os efeitos da implementação da IA na Educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anders, Günther (2025). *The Obsolescence of the Human*. University of Minnesota Press.
- Ellul, Jacques (2014). *Propagandas: uma análise estrutural*. Antígona Editores Refractários.
- Kosmyna, N., & Hauptmann, E., & Yuan, Y.T., & Situ, J., & Liao, X., & Beresnitzky, A. V., & Braunstein, I., & Maes, P. (2024). *Your Brain on ChatGPT: Accumulation of Cognitive Debt when Using an AI Assistant for Essay Writing Task*. Massachusetts Institute of Technology.
- Young, J.R., Bevan, D., & Sanders, M. (2024). How productive is the productive struggle? Lessons learned from a scoping review. *International Journal of Education in Mathematics, Science, and Technology (IJEMST)*, 12(2), 470-495. <https://doi.org/10.46328/ijemst.3364>.
- Williamson, Ben (2017). *Big Data in Education: The digital future of learning, policy and practice*. SAGE Publishing.

O PROJETO BRINCADAS E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ACESSÍVEIS

MARIA DA CRUZ SOUSA SANTOS

LEANDRO VITORIO SANTOS PEREIRA

UNINOVE

O presente estudo analisa as contribuições do Projeto Brincadas para a construção de práticas pedagógicas inclusivas no contexto do ensino fundamental. Fundamentado nos princípios da educação inclusiva, da pedagogia crítica e dos multiletramentos, o trabalho parte da compreensão de que a escola deve garantir não apenas o acesso, mas também a participação e a aprendizagem de todos os estudantes, especialmente aqueles público-alvo da Educação Especial.

O estudo tem como objetivo apresentar as bases teóricas e metodológicas do Projeto Brincadas, evidenciando o brincar como estratégia pedagógica promotora de aprendizagens significativas, críticas e acessíveis. A pesquisa, de abordagem qualitativa, desenvolve-se a partir da Pesquisa Crítica de Colaboração, envolvendo a articulação entre ensino comum e Atendimento Educacional Especializado em uma escola pública de ensino fundamental.

As práticas pedagógicas incluem contação de histórias, jogos simbólicos, atividades corporais, produções textuais e recursos multimodais, organizados de forma colaborativa entre professores da sala comum e do Atendimento Educacional Especializado com foco na flexibilização curricular e na eliminação de barreiras à aprendizagem. Os resultados preliminares indicam que a integração entre ludicidade, acessibilidade e trabalho colaborativo tem favorecido o engajamento dos estudantes, ampliado o acesso ao currículo e fortalecido práticas pedagógicas mais inclusivas e equitativas.

Destaca-se ainda o potencial do brincar como mediador das relações sociais e do desenvolvimento humano, contribuindo para a construção de ambientes escolares mais participativos e sensíveis às diferenças. Conclui-se que o Projeto Brincadas apresenta potencial significativo para fortalecer processos educativos comprometidos com a inclusão, a justiça social e a transformação das práticas escolares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial e o atendimento educacional especializado. Diário Oficial da União, Brasília, 2011.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- LIBERALI, Fernanda Coelho. *Multiletramento engajado: práticas pedagógicas para a transformação social*. Campinas: Pontes, 2022.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.
- VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FADAS NA FILOSOFIA: A IMPORTÂNCIA DAS REPRESENTAÇÕES DO FANTÁSTICO NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

MARIA MURTA

CIDEHUS / UNIVERSIDADE DE ÉVORA

SERGIO RODERO

UNIVERSIDAD DE SALAMANCA

Qual é o papel das fadas na filosofia? Quando colocamos esta questão temos presente que estas enquanto representações do fantástico são fundamentais na construção do conhecimento filosófico. Muito embora sejam tradicionalmente associadas ao imaginário popular, à literatura e à tradição oral, as fadas revelam-se figuras simbólicas capazes de nos levar a problematizar questões centrais da filosofia, como a relação entre realidade e imaginação, razão e sensibilidade, verdade e percepção.

Propomos, partindo de uma perspectiva interdisciplinar, analisar de que modo o fantástico pode contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico e para a ampliação das possibilidades interpretativas do mundo e assim alargar a nossa mundovisão. Consideramos que as narrativas fantásticas, longe de constituírem meras formas de evasão ou apenas entretenimento, podem ser compreendidas como dispositivos simbólicos que irão permitir questionar os limites do conhecimento racional e explorar dimensões subjetivas, culturais e éticas da condição humana.

Ao reconhecermos o valor epistemológico da dimensão do imaginário, pretendemos demonstrar que a filosofia pode descobrir em figuras fantásticas, como as fadas que aqui referimos, instrumentos relevantes para pensar a complexidade do humano e os processos de produção de sentido.

Consideramos que esta discussão se justifica pela necessidade contemporânea de repensarmos os processos educativos e os modos de construção do saber, reconhecendo o valor epistemológico das narrativas na formação crítica do sujeito. Nesta perspectiva, procuraremos evidenciar a importância do fantástico como espaço privilegiado de problematização da condição humana e instrumento relevante para a construção de uma educação mais integradora, reflexiva e sensível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Benjamin, Walter (1987). *Magia e Técnica, Arte e Política*, São Paulo: Editora Brasiliense SA
Durand, Gilbert (2020). *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*, Malakoff: Armand Colin, 12^{ème} Ed.
Ferry, Luc (2008). *Apprendre à Vivre - 2 - La Sagesse Des Mythes*, Paris: J'ai Lu
Ricoeur, Paul (1984). *La configuration du temps dans le récit de fiction*, Paris: Éditions du Seuil
Ricoeur, Paul (1986). *Du text à l'action*, Paris: Éditions du Seuil

A TENSÃO ENTRE
INCLUSÃO E EXCLUSÃO.
A PERSPECTIVA
DE VICTORIA CAMPS
A RESPEITO
DA EDUCAÇÃO

MARIA TERESA SANTOS

UNIVERSIDADE DE ÉVORA / DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA / CIDEHUS/UÉ

Propõe-se uma reflexão sobre a distinção entre “direito à educação” e “direitos na educação”, tomando a relação com os conceitos de “inclusão” e “exclusão” e recorrendo-se ao pensamento de Victoria Camps. A hipótese de trabalho considera que a aplicação dos dois conceitos às duas expressões tem comportamentos diferentes: ampliando ou reduzindo, de forma subtil ou escancarada, a inclusão ou a exclusão na sociedade contemporânea.

Sustenta-se como argumento que a educação deve preservar a integridade de cada ser humano e de todos os seres humanos, pelo que o uso das duas expressões não é insignificante ou fútil. A proposta, focada na educação, procura explorar a dificuldade de Victoria Camps em superar tensões entre o singular (cada ser humano) e o coletivo (todos os seres humanos), bem como entre o concreto situacional e o abstrato que alisa diferenças. A proposta procede à análise de conceitos e problemas e suporta-se em textos de Camps.

A ORALIDADE E A ESCRITA COM A FÁBRICA DE HISTÓRIAS PLEADON: UMA INVESTIGAÇÃO DESIGN-BASED RESEARCH

MIRELIS LAZO PÉREZ

SOFIA MALHEIRO DA SILVA

UNIVERSIDADE BEIRA INTERIOR (PORTUGAL)

EMA PATRÍCIA OLIVEIRA

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA (PORTUGAL)

No panorama da educação inclusiva contemporânea, é essencial desenvolver recursos lúdico-pedagógicos que fomentem a equidade, a participação ativa e o fortalecimento das competências linguísticas essenciais em Todos os alunos.

O presente trabalho apresenta a “Fábrica de Histórias”, um recurso lúdico-psico-pedagógico criado no âmbito do projeto PLEaDon - Projeto de Literacia em Educação a Distância, com a finalidade de apoiar a aprendizagem da língua portuguesa, especialmente na construção e compreensão de textos narrativos, através de abordagens inclusivas e motivadoras e de recursos que apelam à ludicidade.

O recurso integra elementos visuais e manipuláveis, acompanhados por orientações psicopedagógicas para aplicação, quer em contexto de grupo em sala de aula, quer em contexto individualizado em intervenções psicoeducacionais. Este material foi concebido para responder à diversidade de perfis dos alunos, incluindo diferentes níveis de proficiência linguística, estilos de aprendizagem e/ou necessidades específicas de aprendizagem.

Fundamentado nos princípios do sócio construtivismo e da aprendizagem ativa, estimula a criatividade, a expressão pessoal, a construção lógica do pensamento e a organização coerente de sequências narrativas, tanto na oralidade quanto na escrita.

A investigação foi desenvolvida através da metodologia de Investigação Baseada em Design (Design-Based Research – DBR), permitindo o desenvolvimento e aplicação do recurso em contextos reais. Um estudo realizado com cinco alunos do 5.º até ao 9.º ano, incluindo aqueles com dislexia, Perturbação do Espectro do Autismo (PEA) e Perturbação de Hiperatividade/Défice de Atenção (PHDA). A avaliação pré e pós-intervenção revelou um aumento no envolvimento dos alunos, maior autonomia na criação de narrativas, assim como melhoria na organização textual e articulação de ideias, demonstrando o impacto positivo da “Fábrica de Histórias” no desenvolvimento das competências linguísticas na aprendizagem da língua portuguesa.

Este recurso inovador alia a ludicidade com a intencionalidade educativa, promovendo uma aprendizagem significativa da língua portuguesa em contextos inclusivos e valorizando a diversidade para potenciar o sucesso de Todos os alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. da Ponte, J. P., Carvalho, R., Mata-Pereira, J., & Quaresma, M. (2016). Investigação baseada em design para compreender e melhorar as práticas educativas. *Quadrante*, 25(2), 77-98.
2. Silva, S. M. (2023) PLEaDon: Projeto de Literacia em Educação a Distância, online: um projeto “em”, “de” e “para” Angola!, in Tomás, et al. (Orgs). *Inovação e Ciência no LE@D*. Livro de Resumos 2.º MeetUP23 Encontro de Investigadores do LE@D, Universidade Aberta, DOI: <https://doi.org/10.34627/leadt.2023.6>.
3. Silva, S. M. (2022). PLEaDon – Educar pelo Digital Agir pela Inclusão: nós e laços com Angola, In Loureiro et al (Orgs). *2nd International Congress on 21st Century Literacies: Book of Abstracts*, p. 85, Ed. Politécnico de Santarém. ISBN: 978-989-54983-9-0
4. Silva, S. M., Ngio, F., Kissunji, J. (2022). ANGOLA: Educar pelo Digital, Agir pela Inclusão com o PLEaDON!, Atas de XIII Congresso Internacional sobre Aplicación de Tecnologías de la Información y Comunicaciones Avanzadas (ATICA 2022), pp. 1-12, Cuenca, Equador.
5. Pinto, Maria da Graça. (2017). A dimensão lúdica na aprendizagem da língua materna. In: *Actas do Encontro Nacional de Didática das Línguas*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

DINÂMICAS
ESCOLARES E
LIDERANÇAS NAS
ESCOLAS DO
SOTAVENTO ALGARVIO:
ENTRE A GESTÃO
BUROCRÁTICA
E A LIDERANÇA
PEDAGÓGICA
INCLUSIVA

MÓNICA LOPO TOMAZ

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Esta comunicação tem como base a investigação desenvolvida na tese de doutoramento intitulada “Dinâmicas Escolares e Lideranças nas Escolas do Sotavento Algarvio”, cujo objetivo central é analisar de que modo os estilos de liderança exercidos pelos diretores escolares influenciam a cultura organizacional das escolas e, conseqüentemente, os resultados e as dinâmicas de inclusão e exclusão educativa. A investigação parte da hipótese de que escolas inseridas em contextos socioeconómicos aparentemente semelhantes apresentam desempenhos distintos, sendo a liderança um fator explicativo central para essas diferenças.

Recorrendo a uma metodologia de constelação de casos, a investigação articula análise quantitativa de indicadores de contexto e de resultados escolares com análise qualitativa de documentos estruturantes e entrevistas realizadas em agrupamentos do Sotavento Algarvio. Os resultados evidenciam um paradoxo socioeducativo: contextos com indicadores sociais mais favoráveis não se traduzem, linearmente, em melhores resultados escolares. Esta desconexão é explicada pela predominância de lideranças de cariz burocrático, centradas na gestão administrativa e no cumprimento normativo, em detrimento de uma liderança pedagógica orientada para a transformação das aprendizagens e para a promoção da equidade educativa.

A pertinência desta comunicação para o Congresso reside na sua contribuição para o debate sobre como os modelos institucionais de governação escolar, fortemente centralizados, condicionam a autonomia das lideranças e perpetuam dinâmicas de exclusão educativa em territórios periféricos. Argumenta-se que a superação destas desigualdades exige uma reconfiguração do papel do diretor escolar – de gestor normativo a líder pedagógico inclusivo –, capaz de mobilizar as comunidades educativas em torno do sucesso de todos os alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barroso, J. (2005). *Políticas educativas e organização escolar*. Universidade Aberta.
- Batista, S., Justino, D., Pascueiro, L., Reis, P., Santos, T., Matos, T. & Vaz, M. (2025). *Atlas da educação – contextos sociais e locais do sucesso e insucesso – Edição 2025*. ESCXEL – Associação para a Investigação em Educação.
- Justino, D., & Santos, R. (Coords.). (2017). *Atlas da educação: Contextos sociais e locais do sucesso e insucesso – Edição 2017*. Projeto ESCXEL – Rede de Escolas de Excelência, CICS.NOVA.
- Leithwood, K., Harris, A., & Hopkins, D. (2008). Seven strong claims about successful school leadership. *School Leadership and Management*, 28(1), 27-42.
- Lima, L. C. (1998). *A escola como organização e a participação na organização escolar. Um estudo da escola secundária em Portugal (1974-1988) (2ª ed.)*. Universidade do Minho.

POR UMA EDUCAÇÃO MIDIÁTICA CRÍTICA: CONTRIBUIÇÕES À LUZ DA HERMENÊUTICA DO SUJEITO EM FOUCAULT

NÁDIA LEBEDEV

MÁRCIA FUSARO

UNINOVE

144

Michel Foucault ministrou entre 1981 e 1982, aulas da Collège de France dedicadas ao conceito de parrhesía, fundamental para a última fase de sua obra. Para o filósofo, este termo refere-se por um lado, a uma qualidade, uma atitude moral, a um êthos e, por outro, ao próprio procedimento técnico (tékhne) fundamental à transmissão do discurso verdadeiro.

Ele explica que, etimologicamente, significa o tudo-dizer, a liberdade de quem fala, em especial na relação mestre-discípulo. Sua reflexão pode ser preciosa ao analisarmos a educação midiática em um contexto pedagógico, onde a relação mestre-discípulo é mediada pela tecnologia contemporânea, que por sua vez pode afastar o estudante da tão essencial conversão de si (Epistrophe ou Conversio ad se), passo inicial e fundamental para o desenvolvimento da busca pela verdade.

Muitas vezes parece haver uma concorrência quase que desleal, entre o que o professor ensina em sala de aula, e o que o digital pode apresentar para seus alunos. A este artigo, caberá a problematização do conceito de parrhesía em Foucault, pensada na relação mestre-discípulo atravessada, atualmente, pelo midiático.

Considerando que a temática do Congresso é “A educação entre inclusões e exclusões”, o objetivo deste estudo aparenta estar alinhado com a busca de uma visão crítica sobre o uso das tecnologias no contexto educacional, sem negá-lo evidentemente, mas buscando através do mesmo, caminhos profundos possíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUCKINGHAM, David. Manifesto pela educação midiática. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2022.
- FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982). 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. Subjetividade e verdade: curso dado no Collège de France (1980-1981). 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- FUCHS, Christian. Social media: a critical introduction. 2ª ed. London: Sage Publications, 2017.
- SRNICEK, Nick. Platform Capitalism. Cambridge: Polity Press, 2017.

EDUCAÇÃO PARA
ALÉM DOS MUROS
DA ESCOLA:
UMA EXPERIÊNCIA
EDUCATIVA DE
DEMOCRATIZAÇÃO
DO ACESSO AOS BENS
CULTURAIS

PAULA KARINE DE OLIVEIRA MENDES

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)

O presente trabalho analisa o projeto "Vamos Passear: Educação para Além dos Muros da Escola", instituído como política pública voltada à democratização do acesso aos bens culturais para estudantes e professores no Sistema Municipal de Ensino de Itaquaquecetuba. No âmbito do Eixo 2, a investigação problematiza a tensão epistemológica e prática entre a universalidade do direito à cultura e as institucionalidades educativas locais em territórios marcados por profundas desigualdades socioespaciais.

Objetiva-se compreender de que maneira essa proposta é apropriada pelas escolas e como reconfigura as práticas pedagógicas locais. A metodologia adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, configurada como estudo de caso, cujos dados serão produzidos por meio de análise documental e entrevistas semiestruturadas com professores e gestores. A fundamentação teórica articula as noções de educação integral (Cavaliere, Gadotti, Moll) à teoria da complexidade de Morin, mobilizada para problematizar a fragmentação dos saberes na escola e defender a relevância do conhecimento contextualizado.

Complementarmente, incorporam-se as categorias socioespaciais de cidade e território (Lefebvre, Santos) para pensar a articulação local-universal. Justifica-se a relevância da discussão pela necessidade de examinar como as políticas públicas de base territorial tensionam o modelo escolar tradicional, operando na transição entre conceitos universais de cidadania e as realidades locais periféricas.

Como resultados esperados, argumenta-se que as vivências extramuros expandem os repertórios simbólicos e promovem uma resignificação das práticas educativas institucionalizadas, fortalecendo a formação humana e o pertencimento social frente aos processos locais de exclusão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAVALIERE, Ana Maria. Tempo de escola e organização curricular. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1015-1035, 2007.
- LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- PENA-VEGA, Alfredo; ALMEIDA, Cleide R. S.; PETRAGLIA, Izabel. *Edgar Morin: ética, cultura e educação*. São Paulo: Cortez, 2011.
- SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

FILOSOFIAS
DO CUIDADO NO
TREINO DESPORTIVO:
PERSPETIVAS
RELACIONAIS PARA
UMA EDUCAÇÃO
INCLUSIVA

PAULO ANTUNES

PRAXIS – CENTRO DE FILOSOFIA, POLÍTICA E CULTURA, UBI

Este enquadramento teórico ilumina de forma particularmente relevante a relação professor-aluno no contexto da Educação Física escolar. Importa, contudo, evitar generalizações: a disciplina não é, por definição, um espaço de captação de talentos, e muitas práticas pedagógicas afirmam-se precisamente pela sua orientação inclusiva. Não obstante, é necessário reconhecer que a lógica do desporto de alto rendimento pode, em certos contextos e quando acriticamente assumida, infiltrar-se no espaço escolar, promovendo uma atenção seletiva aos alunos com maior aptidão física em detrimento daqueles que manifestam dificuldades ou menor desempenho.

Este fenómeno configura aquilo que Howe e McNamee (2025) identificariam como uma falha na fase de cuidar de (*caring about*), isto é, no reconhecimento de que o cuidado é necessário para todos os alunos, independentemente do seu potencial desportivo.

Prevenir e combater esta possibilidade exige que o professor de Educação Física se compreenda não como um “olheiro” ao serviço do desporto de alto rendimento, mas como um educador comprometido com o desenvolvimento integral de cada aluno. Inspirado na noção de cuidar com (*caring with*) de Tronto, o professor pode construir um ambiente onde a solidariedade e a confiança substituem a competitividade seletiva, reconhecendo que a vulnerabilidade é condição partilhada por todos – incluindo o próprio professor – e não um défice a esconder ou a excluir.

A perspetiva psicodinâmica de Jönsson (2024) adverte ainda para o risco de o professor projetar nos alunos as suas próprias ambições desportivas não realizadas, confundindo o cuidado genuíno com a instrumentalização do outro para fins alheios ao seu bem-estar. Uma pedagogia do cuidado atenta convida, assim, a uma vigilância crítica sobre os próprios afetos e motivações, garantindo que a relação pedagógica permanece orientada para as necessidades expressas pelos alunos – incluindo aqueles que nunca virão a ser “talentos” mas a quem a escola deve, precisamente por isso, uma atenção redobrada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cronin, C. (2023). Care in sport coaching; different perspectives and alternative voices. *Sports Coaching Review*, 12(1), 1-5.
- Cronin, C., & Armour, K. (2018). *Care in sport coaching: Pedagogical cases*. London: Routledge.
- Howe, O., & McNamee, M. (2025). Care and coaching: conceptual and ethical insights from Tronto's ethics of care. *Sports Coaching Review*, 1-24.
- Jönsson, K. (2024). On coaching and the ethics of care: a psychodynamic approach. *Sport, Ethics and Philosophy*, 1-11.
- Tronto, J. (2010). Creating caring institutions: Politics, plurality, and purpose. *Ethics and Social Welfare*, 4(2), 158–171.

ALGUMAS PROPOSTAS PEDAGÓGICAS, RECORRÊNCIAS POLÍTICAS OU FORMAS DE INTEGRAR E DE EXCLUIR

RAQUEL PEREIRA HENRIQUES

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA – FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

INSTITUTO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA / IN2PAST

A Lei de Bases do Sistema Educativo, datada de 1986, referia já a necessidade de organizar um sistema educativo descentralizado, que se adaptasse a diferentes realidades, bem como “um elevado sentido de participação das populações, uma adequada inserção no meio comunitário e níveis de decisão eficientes” (artigo 3.º, al. g), aspetos que continuaram a considerar-se essenciais, mais de 30 anos depois, em 2018.

Em 1989 estava previsto um regime jurídico para a construção da autonomia das escolas (processo revisto e aprovado em 2008). Num longo percurso, foi sendo reforçada a importância de uma nova organização, com uma gestão que preferencialmente reconhecesse a participação dos estudantes e das famílias, das autarquias e das instituições locais. O trabalho a fazer poderia ser mais flexível, participado e integrador, tendo em conta as necessidades detetadas, aproveitando as políticas culturais enquanto estratégias de desenvolvimento (Lopes, 2003), bem como a relevância do estudo da localidade em projetos comuns (Lindsay, 2017).

Muitas outras propostas legislativas foram sendo feitas nesses domínios. Destacam-se os anos de 1997, 1998, 2001, 2007, 2008, 2012, 2017 e 2018, bem como o perfil de competências proposto em 1997, retomado em 2001, abandonado em 2011 e legislado em 2017, como um *Perfil* a alcançar no final da escolaridade obrigatória, agora de doze anos, o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*.

Concluindo, propostas pedagógicas flexíveis, adequadas e integradoras de estudantes com diferentes necessidades e consoante as comunidades têm sido recorrentes. Pretende-se refletir nas razões dessa recorrência e nos instrumentos utilizados por parte da tutela. Pretende-se refletir sobre as pressões políticas e sociais, sobre a eventual fixação de determinados saberes para todos que, segundo Ravitch (2010), permitirá não aumentar as fragilidades dos que têm menos recursos e trabalhar com estudantes muito diferentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Lei n.º 46/86. (1986). *Diário da República*, 1ª Série, n.º 237 de 14 de outubro de 1986 [Lei de Bases do Sistema Educativo].
- Lindsay, J. (2017). Connecting beyond the Classroom – Move from local to global learning modes. *Scan*, 36(2), 27-38. <https://education.nsw.gov.au/teaching-and-learning/professional-learning/scan/past-issues/vol-36--2017/connecting-beyond-the-classroom-move-from-local-to-global-learning-modes2>
- Lopes, J. T. (2003). *Escola, território e políticas culturais*. Campo das Letras.
- Martins, G. O. (Coord.). (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Ministério da Educação / Direção-Geral da Educação. https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf.
- Ravitch, D. (2010). *The death and life of the great American school system. How testing and choice are undermining education*. Basic Books.

ENTRE O VER E O SABER: IMAGEM, CONHECIMENTO E SUBJETIVIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

RITA MÁRCIA MAGALHÃES FURTADO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, BRASIL

Este trabalho, intitulado *Entre o ver e o saber: imagem, conhecimento e subjetividade na sociedade contemporânea* é fruto de uma pesquisa teórica e propõe uma reflexão sobre os modos de interação subjetivas com as imagens e as ressonâncias no campo dos saberes, com a especificidade do campo educacional.

Ao questionarmos em que medida se coloca a questão da relação da imagem com o conhecimento, instauramos um diálogo com teóricos que se dedicam a esse tema a fim de verificar, com análises conceituais e metodológicas, se a imagem apresenta efetivamente um substrato epistemológico que contextualiza as vivências sensíveis e inteligíveis, contemplando a busca do sentido de tal análise. Essa problemática nos convoca a pensarmos a possibilidade do conhecimento estético, pela via do sensível, advindo da arte, e a confrontá-lo com a informação visual trazida pelas mídias sociais, pelas formas condicionantes de fruição da sociedade de massas, ampliando essa noção para a análise da visibilidade e suas implicações para a subjetividade.

Este modo de visualidade instaurada na contemporaneidade se impõe como um “entre”, balizada pelos aspectos sensível, perceptivo e cognitivo. Sob a perspectiva metodológica da fenomenologia e ao enfatizar as transformações ocorridas no campo da educação quando esta é exposta à saturação imagética, esse trabalho é também um convite a refletirmos sobre a relevância do pensamento estético para o debate educacional. De modo amplo, a reflexão aqui proposta centra-se na tentativa de compreensão de como se constituem as articulações entre a estética, as imagens e os saberes. De modo estrito, reflete as inquietações referentes às vertentes teórico-críticas de análise da recepção das imagens e suas implicações para a formação no contexto educativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLOA, Emmanuel (org.). *Pensar a imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- AUBERT, Nicole. HAROCHE, Claudine (dir.). *Les tyrannies de la visibilité: être visible pour exister?* Toulouse: Érès, 2011.
- CARVALHO, Adalberto Dias (org.). *Sentidos contemporâneos da educação*. Porto: Afrontamento, 2003.
- JACQUINOT-DELAUNAY, Geneviève. *Imagem e pedagogia*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo, 2006.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques. *Philosophie des images*. Paris: PUF, 1997.

JOGOS DE FILOSOFIA
NO SECUNDÁRIO
E INCLUSÃO
– UM TESTEMUNHO
DE APRENDIZAGEM
DO MESTRADO
EM ENSINO

SOFIA RUIVO DE FREITAS

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA – FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

Os jogos didáticos, ao combinarem a aprendizagem com o divertimento são uma ferramenta poderosa para a inclusão na disciplina de Filosofia, no Ensino Secundário, por permitirem criar um lugar propício para a aprendizagem ativa e colaborativa, em que todos os alunos são encorajados a participar, superando medos, dificuldades e receios de errar. Neste ensaio pretendo mostrar a importância do professor criar jogos que permitam a inclusão de todos os alunos, bem como dar algumas indicações relativas a esse processo e a implementação destes em sala de aula. A partir da aplicação de jogos, durante o meu estágio, darei também alguns exemplos de situações, que ocorreram durante os mesmos, que são exemplo de práticas inclusivas.

Primeiramente, explicarei a importância e o modo como deve ser criado o ambiente do jogo para que este permita a participação de todos, num espaço de partilha e entreajuda, em que todos cooperem para alcançar o objetivo do jogo e que considerem o seu contributo como uma mais valia. Seguidamente, tendo em conta que, nessas interações entre alunos, o professor poderá detetar algumas dúvidas, dificuldades e áreas onde é necessário um maior investimento, ilustrarei como este poderá ajustar os jogos aos alunos ou criar novos jogos focados nessas áreas.

Por fim, abordarei a relevância do professor, no final do jogo, realizar uma reflexão conjunta com toda a turma, com o objetivo de aferir como os alunos se sentiram incluídos durante a realização do mesmo, que dificuldades enfrentaram, como se relacionaram com os colegas, o que aprenderam, o que mudariam neste jogo e noutros semelhantes, com o objetivo de melhorar o uso futuro de jogos e reforçar a componente inclusiva destes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Carêto C. & Castro Silva J. & Gaitas, Sérgio & Peixoto F. (2022). Differentiated instruction: 'to be, or not to be, that is the question'. *International Journal of Inclusive Education*. 28(11), 2607–2623. <https://doi.org/10.1080/13603116.2022.2119290>
- Darwich, L. & DeBay D. & Forbes, L. & Mahfouz J. (2025). Play, reflect, cultivate social and emotional learning: a pathway to pre-service teacher SEL through playful pedagogies. *Front. Educ.* 9 :1478541. doi : 10.3389/educ.2024.1478541
- Massin, C. & Langendockt, M. & Keymeulen, R. (2018). Motivez les enfants par le jeu : utilisez les intelligences multiples. Deboeck supérieur.
- Mendonça, D. & Lourenço, M. J. (2011). *Brincar a pensar - Manual de Filosofia para Crianças*. Editora Plátano.
- Tacq, V. (2018). *Adapter et créer un jeu pour la classe -une introduction au game design pédagogique*. Lidilab

RECONHECER
OU SILENCIAR?
DIVERSIDADE
LINGUÍSTICA
E EXCLUSÃO
EM ESCOLAS COM
ALUNOS DE ORIGEM
IMIGRANTE

SUSETTE ALBINO

NOVA FCSH / CHAM

SÍLVIA DE ALMEIDA

NOVA FCSH / EDU.NOVA.ISPA

Os fluxos migratórios e a intensificação dos contactos interculturais transformaram profundamente a composição linguística das escolas portuguesas. Em muitos contextos educativos, coexistem, atualmente, dezenas de línguas maternas, variedades linguísticas e repertórios comunicativos distintos, tornando a diversidade linguística uma dimensão central da experiência escolar. Esta realidade desafia modelos educativos historicamente assentes numa conceção monolíngue da aprendizagem e coloca novas exigências às práticas curriculares, pedagógicas, organizacionais das escolas.

A sociolinguística tem questionado os pressupostos monolíngues que continuam a estruturar muitas práticas educativas, sublinhando que o uso flexível de todos os recursos linguísticos dos alunos – incluindo línguas maternas, variedades não padrão e línguas segunda – constitui uma prática pedagógica legítima e promotora da aprendizagem e da participação.

As abordagens plurilíngues e as perspetivas do *translanguaging* mostram que a mobilização integrada dos repertórios linguísticos favorece a inclusão e a construção de significados, enquanto a imposição de um “português único” e a não utilização das línguas dos alunos na prática pedagógica afastam a linguagem académica das identidades sociais e culturais, contribuindo para processos de invisibilização e exclusão.

Esta comunicação analisa de que forma as línguas de alunos com percursos migratórios são reconhecidas e integradas nas práticas curriculares, pedagógicas e organizacionais de nove escolas portuguesas caracterizadas por elevada diversidade linguística e cultural. A análise apoia-se em dados recolhidos em três concelhos da Área Metropolitana de Lisboa (Amadora, Sintra e Lisboa), através de questionários aplicados a alunos do 9.º ano, entrevistas a diretores, *focus groups* com professores e assistentes operacionais e análise dos projetos educativos das escolas.

Pretende-se compreender em que medida estas escolas promovem abordagens inclusivas que valorizam os repertórios linguísticos dos estudantes ou, pelo contrário, reproduzem modelos assentes na centralidade exclusiva da língua de escolarização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, S. (Coord.), Bäckström, B., Morais, C., Oliveira, C., Hortas, M. G., Santana, M. R. & Albino, S. (2025). *Projeto de Investigação Inclusão ou Discriminação? Da análise dos resultados escolares às estratégias para o sucesso dos alunos com origem imigrante. Relatório Compacto do trabalho de campo*. EPIS.
- Baty, T. (2022). Enhancing the quality of students' academic literacies through translanguaging. *Language, Culture and Curriculum*, 35(3), 303–316. <https://doi.org/10.1080/07908318.2022.2076865>
- Bouguerra, M. A. (2024). Exploring the use of translanguaging in the EFL classroom: Students' feelings and attitudes on the role of first language and English-only instruction. *Linguistics and Culture Review*, 8(1), 38–66. <https://doi.org/10.21744/lingcure.v8n1.2300>
- García, O., & Lin, A. M.Y. (2016). Translanguaging in bilingual education. In O. García & A. M.Y. Lin (Eds.), *Bilingual and multilingual education* (Encyclopedia of Language and Education, pp. 1–14). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-319-02324-3_9-1
- Wei, L., & García, O. (2022). Not a first language but one repertoire: translanguaging as a decolonizing project. *RELC Journal*, 53(2), 313–324. <https://doi.org/10.1177/003368822210928>

CENA E ARQUIVO
NOS TEXTOS DE
JACQUES RANCIÈRE:
OS SENTIDOS
DA EDUCAÇÃO
EM QUESTÃO

TAÍS ARAÚJO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – USP

Na pesquisa em Educação, dois textos de Jacques Rancière têm sido especialmente mobilizados em reflexões sobre as relações escolares e em propostas metodológicas de ensino: *O mestre ignorante* [1987] e *Escola, produção e igualdade* [1988]. Distanciando-se das abordagens no campo, nossa leitura considera não apenas o uso isolado de termos destes textos tais como: tempo livre, emancipação, embrutecimento, mas busca entender as proposições dos textos de Rancière como um todo.

Compreendemos a figura de Joseph Jacotot e a noção grega *skholé* como cenas, construídas por Rancière ao modo de uma genealogia foucaultiana. O deslocamento da literalidade de algumas das afirmações do filósofo, em favor da consideração da sua escrita tendo em vista os efeitos que a obra produziu, nos possibilita interpretar os termos em questão não como teorias e conceitos a serem postos em prática, mas antes como a efetivação de uma lógica. Esta lógica visa a um deslocamento nos regimes de representação previamente constituídos na sensibilidade dos leitores a partir da afirmação da igualdade no ato da escrita, ao trazer à luz do presente os arquivos do passado.

Com este gesto, Rancière buscou numa certa abordagem da história elementos que iluminassem questões do seu tempo a ponto de tornar possível a transgressão do perceptível, do visível, do dizível e do pensável acerca de determinados assuntos. Por sua vez, a análise sustentada nesta proposta tem por intenção compreender os tão mencionados termos de Rancière a partir do seu contexto próprio de elaboração, ou, nas palavras do autor, integrados a um bloco sensível, configurado como uma condensação de experiências que se apresenta na forma de um livro ou um artigo. A partir daí, conseguimos examinar a pertinência e adequação dos termos em tela para uma compreensão dos sentidos da educação e da formação no mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org; Editora 34, 2009.
- RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Tradução de Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- RANCIÈRE, Jacques; JDEY, Adnen. *La méthode de la scène*. Paris: Éditions Lignes, 2018.
- RANCIÈRE, Jacques. *Escola, produção e igualdade*. In: CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. (org.) *Jacques Rancière e escola: educação, política e emancipação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.
- WAKS, Jonas Tabacof et al. Tomada da palavra e conquista de tempo livre: uma entrevista com Jacques Rancière. In: CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. (org.) *Jacques Rancière e escola: educação, política e emancipação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.

A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL À LUZ DE DAVID HUME

TERESA TATO LIMA

NOVA FCSH / CHAM

160

Um aluno poderá usufruir de um tutor de Inteligência Artificial que “ouve, orienta e inspira a aprendizagem”. Em que consiste a Inteligência Artificial? O que se pode esperar da Inteligência Artificial? Ouvir, orientar e inspirar serão competências que se lhe poderão atribuir. Tomando como guia estas questões, a reflexão que se propõe visa trazer ao diálogo uma abordagem epistemológica da Inteligência Artificial. Para tal efeito, apresentar-se-ão alguns elementos da perspectiva de David Hume sobre o entendimento humano.

Na sua primeira Investigação, Hume afirma: “o nosso pensamento está confinado a limites muito estreitos, e que todo este poder criador da mente não é mais do que a capacidade de compor, transpor, aumentar ou diminuir os materiais que nos são fornecidos pelos sentidos e pela experiência”.

Segundo Hume, o entendimento humano é apresentado com uma capacidade restrita: trabalhar, de formas diversas, os dados da experiência. Neste sentido, a perspectiva humeana sobre a razão e sobre o sujeito será relevante: de que forma a tecnologia pode ser equiparada à razão humana? A inteligência artificial será um “quem”?

ALFABETIZAÇÃO
COMO PROJETO
DE EMANCIPAÇÃO?
UMA ANÁLISE DAS
CAMPANHAS DE
ALFABETIZAÇÃO DA
COMISSÃO PRÓ-UNEP
E DO MOVIMENTO
ALFA EM PORTUGAL
(1974–1976)

TERESA TEIXEIRA LOPO

UNIVERSIDADE LUSÓFONA / CEIED

DANIEL BART

UNIVERSITÉ TOULOUSE – JEAN JAURÈS / EFTS

Nesta comunicação propomos apresentar os primeiros resultados de um projeto de investigação em curso sobre as Campanhas de Alfabetização levadas a cabo, entre 1974 e 1976, pela Comissão Pró União Nacional dos Estudantes Portugueses (Pró-UNEP) e o Movimento Alfa - Brigadas Estudantis de Trabalho e Alfabetismo. Dinamizadas por associações de estudantes universitários e surgidas no contexto da Revolução de 25 de Abril de 1974, estas Campanhas foram apresentadas como meios de democratização da educação e de inclusão social. Foram, contudo, de curta duração e controversas, dando origem a diversas formas de oposição, nomeadamente, de natureza política.

Nesta comunicação, propomos reexaminar as razões frequentemente invocadas para explicar o “fracasso” destas Campanhas, centrando-nos no modo como o próprio processo de alfabetização foi concebido e implementado. Os estudantes-alfabetizadores envolvidos nestas Campanhas eram convidados a aplicar uma pedagogia inspirada nos trabalhos de Paulo Freire. Todavia, tanto os pressupostos desta abordagem, como as modalidades de formação dos estudantes-alfabetizadores podem ser questionados à luz dos debates em torno do conceito de emancipação.

As análises de Jacques Rancière convidam, em particular, a problematizar a ideia de que as populações envolvidas deveriam ser conduzidas a uma maior “conscientização” política, bem como o lugar atribuído aos próprios estudantes-alfabetizadores no âmbito da sua formação para a aplicação rigorosa do método no terreno. A partir desta perspetiva, a comunicação analisará em que medida estas conceções pedagógicas poderão ter produzido dinâmicas de afastamento e de exclusão, manifestadas na rejeição das Campanhas pelas populações a que se destinavam ou na desmobilização dos estudantes-alfabetizadores que nelas participaram.

Com base em entrevistas de história oral e na análise de fontes documentais, esta comunicação visa contribuir para a reflexão sobre as relações entre educação, emancipação e democracia, mostrando como estas questões se colocaram, concretamente, no contexto da transição democrática portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Freire, P. (1972). *Pedagogia do oprimido*. Afrontamento.
- Mogarro, M. J., & Pintassilgo, J. (2009). Educação, cidadania e alfabetização em contexto revolucionário. In A. Seça, A. M. Bettencourt, F. Veiga, I. Davies, J. Pintassilgo, L. Cortesão, M. J. Mogarro & R. Vieira (Eds.), *A escola como espaço social. Leituras e olhares de professores e alunos*. Porto Editora.
- Rancière, J. (1987). *Le maître ignorant : Cinq leçons sur l'émancipation intellectuelle*. Fayard
- Rancière, J. (2003). Entrevista con Jacques Rancière de A. Benvenuto, L. Cornu & P. Vermeren. *Educación y Pedagogía*, 15(36), 13-27.
- Stoer, S. (1999). Apropriações políticas de Paulo Freire: Um exemplo da revolução portuguesa. *Educação, Sociedade e Culturas*, 11, 67-81.

TOWARDS A MULTIDIMENSIONAL EXCLUSION FRAMEWORK FOR AI IN EDUCATION

WAQAS HALIM

AI4EDU LAB, TORONTO, CANADA

AI, generative AI, and other forms such as LLMs are frequently becoming part of learning processes. However, their exclusionary implications in a systematic manner have not been theorized. To bridge this theoretical gap, we propose a framework of multidimensional exclusion. We conceptualize this framework as a systematic process that impacts the learning of AI's non-standard users and adversely affects their inclusion, representation, and visibility.

We identify several axes of exclusion: linguistic, cognitive style, cultural, epistemic, socioeconomic, geographic, age, neurotype, pedagogical preference, dialect, ability, gender, and institution, among others. In most cases, the average user is a neuro-conforming, Anglophone, self-directed, and text-preferring learner from the Global North. In addition, having reliable internet, devices, and premium subscriptions is a requirement for proficiency and familiarity with these systems. Every difference from this template results in adverse exclusion. For instance, training data bias creates barriers for speakers of low-resource languages such as Swahili, Quechua, and Navajo (Broussard, 2018). Similarly, non-traditional learners who prefer non-linear, voice-based, or embodied ways of knowing are not the focus of this approach. AI is not built for learners who prefer relational ways because when AI tutors are used more frequently than human teachers, their concerns are sidelined (Noddings, 1984; Biesta, 2021). In the same way, pattern-generating models neglect neurodivergent learners (e.g., autism, ADHD, dyslexia). These models lack personalization for their specific needs and are optimized for "average" cognitive patterns.

Our framework combines intersectionality theory (Crenshaw, 1989) and epistemic injustice (Fricker, 2007). This integration implies that exclusion does not simply add but, in fact, multiplies and intersects with other axes. As a consequence, the level of invisibility experienced by some users at the intersection of these axes is compounded. These exclusion mechanisms cannot be addressed through temporary technical limitations alone. Similarly, improved algorithms alone cannot bring fairness and justice. The logic of optimization and efficiency is intrinsic to systems created for statistical majorities (Pasquale, 2015; Benjamin, 2019).

The paper argues that epistemic inclusion through deliberate design for pluralism should be prioritized over purely technical responses. This requires a normative commitment to redress these exclusionary mechanisms. More importantly, it must consider all axes of learner identity, context, and epistemic orientation. The paper will provide suggestions on why these challenges are important to addresses and what can be possible pathways.

BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

Benjamin, R. (2019). *Race after technology: Abolitionist tools for the new Jim Code*. Polity Press.
Biesta, G. (2021). *World-centred education: A view for the present*. Routledge.
Broussard, M. (2018). *Artificial unintelligence: How computers misunderstand the world*. MIT Press.
Crenshaw, K. (1989). Demarginalizing the intersection of race and sex. *University of Chicago Legal Forum*, 1989(1), 139-167.
Fricker, M. (2007). *Epistemic injustice: Power and the ethics of knowing*. Oxford University Press.
Noddings, N. (1984). *Caring: A feminine approach to ethics and moral education*. University of California Press.
Pasquale, F. (2015). *The black box society: The secret algorithms that control money and information*. Harvard University Press.

PATOLOGIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS SURDAS: ENTRE A DIFERENÇA LINGUÍSTICA E A LÓGICA DA NORMALIZAÇÃO

WIVIANE LOPES VENANCIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JATAÍ (PPGE/UFJ)

Este trabalho apresenta um desdobramento de pesquisa desenvolvida no âmbito da especialização em Educação Inclusiva com Ênfase na Educação de Surdos, cursada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT). A proposta atual situa-se no campo da Filosofia da Educação ao problematizar os sentidos atribuídos à inclusão, à diferença e à formação humana, tendo como tema a patologização da educação em sua relação com a inclusão escolar de crianças surdas em processo de alfabetização.

Parte-se da constatação de que discursos educacionais orientados pelo direito à inclusão podem conservar práticas excludentes quando interpretam diferenças linguísticas e modos específicos de aprendizagem a partir de uma racionalidade médico-patologizante e normalizadora. A lacuna que mobiliza esta reflexão refere-se à necessidade de ampliar o debate sobre as relações entre patologização, surdez, alfabetização e produção de exclusões escolares. Diante disso, questiona-se: que concepção de educação permite reconhecer a criança surda como sujeito de linguagem, aprendizagem e direitos, e não como expressão de uma lógica da normalização?

O objetivo é analisar como a racionalidade médico-patologizante desloca o foco das condições pedagógicas, linguísticas e institucionais para uma leitura normalizadora da criança surda. Metodologicamente, trata-se de pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica e documental, articulada à releitura crítico-reflexiva de uma experiência de estágio supervisionado. Os resultados indicam que a patologização tende a desconsiderar a surdez como diferença linguística e cultural, reforçando barreiras no processo de alfabetização.

Como contribuição científica, o estudo busca fortalecer uma compreensão crítica da inclusão escolar, defendendo práticas pedagógicas bilíngues que reconheçam crianças surdas como sujeitos de linguagem, aprendizagem e direitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Carlos César. Educação inclusiva: saberes, práticas e emancipação. In: CASTRO, Antonilma Santos Almeida; BASTOS, Edinalma Rosa Oliveira; SOUZA, Zenilda Fonseca de Jesus (org.). Educação inclusiva: formação e experiências. Salvador: EDUFBA, 2020.
- CHAGAS, Julia Chamusca. Atuação da psicologia escolar frente à patologização e medicalização da educação superior. 2018. Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- FERNANDES, Sueli. Práticas de letramento na educação bilíngue para surdos. Curitiba: SEED, 2006.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.
- STEFFEN, Lindomar Lindolfo. Teoria Histórico-Cultural e as Consequências da Patologização da Surdez na Vida dos Surdos: Aquisição Tardia da Libras e Dificuldades para a Constituição da Identidade Surda / Dissertação de mestrado. Lindomar Lindolfo STEFFEN; orientadora Jane.

EPLAB

9-11 SET 2026

NOVA FC SH

X CONGRESSO INTERNACIONAL DA SOCIEDADE DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO DE LÍNGUA PORTUGUESA A EDUCAÇÃO ENTRE INCLUSÕES E EXCLUSÕES

LIVRO DE RESUMOS

EDITORA

Instituto de Filosofia da Nova (IFILNOVA)
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa
ifilnova@fcsh.unl.pt | www.ifilnova.pt

DESIGN E PAGINAÇÃO

Joana Areal Studio

DOI

<https://doi.org/10.34619/jume-03wj>

FINANCIAMENTO

Evento financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito dos projetos
UID/00183/2025 <https://doi.org/10.54499/UID/00183/2025> e UID/04372/2025 <https://doi.org/10.54499/UID/04372/2025>.

© 2026 Instituto de Filosofia da Nova e autores.
Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).